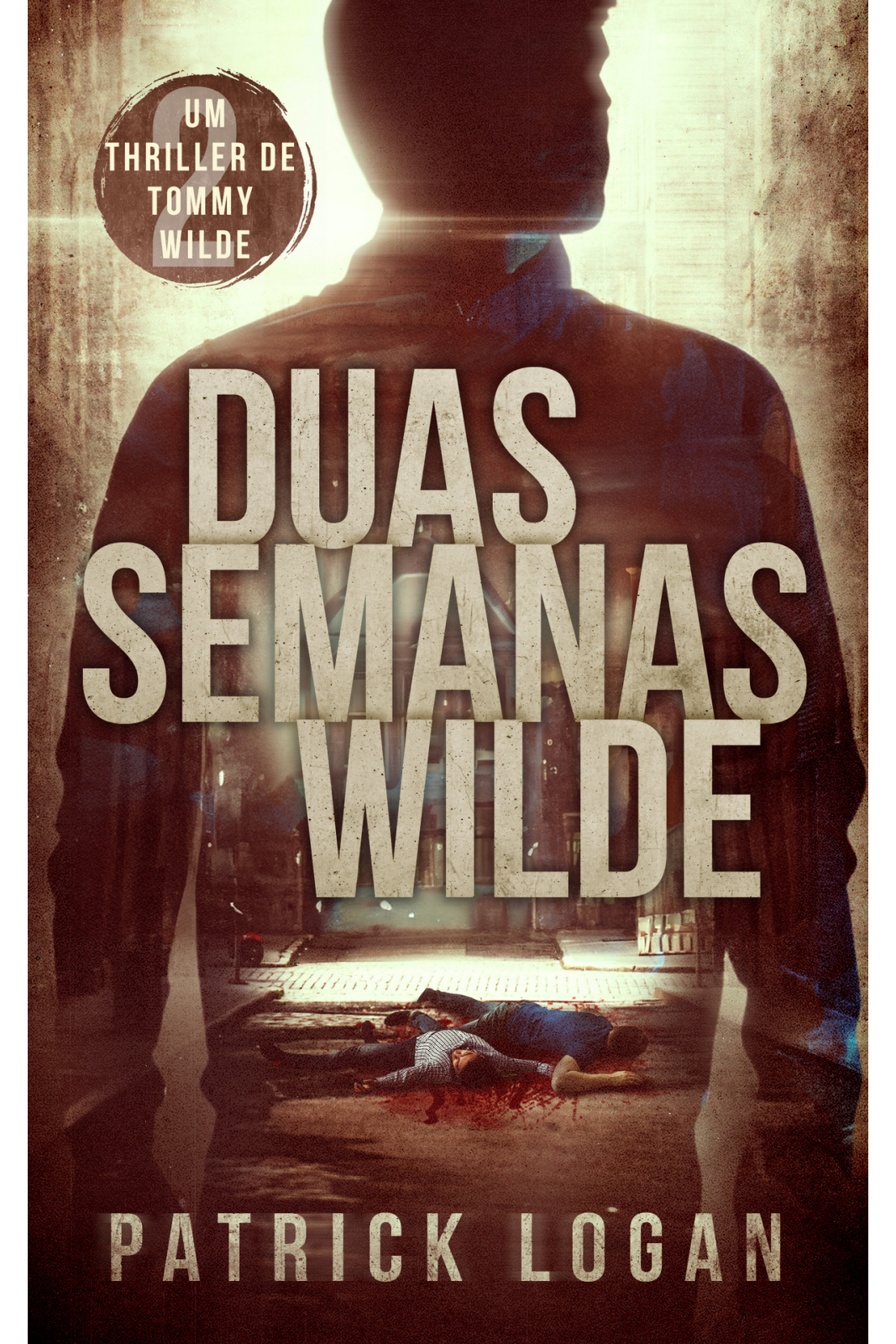




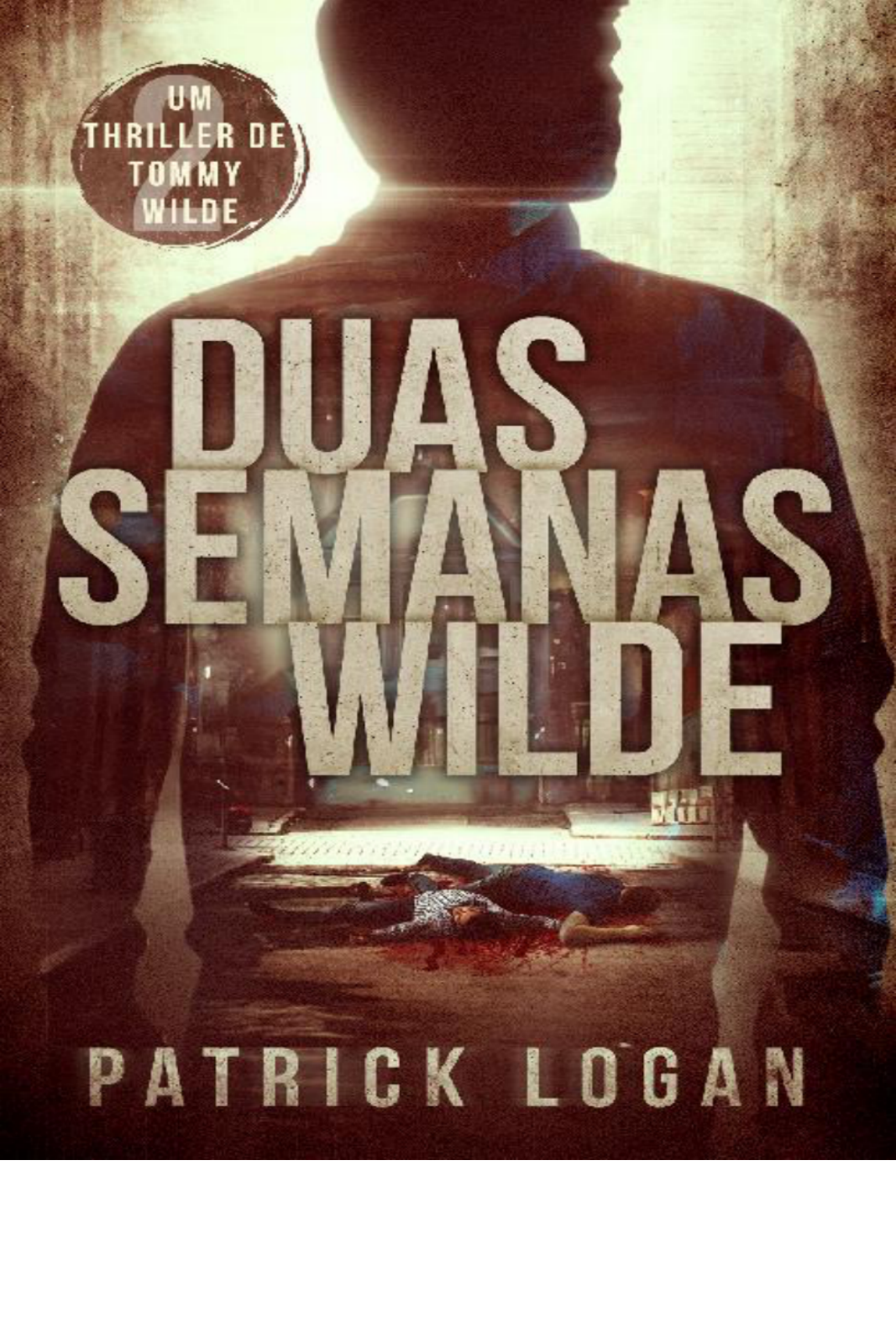
UM
THRILLER DE
TOMMY
WILDE

DUAS SEMANAS WILDE

PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



UM
THRILLER DE
TOMMY
WILDE

DUAS SEMANAS WILDE

PATRICK LOGAN

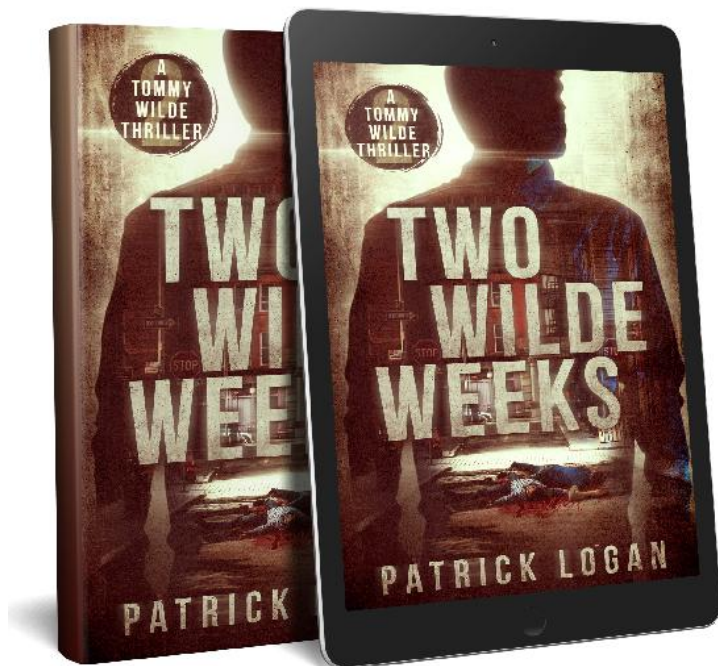
Table of contents

1. Capítulo 2
2. Capítulo 3
3. Capítulo 4
4. Capítulo 5
5. Capítulo 6
6. Capítulo 7
7. Capítulo 8
8. Capítulo 9
9. Capítulo 10
10. Capítulo 11
11. PARTE II
12. Um aliado improvável
13. Capítulo 12
14. Capítulo 13
15. Capítulo 14
16. Capítulo 15
17. Capítulo 16
18. Capítulo 17
19. Capítulo 18
20. Capítulo 19
21. Capítulo 20
22. Capítulo 21
23. Capítulo 22
24. Capítulo 23
25. Capítulo 24
26. Capítulo 25
27. Capítulo 26
28. PARTE III
29. Pagamento de dívidas
30. Capítulo 27
31. Capítulo 28
32. Capítulo 29
33. Capítulo 30
34. Capítulo 31
35. Capítulo 32
36. Capítulo 33
37. Capítulo 34
38. Capítulo 35
39. Capítulo 36
40. Epílogo

41. [FIM](#)
42. [Nota do autor](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Além disso, não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:

www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Duas Semanas Wilde

Um thriller de Tommy Wilde

Livro 2

Patrick Logan

Duas Semanas Wilde

Prólogo

PARTE I

As histórias dos mortos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

PARTE II

Um aliado improvável

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

PARTE III

Pagamento de dívidas

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Epílogo

FIM

Nota do autor

Outros livros de Patrick Logan

Duas Semanas Wilde

Prólogo

"Perdoe-me, pai, pois eu pequei". Tommy Wilde suspirou. "Já se passaram duas semanas desde minha última confissão."

"Bem-vindo, Tommy. Que Deus tenha misericórdia de você e de sua confissão", respondeu o Padre Miller, com a voz calma e uniforme.

Tommy abriu a boca para falar, mas fechou-a novamente antes que qualquer palavra saísse.

Não era que ele estivesse preocupado em admitir o que havia feito ao Padre Miller - não apenas o homem estava obrigado a manter sigilo, mas eles se conheciam há décadas -, mas era algo completamente diferente.

Algo mais pessoal.

"Não tenha pressa, meu filho. E lembre-se, a única maneira de buscar o perdão por seus pecados é expressá-los a nosso Senhor."

Confessar, de alguma forma, tornava tudo mais real, mais tangível. Tommy sabia que esse era um conceito ridículo - as consequências de suas ações existiam, quer fossem ditas ou não -, mas isso não acalmava a voz dentro dele.

Aquela que sugeria que seria melhor esquecer, bloquear todas as coisas que lhe causavam dor e sofrimento. Mas essa também não era uma opção; Tommy buscava - não, ele *ansiava* - por uma solução.

Duas semanas atrás, ele era apenas um homem comum tentando construir seu negócio, tentando descobrir como pagar as contas.

Agora, seu foco passou a ser permanecer vivo.

"Não consigo... Pai, não consigo acreditar no que fiz", disse Tommy por fim. "Não posso acreditar no que me *tornei*."

"Tommy, nossas escolhas não nos definem. Elas são apenas um instante de um momento no tempo, não um encapsulamento de todo o nosso ser."

Tommy refletiu sobre as palavras do padre por alguns instantes antes de responder.

Mas e se tudo o que você fez nas últimas duas semanas for repreensível? Condenável? Em que ponto você deixa de ser quem costumava ser e passa a ser quem é agora?

Tommy olhou para a cicatriz rosa no local onde ficava seu dedo mindinho.

Eu não queria nada disso... a culpa não foi minha.

Ele colocou a mão no bolso e sentiu o maço de notas dentro dele.

Mas talvez eu mereça isso. Talvez eu esteja sendo punido.

"Tommy, lembre-se de que esta igreja, a casa de nosso Senhor, é um lugar sagrado..."

Tommy retirou o dinheiro e o segurou na palma da mão.

"Da última vez", ele começou, interrompendo o padre Miller, "da última vez o senhor disse que todos os pecados podem ser perdoados".

A resposta do padre foi imediata.

"Todo pecado é perdoável, Tommy. Aos olhos do Senhor, tudo o que você precisa fazer é pedir perdão. Você precisa admitir tudo o que fez e precisa se arrepender. Então, Ele terá misericórdia de sua alma."

Pensando profundamente, Tommy folheou o maço de notas, que ele sabia ser de exatamente dez mil dólares.

Tanto ele quanto seu irmão vinham à *Our Lady of Assumption* desde crianças, pois não tinham para onde ir para evitar a violência e o abuso em casa. E, desde aquela época, Tommy sabia que a igreja estava carente de dinheiro. As doações locais não chegavam a tanto, especialmente naquela vizinhança, e nem mesmo o Holy Place estava imune às pressões da vida real.

Era apenas uma questão de tempo até que uma incorporadora chegasse e abocanhasse a igreja. Claro, eles fariam todas as reivindicações e promessas apropriadas - uma igreja maior e melhor em outro lugar da cidade - mas não seria a mesma coisa.

Uma nova placa, um novo prédio, um novo padre?

Esse era o único lugar em que Tommy podia vir para ter paz, o que ele precisava muito, considerando o quanto as coisas tinham dado *errado* nas últimas duas semanas.

E ele só viria aqui, a este local, para falar com o Padre Miller.

Nada mais seria suficiente - nada mais *funcionaria*.

Tommy lambeu os lábios e limpou a garganta.

"Tudo? Eu tenho que admitir tudo?"

"Sim, Tommy. Tudo é perdoável, desde que você admita o que fez."

Tommy respirou fundo e fechou os olhos.

"Pai, eu cometi o pecado supremo. Cometi um assassinato".

PARTE I

As histórias dos mortos

Capítulo 1

Duas semanas atrás

Tommy empurrou com os dois pés, tentando derrubar seu agressor para trás, para que ambos caíssem no chão. Mas quem quer que tenha colocado o saco sobre sua cabeça era grosso e musculoso. Em vez de cair, Tommy foi erguido no ar.

A pessoa que o agarrou no abraço de urso prendeu seus braços ao lado do corpo, então Tommy tentou jogar a cabeça para trás, mas isso só serviu para machucar seu pescoço.

Seu agressor era mais baixo do que ele, mas isso era tudo o que Tommy tinha para continuar.

Quem diabos é esse? Quem está me agarrando? Vinny? Tony?

Tudo o que ele sabia com certeza era que estava em uma grande encrenca.

Novamente.

"Deixe-me ir!", ele gritou. "Deixe-me ir!"

O som era quase ensurdecedor dentro do capuz grosso.

Movendo-se para trás em um ritmo alarmante, Tommy percebeu que estava sendo puxado para fora.

Ele gritou novamente, desta vez pedindo ajuda, mas algo - uma mão, talvez - foi colocado em sua boca. Tommy tentou mordê-la, mas tudo o que conseguiu foi uma boca cheia de algodão de gosto ruim.

Ele engasgou e balançou a cabeça de um lado para o outro na tentativa de desobstruir as vias aéreas e respirar novamente.

Há dois deles, sua mente frágil lhe disse. Um segurando-o no ar e outro cobrindo sua boca.

No momento em que ele chegou a essa conclusão, a mão que estava em seu rosto se afastou de repente e o abraço de urso se soltou.

Tommy só teve tempo de respirar fundo antes de sentir suas mãos serem puxadas para trás e amarradas com o que ele suspeitava ser um laço de zíper. Pensando que essa poderia ser sua única chance de escapar, ele chutou os calcanhares para trás e finalmente fez contato com algo duro.

Ele ouviu o grunhido de um homem e, pela primeira vez desde que foi agarrado, os dedos de seus sapatos tocaram a calçada.

Mas Tommy não teve a chance de correr às cegas pela entrada da

garagem. Algo sólido o atingiu no estômago, e ele imediatamente se dobrou, mais uma vez lutando para respirar.

Com o diafragma paralisado, Tommy tinha certeza de que era o fim, que iria morrer.

Que alguém iria assassiná-lo aqui mesmo, na sua entrada, e ele nunca saberia quem.

Tommy choramingou quando sua estrutura curvada foi endireitada com força e ele foi levantado pelos ombros e tornozelos.

Ele ouviu a porta de um carro se abrir e foi jogado no que ele supôs ser o banco de trás.

Um carro funerário... eles me colocaram em um carro funerário, pensou ele. Vão me levar para um cemitério e me obrigar a cavar meu próprio túmulo.

Uma ideia ridícula, mas depois da noite selvagem que Tommy acabara de viver, sua mente tendia a se desviar para o absurdo. O terror de ser sequestrado também não ajudava.

Quando os pneus guincharam e o veículo engatou a marcha à ré, Tommy conseguiu respirar novamente. O oxigênio inundou seu sistema, fazendo com que as pontas de seus dedos formigassem... ou talvez fossem apenas alfinetes e agulhas por causa do zíper apertado demais.

De qualquer forma, depois de quatro grandes respirações, Tommy finalmente se recuperou o suficiente para falar novamente. E o fato de estar deitado no banco de trás significava que havia pouca chance de uma mão abafar suas palavras agora.

"Deixe-me ir, porra!"

Como não houve resposta, Tommy decidiu adotar uma abordagem diferente.

Afinal, o que importava o que ele dizia?

As palavras de um homem morto sempre caem em ouvidos surdos.

"Você sabe quem eu sou? Você ao menos sabe quem eu sou, porra?"

Quando seus gritos foram novamente recebidos com silêncio, Tommy começou a chutar violentamente.

"Vocês, seus filhos da puta, sabem quem eu sou?"

Isso provou ser um erro. Ele sentiu a pressão no banco de trás mudar e retesou as entranhas, esperando que outro golpe viesse.

Em vez disso, mãos ásperas agarraram seus tornozelos. Tommy tentou instintivamente se soltar, mas quem o estava segurando evidentemente tinha experiência em dominar prisioneiros.

Em segundos, seus tornozelos, assim como seus pulsos, foram amarrados por um zíper.

"O que você quer?" Tommy exigiu, mudando sua tática mais uma vez. "O que você quer de mim?"

Ele ainda não tinha ideia de quem o havia levado ou por quê. Se

não estivesse tão exausto, Tommy poderia ter feito uma lista de pessoas que poderiam querer machucá-lo - começando por Nick Petrazzino e sua equipe -, mas tudo o que ele conseguia pensar, inexplicavelmente, era em Dustin.

"Sinto muito", ele resmungou baixinho, sem saber se seus captores poderiam ouvi-lo através do capuz grosso. "Eu sinto muito, está bem?"

Percebendo que seus sequestradores deviam ser profissionais, Tommy decidiu poupar o fôlego. Em vez disso, ele se concentrou no carro, nas curvas que o motorista estava fazendo, caso ele sobrevivesse o suficiente para usar essa informação. Mas Tommy rapidamente desistiu disso também.

Deitado de lado, ele nem sabia ao certo para que lado ficava a esquerda ou a direita, para cima ou para baixo.

Quando estamos entediados, às vezes imaginamos cenários fantásticos. Como, por exemplo, ser sequestrado. O que você faria? Lutaria até não ter mais nada? Tornar-se-ia um animal raivoso, rasgando, dilacerando, sobrevivendo? Chutaria uma janela, pularia de um carro em movimento, correria por quilômetros, dias, até? Ficaria na floresta, caçando pequenos animais que pegaria com suas mãos de urso e comeria crus?

Claro, todas são boas ideias.

Mas a realidade era que as situações de risco de vida não o transformavam de repente no Incrível Hulk ou no 007. Você era apenas você, apenas estressado e assustado.

Tommy não era um super-herói. Ele era apenas um cara que limpava a bagunça de outras pessoas.

Passou-se um tempo indiscernível até que o carro parasse abruptamente.

"Onde estou?" A voz de Tommy estava mais desesperada do que furiosa agora.

Sem resposta.

Quando a porta a seus pés foi aberta, Tommy tentou se empurrar na direção oposta, mas acabou batendo o topo da cabeça contra a outra porta.

Mãos grossas o arrancaram do carro, e ele se viu novamente em um abraço de urso, só que dessa vez Tommy não tinha mais forças para lutar.

Ele foi carregado por cerca de dez passos e depois abaixado no chão. Mesmo quando os braços que o envolviam se soltaram, Tommy sabia que não deveria tentar correr.

"Onde estou?", repetiu ele, com as palavras cheias de medo.

Essa era a verdadeira realidade das situações perigosas. Você podia começar batendo no peito com os punhos, mas quase sempre acabava com as bolas enfiadas no estômago e o cu enrugado.

Além de sua própria voz, Tommy ouviu algo que parecia ser água em movimento.

No momento em que ele estava se dando conta do que isso poderia significar, sentiu o capuz se apertar quando alguém agarrou o tecido e, em seguida, ele foi arrancado.

"Droga!" Tommy gritou enquanto olhava para um rio furioso abaixo. "*Fuuuuuuuuck!*"

Capítulo 2

"Tire-me daqui!" Tommy gritou. "Desça-me!"

Ele estava pendurado na lateral de uma ponte, a apenas seis metros ou mais de um corpo d'água que se movia rapidamente.

"Onde está nosso dinheiro, Tommy?", exigiu uma voz familiar.

Tommy tentou inclinar a cabeça para trás, mas, ao fazê-lo, sentiu seus pés começarem a escorregar.

O homem agarrou o zíper em seus pulsos para evitar que ele caísse.

"Não me solte! Não me solte!"

"Onde está nosso dinheiro?"

"Marv, isso é uma loucura! Por favor, me tire daqui! Pelo amor de Deus, me tire daqui!"

"O que é loucura é que você não nos trouxe o dinheiro", rebateu o policial Marvin Pendergast. "Achei que estava tudo certo ontem à noite quando você tentou me chupar: oito e meia. Você deveria ter me pago às oito e meia da manhã.

"Eu vou conseguir, eu vou conseguir, eu juro. Só, por *favor*, me tire daqui!"

"Foi o que você disse ontem à noite, Tommy, quando eu estava com uma arma apontada para a sua cabeça e você estava lambendo os beiços e abrindo a garganta. Mas, aparentemente, você não entendeu a mensagem."

"Marv-Marv, você vai me matar por causa de três mil dólares? Vamos pensar bem, cara. Vou conseguir seu dinheiro... E-eu-eu só preciso de mais algum tempo."

Tommy não conseguia parar de olhar para a água. Ela era hipnótica.

"*Ontem* eram três mil dólares, Tommy. Hoje são quatro."

"Quatro?"

"Você quer que sejam cinco? Vamos fazer cinco, então".

Tommy abriu a boca para reclamar novamente, mas se conteve. Dizer qualquer outra coisa só faria com que o número aumentasse.

"Muito bem, Scooter, acho que dessa vez ele entendeu a porra da imagem. Puxe-o de volta do parapeito."

Ainda segurando-o pelo zíper com uma das mãos, o policial Scott Spencer passou o outro braço em volta da cintura de Tommy e o puxou para trás do parapeito.

Quando ele o soltou, Tommy caiu de joelhos. Ele quase podia beijar o chão... que parecia estranhamente familiar.

Mas que diabos?

Seus olhos se movimentaram, passando de um Marv sorridente para

Scooter, para a cerca de madeira que cercava o canteiro de obras abandonado atrás dele.

A ponte... Jesus Cristo, estou na Ponte da Intenção.

"Achei irônico", disse Marv com uma risada. "Depois que meu turno terminou e você ainda não tinha aparecido, pensei comigo mesmo: como posso dar uma lição nesse tal de Tommy? E então pensei na noite passada e em encontrar você aqui. Pensei em trazê-lo de volta. Eu até que gosto daqui..." Marv acenou com a cabeça enquanto examinava a área. "É tranquilo e ninguém vai nos incomodar. Não é verdade, Scooter?"

Scooter, uma versão mais alta e magra de Marv, com um espesso bigode preto, ajustou os óculos escuros de armação branca em seu nariz.

"Claro que sim."

Tommy tentou se levantar, mas isso se mostrou muito difícil com os pulsos e tornozelos amarrados.

"Scooter, solte os tornozelos dele, mas deixe as mãos amarradas para o caso de o nosso homem, Tommy Wilde, ficar um pouco excitado."

Scooter assentiu com a cabeça, tirou um canivete do bolso e foi atrás dele. Tommy manteve os olhos fixos em Marv enquanto o parceiro do homem cortava o zíper que prendia seus tornozelos.

Era bom estar livre, e Tommy se espreguiçou um pouco antes de se levantar.

"O que aconteceu com sua mão?" perguntou Scooter ao reaparecer na frente dele. Os dois homens tinham sorrisos iguais em seus rostos agora. Sorrisos de comer merda. "Alguém mais está te pressionando por dinheiro, Big Tom?"

O comentário foi tão certo que Tommy ficou olhando por um momento. Quando o sorriso de Scooter começou a se desmanchar, ele se manifestou rapidamente.

"Não... não, foi só um acidente de trabalho. Você pode, por favor, cortar meus pulsos?"

Scooter olhou para Marv, que balançou a cabeça.

"Não, acho que vamos mantê-los assim, Tommy. Para nossa proteção. Tenho certeza de que você entende."

Não estou entendendo nada disso!

"Eu não vou fazer nada. Por favor."

A expressão de Marv endureceu.

"Eu sei que você não fará isso porque suas mãos ficarão atadas."

Tommy engoliu, sabendo que não deveria discutir com nenhum dos policiais corruptos.

"Não fique tão triste, Tommy", ofereceu Scooter. "São cinco mil dólares, só isso. Centavos para um grande empresário como você. Um

grande homem com um grande cérebro, PhDs. Muito esperto. É só pagar."

Tommy não tinha cinco mil dólares. Ele não tinha nem cem dólares em seu nome.

"Onde eu devo..."

Marv, prevendo o resto de sua frase, o interrompeu preventivamente.

"Não dê a mínima. Roube sua avó, venda um rim. Chupe o pau de um transexual. Mas você vai pagar, Tommy. E esta é sua última chance. Está me entendendo? Porque eu não estou mais brincando".

Mais? Mais? Você já apontou uma arma para a minha cabeça e quase me jogou em um rio!

Tommy não tinha certeza de até onde esses dois homens de uniforme iriam se ele não apresentasse o dinheiro, mas onde quer que parassem - se parassem - Nick estaria lá para pegar a folga.

Ou as peças.

Se Marv e Scooter não continuassem a lhe enviar trabalhos, ele ficaria um pouco aquém do salário mensal de cem mil dólares.

"Sim", disse Tommy suavemente. "Eu entendo."

"Você entende? Você *entendeu*, Tommy? Porque você não está agindo como se tivesse *entendido*", ameaçou Marv.

Tommy balançou a cabeça.

"Vou pegar seu dinheiro."

"Sim, eu sei que você vai, porque você é um garoto inteligente. Mas para o caso de você pensar em parar de ser inteligente e ser *estúpido*, Scooter tem um vídeo para lhe mostrar."

Os olhos de Tommy se arregalaram.

Um vídeo?

Scooter tirou o celular do bolso.

"Dê uma olhada", disse ele com um sorriso, virando o telefone.

Tommy quase engasgou quando viu o exterior de *Our Lady of Assumption* na telinha.

"De onde você tirou isso?", perguntou ele, com a garganta subitamente seca. "Onde..."

"Não importa de onde eu tirei isso. Apenas observe."

Tommy podia sentir seu corpo começar a balançar, pois seu coração estava batendo muito forte no peito.

No vídeo, ele viu um homem esguio de cabelos castanhos correr em direção à igreja e parar do lado de fora das portas da frente. O homem balançou a cabeça, como se estivesse se convencendo de algo, antes de olhar para cima e seguir em direção ao beco atrás da igreja e sair do quadro.

"Para que conste, sabemos que seu irmão idiota entrou", disse Scooter com naturalidade.

Tommy continuou a assistir, horrorizado, enquanto Scooter acelerava o vídeo e quatro pessoas entravam na filmagem: o observador e os dois drogados, além de outra pessoa.

Um homem com um rabo de cavalo preto e sapatos de grife.

"Você sabe quem é, Tommy?"

"Não", ele mentiu. "Eu não tenho a menor ideia."

Marv chupou os dentes.

"Esse cara aqui? Ele é um traficante de drogas. Oscar Bugli, uma merda."

Tommy continuou se fazendo de desentendido.

"Quem?"

"Ah, só um cara que está vendendo drogas para Nick Petrazzino... chefe da *Casata Pasta* ou algo assim. Bom, goombah."

A expressão de choque de Tommy foi confundida com ignorância.

"Um mafioso, Tommy. Nick é um maldito mafioso. E esse Oscar, bem, sabemos que ele está traficando um pó branco caro para o chefe, entende o que estou dizendo?"

A mente de Tommy estava quase tão acelerada quanto seu coração.

De onde eles obtiveram esse vídeo? E, mais importante, por quanto tempo eles estavam gravando?

Mais uma vez, ele tentou limpar a garganta, mas agora ela não estava apenas seca; parecia ter se contraído até o diâmetro de um canudo.

Eles também me viram descer o beco? Eles nos viram carregando o corpo para fora?

"Ei, terra para Tommy", disse Scooter, puxando o celular de volta e colocando-o no bolso.

Tommy ergueu os olhos para olhar o homem. Ele não era tão musculoso quanto Marv, mas era bem constituído. E a adição do bigode fazia com que ele parecesse mais uma caricatura de policial do que um verdadeiro policial da NYPD.

"Sim, então, caso você queira fazer alguma besteira, pense nesse vídeo. Pense na liberdade condicional de seu irmão e na rapidez com que ele se veria atrás das grades se isso fosse divulgado. Você sabe, *confraternizar* com um criminoso conhecido. E acredite em mim, Tommy", continuou Marv, lambendo os lábios de puro prazer, "atrás das grades, o pequeno Brian Wilde estará jogando mais salada do que a garçonete safada do Olive Garden".

"Vou pegar seu dinheiro."

Marv acenou com a cabeça.

"É claro que você vai. Todos os cinco mil dólares. E você vai recebê-los em...", ele olhou para Scooter. "O que você acha? Em uma semana? Parece justo, não é?"

Uma semana?

Scooter riu.

"Sim, uma semana. A não ser, é claro, que você queira fazer seis mil?"

Tommy balançou a cabeça.

"Ótimo." Marv estendeu a mão e deu um tapa nas costas de Scooter.

"Vamos, Scoot, vamos dar o fora daqui. Estou muito cansado. Além disso, quero lhe contar uma história sobre quando o Tommy estava implorando para chupar meu pau. Ele estava tão desesperado, cara, que juro que quase fiquei duro."

Os dois homens se viraram e, por alguns segundos, Tommy se contentou em vê-los partir.

Foi só quando abriram a porta da caminhonete de Marv, que estava fora de serviço, que ele se lembrou de que seus pulsos ainda estavam amarrados.

"Espere! Você não pode me deixar aqui!"

Marv riu, mostrando os molares a Tommy.

"Claro, podemos."

O homem entrou em seu carro e fechou a porta.

Scooter fez o mesmo.

"Pelo menos solte minhas mãos!" Tommy implorou. "Por favor! Apenas corte..."

Marv pisou fundo no acelerador e girou o volante para um lado.

Um grito agudo chegou a Tommy quase ao mesmo tempo que a chuva de seixos e pedras.

Capítulo 3

Tommy fechou os olhos e enfiou o queixo no colarinho até que o jato de pedras terminasse e o cheiro de borracha queimada desaparecesse.

"Que merda", ele sussurrou. Ele abriu os olhos e gritou o refrão o mais alto que pôde. "*What the fuck!*"

Ele estava na mesma ponte da noite passada, só que desta vez não estava lutando para abrir buracos em um barril que continha um cadáver parcialmente desmembrado. Dessa vez, ele era a vítima.

Tommy não tinha o celular, a carteira ou mesmo o canivete quebrado - todos estavam no carro, em sua casa.

Que ficava a quilômetros de distância.

Praguejando baixinho, ele passou um total de seis segundos procurando algo afiado para cortar as amarras antes de se lembrar de que não havia nada aqui.

Déjà vu.

Novo dia, os mesmos problemas de sempre.

Uma semana para conseguir cinco mil dólares...

Uma tarefa monumental, com certeza, mas muito diferente de ter três horas para encontrar cem mil dólares.

Tommy sentou-se desajeitadamente no meio da ponte e, em seguida, enrolou os pés atrás de si. A partir daí, ele passou os pulsos amarrados ao redor dos tornozelos e, esticando os ombros quase até o ponto de deslocamento, conseguiu colocá-los sobre os pés. Embora suas mãos estivessem agora à sua frente, Tommy permaneceu sentado. Não havia como ele caminhar até em casa com as mãos presas por um zíper sem que alguém o parasse e fizesse perguntas que ele simplesmente não poderia responder. Ele tinha que ter as mãos livres.

Tommy desamarrou os cadarços dos tênis e, usando a boca, provocou um fio entre o zíper e as palmas das mãos. A bandagem que ele havia colocado em seu dedo ferido estava encharcada de sangue, mas essa era a menor de suas preocupações. Foram necessárias seis tentativas até que ele finalmente conseguiu amarrar a ponta do cadarço que havia passado pelo fecho em um cadarço do outro sapato. Ele deu um nó duplo e depois se inclinou para trás o máximo que pôde para se esticar e aplicar tensão.

Olhando para o céu, Tommy pedalou com os pés como se estivesse andando em uma bicicleta imaginária. O cadarço esfregava para frente e para trás contra o fecho de correr como uma lâmina de serra flexível.

Ele fez isso três ou quatro vezes antes de empurrar os pés ainda

mais para fora, aplicando assim mais pressão com os cadarços do fecho de correr.

Em menos de um minuto, a fricção fez com que o fecho se rompesse.

Tommy gemeu e se deitou de costas, completamente esgotado. Depois de recuperar o fôlego, ele ergueu as mãos para a luz do sol, estremecendo ao ver os sulcos vermelhos profundos em seus pulsos.

Em seguida, inspecionou sua mão ferida. A gaze estava cheia de fluidos corporais - suor e sangue. Tommy retirou a bandagem apenas o suficiente para ver o ferimento e, em seguida, recolocou-a rapidamente.

A operação de corte e selagem de Vinny, antes louvável, agora parecia um trabalho de machado.

Preciso ir para casa e desinfetar o ferimento. Também preciso dormir. Ah, não se esqueça de encontrar cinco mil dólares. Quanto será que consigo encontrar de troco nas almofadas do sofá?

Tommy pensou em tirar um cochilo aqui, no meio da *Intention Bridge*, mas sabia que, se fizesse isso, passariam horas até que ele se levantasse novamente.

Com outro gemido, ele conseguiu se arrastar até uma posição sentada e, por fim, se levantou.

A única coisa boa de ter sido sequestrado e pendurado na lateral da ponte foi que ele não tinha visto o barril.

Ou ele havia afundado ou flutuado - Oscar havia desaparecido.

Enquanto Tommy relutantemente iniciava a longa caminhada para casa, ele esperava que fosse a primeira.

Durante a primeira hora, seus pensamentos se aceleraram, repassando tudo o que havia acontecido desde a fatídica ligação que recebera de Brian.

Eu poderia ter feito algo diferente? Poderia ter seguido um caminho diferente?

Durante a segunda hora, a mente de Tommy ficou total e completamente vazia.

Ele simplesmente colocou um pé na frente do outro e continuou avançando, sabendo que, se parasse, mesmo que por um momento, poderia adormecer em seus pés.

Por fim, Tommy chegou ao seu bairro, depois à sua rua e, em seguida, viu sua casa. Ele foi direto para a porta da frente, que Marv e Scooter haviam deixado ligeiramente entreaberta, e entrou.

A rajada de ar fresco que o atingiu no rosto assim que ele entrou em casa foi um alívio bem-vindo para o sol incessante do outono.

O mais inteligente a fazer seria subir e tomar um banho, depois tratar da mão ferida, antes de se deitar na cama e dormir um pouco.

Mas, apesar de todos afirmarem que ele era muito inteligente,

Tommy se sentia como um idiota degenerado.

Ele não chegou nem perto disso.

Ao atravessar o saguão da frente e ir em direção à sala de estar, seus joelhos travaram.

Ele cambaleou com os braços estendidos, tentando alcançar o sofá.

Ele conseguiu... mais ou menos.

Quando Tommy caiu, a cabeça e a parte superior do corpo caíram no sofá, enquanto a metade inferior ficou pendurada na lateral.

Ele desmaiou antes de conseguir erguer o resto do corpo para as almofadas.

Capítulo 4

Bang, bang, bang.

Tommy abriu um olho.

Bang, bang, bang.

Seu primeiro pensamento foi que o barulho estava vindo de dentro de sua cabeça. Mas quando abriu o outro olho, percebeu rapidamente que o som estava vindo da porta.

"Vá embora", ele gemeu. "Me deixe em paz."

Mas quem quer que fosse, se recusava a desistir tão facilmente.

Bang, bang, BANG.

Tommy tentou se levantar, mas acabou caindo de volta no sofá.

Suas mãos doíam, suas pernas estavam dormentes e ele tinha certeza de que seus pés, ainda envoltos em meias e sapatos de mau cheiro, estavam cobertos de bolhas.

Em sua segunda tentativa, Tommy grunhiu e gemeu até ficar em pé.

Ele havia se arrastado até a porta quando as batidas começaram.

"Estou indo, pelo amor de Deus, estou indo."

Tommy agarrou a porta e a abriu, esperando ver o rosto de seu irmão olhando para trás, com os olhos injetados de sangue, os ombros e as mãos se contorcendo incontrolavelmente.

Ou talvez fosse Vinny, gritando com ele, dizendo que Nick mudou de ideia e que não queria ter nada a ver com a *limpeza da Wilde*.

Também poderia ser o Marv, que viria lhe contar mais uma de suas premiadas piadas sobre chupar pênis.

No final, não foi nenhuma das opções acima.

"Dustin?"

O homem cheirou Tommy e fez uma careta.

"Puxa vida, cara. Você parece... cara, você está bem?"

Tommy olhou para baixo, para si mesmo.

A calça jeans estava suja, a camisa estava suada e, embora ele não pudesse ver o rosto, sabia que estava manchado de sujeira.

Tropeçar no meio do caminho pela cidade de Nova York em um estado de fuga pode fazer isso com você.

"Bem, para falar a verdade, eu tive um inferno de...", ele procurou a palavra.

"Noite selvagem?" ofereceu Dustin.

"...noite interessante."

Dustin o encarou, e Tommy, cuja paciência já havia se esgotado há muito tempo, ficou irritado.

"Olhe, se for por causa do dinheiro, prometi que lhe pagaria. Pode

demorar um pouco, mas..."

"O que você quer dizer com *noite*?"

Tommy espiou por cima do ombro de Dustin e olhou para o sol brilhante.

"A menos que eu tenha me mudado para o círculo ártico sem saber... sim, tarde e noite." Dustin continuou olhando, e Tommy suspirou. "Tenho que me arrumar, Dustin. Se você..."

"Tommy, hoje é quinta-feira."

Tommy fez uma careta.

"Do que você está falando?"

"É quinta-feira." Enquanto repetia essa afirmação inacreditável, Dustin mostrou a Tommy seu relógio. Os números eram muito pequenos e a visão de Tommy ainda estava embaçada por causa do sono, mas a confiança do homem deu credibilidade à afirmação.

Mas isso não significa que seja verdade.

"Não pode ser quinta-feira."

Tommy se preocupou. Seu irmão havia ligado para ele no domingo à noite. Se realmente fosse quinta-feira agora, isso significaria que ele havia dormido por quase três dias.

Ele balançou a cabeça.

"Não, não pode ser."

"Desculpe, Tommy, mas é isso mesmo. Tentei ligar para você várias vezes, só para ver se estava bem, porque você parecia um pouco... bem, toda aquela... quero dizer, você sabe."

Estava claro que Dustin não tinha certeza de como continuar, o quanto ele deveria realmente dizer em voz alta. Essencialmente, o homem era o oposto de seu irmão, que não conseguia ficar calado.

Tommy fechou os olhos e apertou a ponte do nariz.

Embora as batidas na porta não estivessem em sua cabeça quando ele foi rudemente acordado, agora estavam.

Três dias? Eu dormi por três dias inteiros?

"Merda", resmungou Tommy. "Isso é loucura."

Uma mão gentil pousou em seu ombro e ele abriu os olhos.

Dustin estava sorrindo agora e guiou Tommy de volta para dentro da casa.

Tommy queria resistir - ele não estava de bom humor para receber visitas -, mas não tinha força física para fazer nada. Dustin fechou a porta quando os dois entraram.

"Vá tomar um banho, Tommy - limpe-se. Vou fazer um café. E depois vamos tomar o café da manhã."

Apenas a menção de comida era suficiente para deixar o estômago de Tommy em um frenesi.

A última vez que ele havia comido tinha sido no *Rose's Deli*.

Dustin tem razão: preciso me lavar e comer alguma coisa. Então,

poderei entender como diabos consegui perder três dias de minha vida.

Como previsto, Tommy se sentiu muito melhor depois de raspar a sujeira de sua pele. Sua mão também não parecia tão ruim quanto estava. O sangramento havia parado e uma crosta grossa havia se formado no local onde antes estava o dedo do bebê.

Estava morno, mas não quente ao toque, tornando improvável a possibilidade de uma infecção.

Mesmo assim, Tommy não estava se arriscando. Ele cobriu a crosta com Polysporin e depois a envolveu em uma camada grossa de gaze.

Embora Dustin tivesse trazido seu carro, Tommy decidiu levar os dois. O garoto era estranho e, se as coisas ficassem insuportáveis durante o café da manhã, Tommy queria ter o controle do plano de saída.

"Tudo bem, você pode dirigir, mas vamos ao meu lugar favorito", declarou Dustin.

O que Tommy queria era mais um dos sanduíches épicos de Carmen, mas deixou que Dustin fizesse o que quisesse com esse.

Afinal de contas, ele havia procurado Tommy quando ninguém mais o havia feito.

Três dias... Eu durmo por três dias e o único homem que aparece é alguém que acabei de conhecer. Vá se foder, Brian.

"Sim, tudo bem", disse Tommy secamente. "Claro."

"Ha, você vai adorar. Este lugar tem as melhores panquecas de toda a cidade de Nova York."

Se a fila do lado de fora da cafeteria fosse alguma indicação, então Dustin poderia estar certo. A ideia de esperar na fila, de estar perto de outras pessoas em geral, no entanto, era nauseante. Mas, felizmente, Dustin conhecia o proprietário - um homem grande coberto de farinha - e eles foram levados para dentro e sentados imediatamente.

Eles nem precisaram pedir - pilhas altas de panquecas fofas pareciam se materializar na frente deles.

Tommy colocou a comida na boca sem sequer olhar para cima. Ele acompanhou a primeira pilha com uma xícara de café escaldante e depois repetiu essa rotina até que seu estômago parecesse prestes a explodir.

"Eu lhe disse", disse Dustin com um sorriso. Ele também havia comido uma boa porção de panquecas.

Tommy gemeu e se recostou em sua cadeira. Enquanto esperavam que a garçonete trouxesse mais café, ele inspecionou Dustin, tentando ter uma ideia do homem.

Ele é gay? Algum tipo de perseguidor? Um agarrador?

Tommy balançou a cabeça.

Sua intuição sobre as pessoas geralmente era certa, mas ele estava tendo dificuldades para entender o enigma à sua frente na mesa. Ansioso para entrar na cabeça de Dustin, Tommy começou a fazer perguntas.

"Por que você quis entrar na limpeza da cena do crime, afinal?"

Dustin deu de ombros.

"Promete que não vai ficar bravo?"

"Claro."

O homem olhou ao redor antes de responder. Eles estavam lado a lado com outros clientes, mas ninguém estava ouvindo.

Eles estavam concentrados demais em suas próprias conversas ou na comida para notar dois homens de aparência comum tomando café da manhã juntos.

"Meu tio? Professor Wheeler? Ele disse que você poderia usar a ajuda e eu, *uhh*, eu precisava do trabalho".

Os olhos de Tommy se estreitaram.

Algo nisso não parecia verdadeiro, mas ele decidiu não chamar a atenção de Dustin para isso.

Ambos tinham segredos.

"Por que *you* entrou no negócio?" perguntou Dustin, interrompendo qualquer outra investigação sobre seus motivos.

"Bem, eu estava na pós-graduação terminando..."

Tommy se conteve.

A história não era apenas desinteressante, mas pareceria condescendente para um homem que mal havia terminado o ensino médio. E tudo isso parecia pouco diante da situação difícil em que ele se encontrava agora.

Os problemas eram como predadores de topo: eram a coisa mais importante naquele momento.

Até que um novo alfa chegou às planícies.

Então, eles eram apenas carne.

"É apenas um trabalho", ele mentiu. "Tenho um bom conhecimento de química e havia uma necessidade no mercado. Como posso dizer, não faltam crimes para limpar em Nova York." Tommy mordeu o lábio inferior. "E sabe de uma coisa? Por mais mórbido que pareça, eu até gosto de ouvir as histórias de pessoas que estavam aqui um dia e depois se foram. Acho que... acho que acho tudo isso um pouco interessante."

Dustin deu uma risadinha.

"Essa é uma maneira de pensar sobre isso e um uso um tanto singular de suas habilidades, se é que posso dizer isso."

Esse comentário fez com que Tommy pensasse primeiro em seu pai e no que o homem fez com sua vida, ou melhor, não fez, o que naturalmente levou a Brian.

Brian, responsável por essa bagunça, por tê-lo envolvido com a maldita máfia.

Mesmo em sua própria cabeça, isso parecia ridículo.

A máfia. Do Goombah. Ei, vou lhe fazer uma oferta irrecusável?

Sim, porque você cortará meus dedos se eu fizer isso.

E havia Vinny, um homem que não tinha escrúpulos em atirar em alguém.

Tommy se levantou de repente. Ele não viu a garçonete se aproximando pela esquerda e seu cotovelo colidiu com a bandeja dela. Uma pilha de panquecas foi pelos ares, e a garçonete gritou quando a bandeja caiu no chão.

E agora todos estavam olhando para eles, mas Tommy não se importava. Ele tinha coisas mais importantes em mente.

"Merda, Dustin, tenho que ir. Sinto muito, mas tenho que ir", disse ele enquanto se esgueirava em direção à porta.

"Tommy? Você está bem?"

Se Dustin tivesse uma frase de efeito, seria essa.

Tommy se desculpou novamente e acenou com a mão.

"Vejo você em breve, certo? Desculpe... desculpe por isso."

Estou bem?

A pergunta passou pela mente de Tommy enquanto ele corria para o carro e pegava o volante.

Não, definitivamente não estou bem, Dustin. Nem o cadáver que está apodrecendo em meu depósito há quase três dias.

Capítulo 5

Tommy sabia que não poderia voltar para *Intention Bridge*. Cortar o homem que Vinny havia assassinado, colocá-lo em um barril e jogá-lo na água, como ele havia feito com Oscar Buglioni, estava fora de questão.

Era muito arriscado. Tommy tinha a intenção de ficar longe da ponte por... bem, para sempre, mas isso durou menos de um dia. E quando ele voltou, estava com os pulsos e tornozelos amarrados e com um saco jogado sobre a cabeça.

Marv e Scooter tinham um vídeo de Brian na igreja e, se houvesse algum na ponte, ele suspeitava que seria apenas uma questão de tempo até que eles o obtivessem também.

Mas ele *tinha* que se livrar do corpo. Não havia dúvidas quanto a isso.

Tommy atravessou a cidade em alta velocidade, passando por sinais de parada e ignorando sinais vermelhos como se fosse seu trabalho diário.

Ele chegou à *Unicode*, a loja de suprimentos que frequentava em seu outro emprego, menos de meia hora depois de ter abandonado Dustin para pegar o cheque das panquecas.

Ele não apenas tinha certeza de que a *Unicode* teria tudo o que ele precisava para realizar o trabalho, mas, talvez ainda mais importante, eles eram da velha guarda.

Eles permitem que você execute uma guia.

Tommy passou pelas portas de correr e sorriu para o funcionário que estava atrás da mesa.

"Sr. Wilde, voltou tão cedo?"

Tommy assentiu.

"Sim, o trabalho está melhorando", mentiu ele. "Alguns itens estão acabando."

O funcionário olhou para Tommy por cima dos óculos.

"Tudo bem, tudo bem... e quanto aos Yankees? Como você acha que eles vão se sair este ano?"

Tommy não estava a par das últimas notícias esportivas, mas sua resposta era a mesma, independentemente de qualquer relatório de lesão ou contratação de agente livre.

"Eles vão ganhar tudo", disse ele sem hesitar.

O homem pareceu chocado, e o sorriso de Tommy tornou-se genuíno.

"Sério?"

Tommy pegou um carrinho de compras. Ele considerou seu

tamanho e depois o trocou por um carrinho de mão.

"Claro, por que diabos não? Coisas mais estranhas já aconteceram."

Antes de ir para o caixa, Tommy olhou para o seu inventário. Ele tinha certeza de que tinha tudo, mas queria ter certeza absoluta.

Vir aqui duas vezes em duas semanas pode ser incomum, mas voltar uma terceira vez? Isso definitivamente levantaria suspeitas.

E Tommy já tinha muitos olhos voltados para ele.

A maior parte do espaço em sua plataforma era ocupada por uma banheira de teflon extragrande com tampa, que ele abriu para confirmar que o fundo tinha um triângulo familiar e as letras *PTFE* dentro. Tommy também tinha uma máscara de gás com filtro, luvas grossas de teflon, um avental de borracha, um par de botas e óculos de proteção contra respingos.

Tudo isso era para ele.

Os doze jarros de dez galões de ácido sulfúrico e os quatro recipientes de dez galões de peróxido de hidrogênio eram para o corpo.

Os três contêineres enormes de bicarbonato de sódio eram para depois.

"Você está começando um laboratório de metanfetamina ou algo assim?", perguntou o funcionário quando Tommy empurrou o caminhão até a caixa registradora. "Devo começar a chamá-lo de Heisenberg?"

"Quem me dera - aposto que seria mais lucrativo do que minha linha de trabalho atual. Não, apenas alguns trabalhos bagunçados. Isso é Nova York para você."

O funcionário deu de ombros, como se dissesse que eu estava apenas brincando. Ele então começou a escanear todos os itens na mesa.

"Dinheiro ou crédito?"

"Conta", disse Tommy rapidamente. "Coloque tudo na minha conta".

O funcionário pegou um bloco de notas ao lado da caixa registradora e folheou as páginas. Ele parou em uma em particular e traçou uma linha com o dedo.

"Droga, Tommy, parece que você já atingiu seu limite máximo para este mês."

Tommy praguejou baixinho.

"Sinto muito, mas..."

"Ah, que se dane, não se preocupe com isso, apenas se certifique de que está tudo certo até o final do dia trinta e um."

Tommy sentiu seu ânimo melhorar.

"Obrigado, Liam. Fico lhe devendo uma."

"Claro, sem problemas. Você realmente acha que os Yankees vão ganhar tudo este ano?"

Tommy começou a rolar sua plataforma em direção às portas deslizantes.

"Pode contar com isso, Liam."

Tommy dirigiu com mais cuidado no caminho para o depósito do que no trajeto para a *Unicode*. Não era apenas porque ele não queria levantar suspeitas com base no fato de que seu carro estava cheio de produtos químicos, mas era a natureza desses compostos que o deixava nervoso.

Sofrer um acidente com galões de ácido sulfúrico no banco de trás?

Bem, se isso acontecesse, Tommy não teria que se preocupar em limpar mais corpos.

Ele seria um deles.

A instalação de armazenamento estava com um movimento incomum para o meio do dia, o que o deixou confuso.

Ele avistou vários clientes habituais e, quando um homem, um caminhoneiro grande com macacão que usava seu armário para armazenar peças de carro ou como oficina de desmanche, o cumprimentou, Tommy apenas resmungou algo em troca.

Ficou claro que o caminhoneiro estava interessado em iniciar uma conversa, mas Tommy não estava com vontade.

Ele indicou a carga completa do carro.

"Não quero ser grosseiro, mas estou um pouco ocupado no momento."

"Sim? O que há de errado com sua van? Está tendo problemas? Porque se estiver, posso ajudá-lo." O homem sorriu e ergueu as palmas das mãos engorduradas. "Sou muito bom com carros."

"Não, está funcionando bem", respondeu Tommy. "Apenas peguei o veículo errado esta manhã. Mas obrigado."

O homem grunhiu e acenou com a cabeça, e Tommy continuou em direção à sua unidade.

Sua intenção era dar ré no carro, abrir bem a porta do compartimento e levar tudo para dentro o mais rápido possível.

Em seguida, ele a fechava e começava a trabalhar.

Mas ele não abriu a porta mais do que um metro antes de mudar de ideia imediatamente.

O cheiro que vinha de dentro era tão forte que fez seus olhos lacrimejarem.

Tommy se endireitou e enterrou o nariz e a boca na dobra de sua fiel jaqueta de couro.

Jesus Cristo.

Ele não deveria ter ficado surpreso; afinal, embrulhar um corpo em plástico manteria as moscas afastadas, mas pouco faria para evitar que o cheiro escapasse.

Tommy sabia por experiência própria que, independentemente do que você fizesse, do quanto tentasse ou das medidas preventivas que tomasse, o cheiro sempre parecia sair.

Depois de dar uma olhada furtiva ao redor para confirmar que o caminhoneiro estava preocupado, Tommy abriu a porta mais um pouco. Ele tomou um grande gole de ar e, em seguida, correu para dentro, ligando imediatamente o grande ventilador montado na parede.

Tommy deslizou para fora novamente, respirando profundamente pela boca, e então começou a transportar os contêineres de produtos químicos para baixo da porta.

Ele queria desesperadamente colocar sua máscara de gás, mas sabia que isso só incomodaria os outros inquilinos.

O que Tommy fazia para viver não era segredo, nem o fato de que nem todos estavam felizes com o fato de *a Wilde Clean-up* armazenar seus produtos químicos e outros materiais de risco biológico tão perto dos álbuns de casamento da avó.

Ele só podia imaginar o que aconteceria se alguém reclamasse e ele fosse obrigado a limpar o armário.

Tommy pegou a máscara e a colocou embaixo da porta com as outras roupas de proteção, respirando pela boca com a menor frequência possível.

O processo foi lento. Apesar do sono de três dias, seu corpo ainda não havia se recuperado totalmente. Quando era mais jovem, Tommy podia ser alimentado por cochilos e café, mas isso claramente não era mais o caso.

Com suor fresco na testa e nas costas, Tommy acabou transferindo todos os seus suprimentos para o armário de armazenamento.

Exceto pelo balde grande de teflon.

Para isso, ele teve que abrir ainda mais a porta. Tommy, engasgando-se com o cheiro, acabou conseguindo entrar e, depois de trancar o carro, se isolou no espaço fétido.

Agora, sozinho e com a porta fechada, ele rapidamente colocou a máscara de gás. Depois de algumas respirações completas, ele tirou a roupa exterior e colocou os óculos de proteção, as luvas, o avental e as botas.

Agora veio a parte difícil.

Enterrado sob partes de carpete e um pedaço de compensado, embrulhado em vários sacos de lixo presos com fita adesiva, estava o cadáver, exatamente como ele o havia deixado.

E então, sem querer adiar mais, Tommy começou a trabalhar.

Ele pode ter sobrevivido por pouco a uma noite infernal, mas tinha a suspeita de que o dia de hoje não seria nada fácil.

Capítulo 6

Ao contrário do que aconteceu com Oscar, desmembrar esse corpo foi desnecessário.

Com um pouco mais de tempo para se preparar, Tommy se certificou de que o balde de teflon era grande o suficiente para conter totalmente o cadáver de Chino Man.

Mas ele ainda tinha que prepará-lo primeiro.

Tommy pegou uma faca em sua bancada e estava prestes a cortar os sacos de lixo do corpo quando notou algo preso na parte inferior.

"Mas que diabos?"

Era uma meia. Ele a agarrou e puxou. Ela não se mexeu.

Estranho...

Com um puxão forte, ela finalmente se soltou, e Tommy reconheceu imediatamente o objeto: seu ímã de neodímio. Ele não sabia ao certo por que ele havia sido preso ao corpo, mas ficou grato pela meia. Na verdade, esse era seu segundo ímã. No primeiro, ele havia decidido estupidamente testar sua força encostando-o em um poste de semáforo em Manhattan.

Ele ainda está lá até hoje

A meia servia a dois propósitos: enfraquecer a ligação magnética e permitir que ela fosse usada como arma improvisada em uma emergência.

Ainda confuso, Tommy colocou a combinação de meia/ímã de lado e cortou a primeira sacola.

O mau cheiro havia se tornado tão intenso que ele podia sentir através de sua máscara. Trabalhando rapidamente, ele removeu todos os sacos de lixo e os colocou em um novo saco para serem incinerados mais tarde. Restava apenas o plástico, e Tommy hesitou. A figura diante dele era inegavelmente humana, mais do que quando estava coberta por meia dúzia ou mais de sacos, mas ainda era abstrata. Ele não conseguia ver o rosto, os braços, as pernas, apenas a forma humanoide geral.

Continue com isso, Tommy. Cada minuto que o corpo fica aqui é mais um minuto perto de ser pego.

Tommy respirou fundo - engasgou, tossiu - e então cortou o plástico.

Diante dele estava o homem que Vinny havia baleado e matado. Apesar de estar claramente em decomposição por dentro, a aparência externa do homem era quase exatamente como Tommy se lembrava, até o buraco no centro da testa.

Sua pele era cinza e com listras azuis, mas, fora isso, Tommy podia

facilmente imaginá-lo implorando por sua vida.

Com as mãos trêmulas, ele cortou as roupas do homem em seguida. Colocou-as no saco com os outros itens que planejava incinerar.

Mais uma vez, Tommy olhou para o corpo, agora nu, e sua mente começou a girar.

Objetivar, despersonalizar.

Não, isso não funcionaria mais. Ele era uma pessoa - tinha sido uma pessoa - e isso era pessoal. Não havia como contornar esses fatos.

Qual é a sua história? ele se perguntou. *O que diabos você fez que o trouxe até aqui?*

Em suas tarefas normais, Tommy era hábil em montar uma narrativa dos momentos finais das vítimas. A ironia era que, apesar de ter estado presente quando esse homem foi assassinado, ele sabia menos sobre ele do que em seus outros trabalhos.

O que você fez para merecer isso?

Tommy fez uma oração rápida, algo não ensaiado que ele tinha certeza de que o Padre Miller desaprovava, e depois voltou ao trabalho.

Era hora da mistura de produtos químicos. Produtos químicos que transformariam a carne em líquido, o osso em pasta e ambos, por fim, em gás.

Ele despejou os doze recipientes de ácido sulfúrico na banheira de Teflon primeiro, tomando cuidado para não derramar uma única gota, apesar da roupa de proteção que agora usava.

Esse material não era algo com que se pudesse brincar.

Feito isso, ele adicionou os quatro recipientes de peróxido de hidrogênio à mistura. Tommy trabalhou devagar, *dolorosamente* devagar, até que os dois líquidos estivessem totalmente misturados.

Quando ele terminou, parecia indiscernível da água.

Mas, embora semelhantes na aparência, suas características não poderiam ser mais diferentes.

Na aula de química, quando eles estavam testando a dissolução de diferentes sólidos orgânicos no composto, um dos colegas de Tommy comentou sobre a velocidade e o vigor com que esse líquido fazia sua mágica.

"Está quase vivo", disse ele. "Parece um bando de piranhas invisíveis mastigando a merda do que quer que você coloque nele."

Isso, combinado com o calor que a substância ativa gerava, deu origem ao seu nome: piranha quente.

Essencialmente, o ácido sulfúrico remove todas as moléculas de hidrogênio e oxigênio de uma substância orgânica, deixando apenas o carbono. Esse carbono então reage com o peróxido de hidrogênio para produzir dióxido de carbono. Com tempo suficiente, a piranha quente transformaria qualquer matéria orgânica em um gás simples e inerte,

não deixando nenhum vestígio em seu rastro.

Tommy passou os braços ao redor da cintura do cadáver e, em seguida, levantou-o, não muito diferente de como Scooter o havia agarrado três dias antes. Ele era mais leve do que o esperado, mas o que tornava a situação incômoda era a pele do homem: estava seca e se mexia de forma não natural sob seu aperto, algo que Tommy tentava desesperadamente ignorar.

Ele estava tendo dificuldade para evitar que seu estômago se revoltasse sem pensar na pele do Chino Man.

Tommy achava que estava preparado para o que aconteceria em seguida. Afinal de contas, ele havia dissolvido dezenas de itens em piranhas quentes durante seus dias na Uni: cachorros-quentes, uma costeleta de porco e até mesmo um pequeno diamante.

Ele continuou dizendo a si mesmo que a coisa em seus braços não era mais uma pessoa, que se houvesse uma alma ou um espírito, ele já havia se mudado há muito tempo.

Que isso era apenas um pedaço de carne, um pedaço de carne.

Objetivar, despersonalizar. Objetivar, despersonalizar.

Mas quando Tommy abaixou os pés do homem, depois a cintura, depois o peito no líquido e a primeira das que se tornariam bilhões de bolhas começou a se formar, ele desviou o olhar.

Com ou sem carne, não havia como negar o fato de que aquilo já havia sido uma pessoa.

E ainda seria, se não fosse por Vinny.

A vontade de vomitar agora era tão grande que ele quase sucumbiu a ela. Se ele vomitasse, o filtro da máscara ficaria entupido, obrigando-o a removê-la.

Em seguida, o cheiro o atingia, e o ciclo interminável continuava.

É apenas um corpo, Tommy. É apenas um corpo. Não é um corpo - é uma coisa. É, uhh, carne.

Merda, isso não estava ajudando.

A piranha quente acabaria transformando o homem em dióxido de carbono puro, mas isso levaria tempo. Tommy nunca havia dissolvido nada tão grande antes, e era um jogo de adivinhação saber exatamente quantas horas ele teria de esperar.

Um dia e meio? Dois dias?

Era impossível saber com certeza.

Para chegar a uma estimativa melhor, Tommy cometeu o erro de olhar para trás, para a banheira de Teflon.

"Putá que pariu."

Bolhas já haviam se formado ao redor do rosto do homem enquanto ele flutuava no líquido. Pior ainda, o assobio que a piranha quente fazia quase parecia ter sido gerado pelo próprio homem, uma condenação pelo que Tommy havia feito.

Deperssionalizezzze-me, está bem, Tommy?

E os olhos do homem... ficaram brancos como leite e começaram a inchar.

Objetifique-me, está bem, Tommy? Ssssssss...

Tommy arrancou a máscara e mal conseguiu chegar à pia antes de vomitar.

As panquecas estavam muito mais saborosas na descida do que na subida.

Ele fechou os olhos e vomitou várias vezes até não ter mais nada para dar.

Em seguida, ele abriu a torneira e colocou água na boca com a mão em concha antes de cuspi-la.

Dessa vez, ele desviou deliberadamente o olhar da lixeira de Teflon enquanto caminhava até os dois sacos de lixo no chão. Jogou a máscara dentro de um deles e, em seguida, fechou a tampa.

Tommy abriu o armário de armazenamento o suficiente para passar por baixo dele e, em seguida, abriu o porta-malas.

Depois de jogar os sacos de lixo lá dentro, ele tirou as botas, o avental, os óculos de proteção e as luvas e os colocou lá também.

Ele voltou ao armário apenas o tempo suficiente para pegar os sapatos e a jaqueta de couro e confirmar que o ventilador ainda estava ligado, e então saiu correndo novamente.

Tommy chegou até a porta do lado do motorista antes que a vontade de vomitar o dominasse mais uma vez.

Depois que a reação visceral passou, ele fechou os olhos e cuspiu na grande grelha a seus pés.

Pode ser apenas um corpo, Tommy, mas é um corpo que você dissolveu em ácido.

Dissolvido em ácido.

Nem Brian, nem Vinny, nem Nick Petrazzino.

Mas você.

Isso tudo é obra sua, Tommy. Você e mais ninguém.

Objetivar, deperssionalizzzzzzze.

Capítulo 7

Tommy não conseguia tirar da cabeça o som da pele do homem chiando no líquido quente da piranha. Embora não fosse um grande fã de música, ele aumentou o volume do rádio.

Isso ajudou, mas só um pouco.

Não era apenas o som; a cada piscada, Tommy via as bolhas se formando nas laterais das bochechas pálidas do homem.

Ele pegou a garrafa de água do console central e tomou um gole lentamente, sem se surpreender ao ver que sua mão estava tremendo.

Mantenha a calma, Tommy. Isso não é culpa sua. Você só fez o que tinha de fazer: limpar a bagunça de outras pessoas. Isso é o que você tem feito a vida inteira, desde que seu pai foi preso.

O único consolo de Tommy era a percepção de que, após cerca de quarenta e oito horas, tudo estaria terminado. O corpo teria desaparecido e a única evidência restante seriam os sacos de lixo em seu porta-malas.

E, ao contrário dos cadáveres, esses eram os candidatos perfeitos para a incineração.

Todos os resíduos de risco biológico coletados por empresas privadas em Manhattan eram enviados para uma das duas empresas especializadas em descarte. A primeira, a *United Disposal*, estava localizada do outro lado da cidade e detinha uma participação de mercado de mais de setenta por cento. Havia rumores de que eles lidavam com mais de duas toneladas de resíduos biológicos e de risco biológico todos os dias.

Para Tommy, esse número parecia exagerado, mas dado o grande número de hospitais, academias, abrigos de animais, asilos e prisões na ilha, isso era possível.

Quando começou a *Wilde Clean-up*, ele foi para a *United*, mas não se interessou pela cultura corporativa rígida da empresa.

A empresa de descarte menor, a *MediSafe Removal*, era mais adequada para ele. Pelo menos lá, as pessoas falavam com ele, algo que Tommy costumava apreciar.

Agora, no entanto, ao chegar ao portão com as roupas de um homem que ele havia dissolvido em ácido no porta-malas, Tommy desejou ter continuado a usar o *United*.

Impessoal... ize.

"Tommy? É você?" Um homem vestindo um uniforme da *MediSafe* se inclinou para fora da cabine de guarda.

Tommy baixou a janela.

"Sim, sou eu mesmo."

"O que está acontecendo com o carro?"

"A van está na oficina. Eu estava terminando um trabalho particularmente bagunçado, tenho alguns sacos no porta-malas para descartar - para incineração. Tudo bem se eu deixá-los lá?"

O homem inclinou o queixo na direção do porta-malas.

"Sim, tudo bem - deve dar tudo certo. Vá até o número dois. O Bobby vai encontrá-lo lá."

Tommy agradeceu ao homem e seguiu para a lateral do prédio.

A *MediSafe* tinha quatro compartimentos de acoplamento, mas apenas a porta do número dois estava aberta.

Tommy recuou até a doca e deu uma olhada no espelho, mas imediatamente desviou os olhos.

Sua aparência era ainda mais horrível do que a do corpo na unidade de armazenamento.

Com sono de beleza ou não, ele estava com uma aparência péssima.

Tommy pegou sua garrafa de água e esperou que sua mão parasse de tremer antes de tomar um gole. Depois de trinta segundos, ele chegou à conclusão de que isso nunca aconteceria e bebeu mesmo assim.

Em seguida, ele deu seu melhor sorriso falso e saiu do carro.

"Bobby!", ele gritou, acenando para o homem grande com o traje branco de risco biológico. "Apenas alguns sacos hoje... Vou trazê-los até você."

"O que está estourando?", perguntou o homem quando Tommy abriu o porta-malas.

A visão de seu avental e botas o fez engasgar, e ele ficou grato por estar de costas para Bobby.

"Tommy? Eu perguntei, como está indo?"

"Sim." Tommy pegou os sacos de lixo e se virou. "O mesmo de sempre, o mesmo de sempre, Bobby."

Em vez de subir a rampa, ele jogou as malas na plataforma e depois se ergueu.

Seus músculos gritaram e ele quase caiu de bunda no chão. Felizmente, Bobby percebeu sua luta e o ajudou.

"Obrigado, cara. Estou voltando para a academia e estou muito dolorido", comentou Tommy casualmente.

"Você não se exercita o suficiente limpando a bagunça das pessoas? Levando o lixo para fora?" Bobby perguntou enquanto pegava os sacos de lixo e fingia se esforçar para levá-los.

Talvez em excesso.

"Estou tentando voltar à forma."

Bobby riu e olhou para baixo, para sua grande barriga que mal cabia sob o traje de proteção.

"Você não ouviu? A gordura é a nova forma física. O que você tem

aqui, afinal?"

"Principalmente roupas, mas alguns limpam o lixo também. Tudo para incineração."

Bobby acenou com a cabeça e foi até a balança grande à esquerda deles e colocou as sacolas nela. Ele marcou o peso em uma prancheta presa à parede e depois se virou para Tommy.

"Muito bem, meu caro, você sabe o que fazer. Abra-os."

Tommy desenrolou o pescoço da primeira sacola e a abriu. Ele não olhou para dentro por medo de ficar enjoado novamente.

"Muito bem, próximo."

Tommy fechou a primeira bolsa e depois abriu a outra.

"Parece um belo par de calças de algodão", comentou Bobby.

"Sem querer ofender, mas acho que não caberiam em você."

Bobby deu uma risadinha.

"Provavelmente, sim. Talvez eu me junte a você na academia um dia desses."

Com isso, Bobby fechou as sacolas e as jogou em uma lixeira grande que estava cheia até a metade.

Tommy franziu a testa. Ele teria preferido que Bobby levasse as sacolas para o incinerador imediatamente, mas pedir a ele que fizesse isso seria algo fora do comum.

Franzindo a testa, ele foi até a prancheta e assinou seu nome, confirmando o peso de seu lixo.

"Tudo bem, Bobby. Tenho que ir", disse Tommy com um aceno.

"Obrigado."

"Não tem problema. Como de costume, você receberá uma fatura pelo correio em uma ou duas semanas. Ah, antes que eu me esqueça, a cidade impôs um novo imposto sobre produtos incinerados. É uma merda, eu sei. Não é muito, mas o chefe está dizendo que eu preciso contar a todos."

Tommy engoliu com força.

Mais dinheiro que eu não tenho.

"O que mais há de novo?", resmungou ele ao descer do parapeito.

"O que mais há de novo, porra?"

Ele voltou para o carro e segurou o volante com força.

Por alguma razão, essa nova dívida não deixou Tommy ansioso ou chateado.

Em vez disso, isso o deixou irritado.

Ao sair em alta velocidade, Tommy nem sequer olhou para o guarda na cabine.

Na verdade, ele não olhou para nada - apenas dirigiu, sua mente voltando a um único pensamento.

Devo dinheiro a todos, e eles parecem não ter problemas em estender as mãos, exigindo o pagamento.

Tommy bebeu sua água, apertando a garrafa com tanta força que o plástico barato se amassou em sua mão.

Então, por que diabos eu deveria hesitar quando for a minha vez de receber?

Capítulo 8

Henry Winkler tinha oitenta anos de idade quando morreu. Ele tinha uma saúde razoavelmente boa, principalmente porque gostava de caminhar por toda parte, mas estava quase ficando completamente surdo.

Depois que um incêndio destruiu a maior parte do prédio de apartamentos em que ele morava, a filha de Henry concordou em acolhê-lo. Ele ficou grato e animado por passar mais tempo com sua neta Charlotte. Ele ficou grato e animado por poder passar mais tempo com sua neta Charlotte.

Infelizmente, o homem morreu de um derrame - uma morte rápida e indolor - apenas uma semana depois de se mudar para a casa da filha, do marido e da pequena Charlotte.

A morte do homem foi tranquila, mas a limpeza foi tudo menos isso.

Além de caminhar, Henry também gostava de comer e morreu logo após uma refeição particularmente grande.

Depois que o médico legista removeu o corpo, a família ficou com uma bagunça com a qual, compreensivelmente, nenhum deles queria ter nada a ver.

Marv recomendou a *Wilde Clean-up*, e Tommy entrou e deixou o quarto de Henry em um estado indistinguível de antes da chegada do velho.

A família ficou agradecida, mas não tão agradecida a ponto de pagar a conta prontamente.

Isso estava prestes a mudar.

Tommy respirou fundo, sacudiu os ombros e bateu na porta.

Em trinta segundos, apareceu um homem bonito com uma barba marrom curta.

"Posso ajudá-lo?"

"Sim, meu nome é Tommy Wilde."

O rosto do homem estava vazio.

"Fui eu quem limpou tudo depois que seu - bem, depois que seu sogro faleceu."

Ao dizer essa última parte, Tommy mostrou um recibo com seu papel timbrado e o entregou.

O homem não aceitou.

"Sim, me desculpe, mas quanto é mesmo?"

Tommy olhou para o recibo.

A *Wilde Clean-up* cobrou uma taxa inicial de dois mil dólares, mais uma taxa horária de setenta e cinco. Além disso, ele pagou pela

incineração de quatro quilos e meio de material, a maior parte do qual era roupa de cama suja.

"Trinta e sete mil dólares", disse Tommy. "Mais ou menos."

O homem franziu a testa e olhou por cima do ombro.

Aparentemente satisfeito com o que viu ou não viu, ele entrou na varanda e fechou a porta quase toda atrás de si.

"Trinta e sete mil dólares? De jeito nenhum... Eu não tenho, eu não tenho o dinheiro."

Agora foi a vez de Tommy fazer uma careta.

Ele já tinha ouvido essa música e dança antes. Quando as pessoas queriam que suas casas fossem limpas, esperavam que ele trabalhasse a noite toda. No entanto, quando chegava a hora de pagar, elas se atrasavam.

"Enviei um recibo, e a conta é realmente menor do que a cotação que dei à sua esposa quando nos conhecemos."

"Mas trinta e sete mil? Isso é extorsão, cara."

"Extorsão?" Tommy balançou a cabeça. "Não, acredite em mim, isso não é extorsão. Eu só vim para cobrar. Fiz um bom trabalho, se é que posso dizer isso, e entrei e saí em menos de um dia."

"Está me ameaçando?"

Tommy ficou boquiaberto.

"Ameaçando você? Não, eu só quero receber o pagamento."

O homem cerrou a mandíbula. Ele era vários centímetros mais baixo que Tommy, mas era consideravelmente mais grosso.

E agora, ficou óbvio que, embora as ameaças estivessem sendo feitas, elas não foram iniciadas por Tommy.

"Bem, não temos o dinheiro. Estamos presos às contas do funeral e tentando conseguir um seguro para o apartamento do idoso que pegou fogo. Não sei o que lhe dizer, mas se quiser o dinheiro, terá de entrar na fila."

Tommy sentiu sua raiva aumentar e a forçou a baixar. Fazia menos de duas semanas que o sogro do homem havia falecido, e ele estava claramente de luto.

Ninguém gosta de ser importunado por dinheiro, especialmente em tempos difíceis e quando há outros fatores de estresse em jogo.

Mas ainda assim...

"Eu entendo. Entendo que este é um momento muito emocional para você e sua família. Mas eu tenho um negócio para administrar e minhas próprias contas para pagar."

O homem olhou para Tommy e, a contragosto, arrancou o recibo de sua mão.

Antes que Tommy pudesse sequer protestar, a porta foi batida em seu rosto, deixando-o parado, balançando a cabeça.

Ele ergueu o punho com a intenção de bater novamente, mas

decidiu não fazê-lo.

Não vale a pena, ele pensou enquanto voltava para o carro.

Tommy estava se afastando quando a porta se abriu e o homem reapareceu com um pedaço de papel amassado na mão. Ele olhou em volta e jogou o recibo na lixeira.

Um já foi, faltam dois, pensou Tommy com tristeza. *Mais duas chances de coletar antes que eu fique sem opções.*

Novamente.

Capítulo 9

Laura Dobson morreu aos vinte e quatro anos de idade, a maioria dos quais, se não todos, foram anos difíceis. Nascida seis semanas antes do tempo, filha de mãe e pai drogados que nunca foram identificados, Laura foi enviada de um lar adotivo para outro.

Ao longo do caminho, ela foi espancada, abusada e molestada.

Mas Laura persistiu e conseguiu, contra todas as probabilidades, se livrar de seu passado. Ela se viu em um bom lar pela primeira vez, com pais que realmente se importavam com ela.

Infelizmente, algumas pessoas simplesmente atraem problemas como a atração gravitacional de um planeta grande em um planeta menor.

Na sétima série, Laura foi maltratada por seu professor de ciências.

Essa foi a gota d'água, e ela deixou o único lar que lhe havia demonstrado amor e se voltou para a agulha.

Laura se injetou todos os dias até o momento de sua morte, uma dose quente em um apartamento sujo que ela só pôde pagar porque vendeu seu corpo para pagar por isso.

Passou-se quase uma semana até que alguém a encontrasse; ela havia atrasado o aluguel e o proprietário veio cobrá-la.

A única razão pela qual a morte foi comunicada foi porque, enquanto o proprietário estava tentando remover o corpo, um inquilino intrometido chamou a polícia.

A polícia não ficou satisfeita com a profanação da cena e "sugeriu" que ele limpasse o local profissionalmente - entre na *Wilde Clean-up*.

De qualquer forma, isso não importava para o proprietário, que estava desesperado para alugar o local novamente.

Até que, é claro, ele viu a conta.

Tommy encontrou o escritório do homem no andar térreo do prédio, com a porta parcialmente aberta. Ele bateu na mesma e foi instruído a entrar.

O reconhecimento passou instantaneamente pelas feições do proprietário, que eram tão antigas quanto o papel de parede antiquado que cobria as paredes atrás dele.

"O que você quer?"

O rosto de Tommy caiu.

Ele tinha uma suspeita de que isso seria ainda mais ruim do que sua última tentativa de cobrança, e não ficou desapontado.

"Tenho aqui um recibo dos serviços prestados".

"Ah, para aquele maldito drogado, sim."

A mão rechonchuda do proprietário saiu em disparada e ele

arrancou o recibo de Tommy.

Ele deu uma olhada no documento antes de dizer: "Não vou pagar isso".

Tommy lembrou-se da interação inicial entre eles depois que Marv recomendou seus serviços. O proprietário tinha sido um pouco rude, mas amigável o suficiente.

O homem atrás da escrivaninha agora era totalmente diferente; ele não era áspero nas bordas, ele *não* tinha bordas.

Apenas uma bolha amorfa de gordura saturada e uma escassez de moral.

"A família da vadia tem que pagar isso."

Tommy deu um passo à frente, com as sobrelanceiras franzidas.

"Ela não tem família."

O proprietário deu de ombros, como se dissesse: "É uma droga ser ela. E é uma droga ser você."

"Bem, eu não estou pagando."

"Sim, você está."

Tommy colocou as palmas das mãos na mesa do homem e o proprietário imediatamente começou a se levantar.

"Sente-se, porra", gritou Tommy.

Ele não tinha certeza de onde essas palavras tinham vindo, mas elas foram eficazes - o proprietário recostou-se em sua cadeira.

"Você me contratou, então a conta é sua para pagar. Não é a família do falecido, não é a polícia, não é o seguro. *Você*."

As sobrelanceiras do homem fizeram uma pequena dança em sua testa.

"É difícil pagar por algo quando não tenho dinheiro."

Tommy olhou ao redor da mesa e seus olhos acabaram se fixando em um peso de papel no formato de um tigre.

Ninguém parece ter dinheiro algum... conveniente.

"Você tem, o quê? Vinte e quatro inquilinos neste lugar?"

"Vinte e oito", corrigiu o homem.

"Certo, vinte e oito, então. Todos pagando de trezentos a quatrocentos por mês? E você afirma que não tem dinheiro para pagar uma nota de vinte e quatrocentos dólares?"

O proprietário cruzou os braços sobre a camiseta suja e deu de ombros.

"Bem, eu não... eu não tenho isso."

Sem pensar, Tommy pegou o peso de papel, mas logo o colocou de volta no chão.

Jesus Cristo, Tommy. O que está pensando?

"Olhe", disse o homem, batendo no recibo com as costas de uma das mãos, "que se dane esse tal de Wilde ou quem quer que ele seja. Eu tenho -" ele enfiou a mão no bolso e tirou um punhado de notas de

vinte, que prontamente espalhou sobre a mesa como confete. "- cento e quarenta dólares, algo assim. Pegue. Coloque no bolso e depois diga ao seu chefe que a vadia era drogada e que a família dela não tem dinheiro para pagar."

Os olhos de Tommy se estreitaram.

"Aquele cara do Wilde, hein? Bem, acontece que ele sou eu. E eu *sou* o chefe."

O proprietário pareceu chocado, mas a expressão presunçosa em seu rosto gordo não vacilou.

Tommy pegou o dinheiro e o colocou no bolso.

"Você tem uma semana - uma semana para conseguir o dinheiro", alertou Tommy. "O dinheiro que você acabou de me dar era juros. Quando eu voltar, quero o valor total."

As palavras foram ditas com tanta convicção que o proprietário finalmente parou de sorrir. Para reforçar ainda mais seu ponto de vista, Tommy pegou o peso de papel e o jogou no chão novamente.

O proprietário deu um pulo.

"E, da próxima vez, não precisarei de seu peso de papel... trarei algo meu. Algo mais... *perigoso*".

Capítulo 10

Mike McKay tinha cinquenta e cinco anos de idade quando desceu as escadas, sentou-se no meio da sala de estar e colocou uma arma na boca.

Esse foi o caso mais difícil de entender para Tommy, principalmente porque ele não tinha ideia do que havia precipitado essa decisão fatal.

E, segundo sua avaliação, a filha do homem, Francine McKay, também não.

Ele passou um tempo considerável pensando em Mike, principalmente quando estava limpando a bagunça do homem com Dustin, e chegou a uma conclusão insatisfatória: às vezes as pessoas simplesmente se cansam disso.

Tudo isso - era simplesmente muito pesado, muito difícil para algumas pessoas lidarem.

Felizmente, Tommy não precisou voltar para a casa do homem, que guardava algumas lembranças bastante desagradáveis para ele, sendo que a mais pungente delas envolvia um homem de calça jeans.

Em vez disso, Francine McKay estava hospedada em uma propriedade de dois andares - um aluguel, presumivelmente, dado o fato de que ela era de fora da cidade - não muito longe de onde seu pai havia tirado a vida.

Ainda se recuperando do que havia acontecido - e do que *quase* havia acontecido - com o proprietário gorduroso, Tommy decidiu adotar uma abordagem diferente com Francine.

Devido ao tamanho da casa, Francine McKay levou cerca de um minuto desde o momento em que Tommy bateu para abrir a porta.

Um olho cor de avelã o observou.

"Oi, meu nome é Tom..."

A mulher abriu bem a porta, revelando cabelos castanhos curtos e feições pálidas.

Ela lembrava alguém a Tommy, mas ele não sabia dizer exatamente quem.

"Sim, Thomas, Thomas Wilde. O cara da limpeza."

Ela falou tão suavemente que Tommy precisou se aproximar para entender suas palavras.

"Sim, acho que você pode me chamar assim".

Os olhos da mulher se moviam nervosamente para frente e para trás.

"E... como foi?"

A pergunta surpreendeu Tommy e, a princípio, ele não tinha

certeza de como responder.

"Tudo bem. Tudo correu bem."

"E a casa está limpa?"

Os pensamentos de Tommy se voltaram para o carpete em que Dustin havia usado o peróxido de hidrogênio, clareando as fibras escuras. E o cofre que ele havia encontrado no armário - Tommy também pensou nisso. Mas, em pouco tempo, sua mente se voltou para o homem no ácido.

Aquele que Vinny havia alvejado não muito longe de onde Mike McKay havia se suicidado.

"Limpo", ele respondeu. Tommy pensou em acrescentar mais alguma coisa, talvez mencionar que não havia nenhum vestígio do pai dela, mas não tinha certeza se isso aliviaria ou contribuiria para a tristeza da mulher.

No final, seu aceno solene de cabeça confirmou que permanecer em silêncio era o melhor curso de ação.

Tommy colocou a mão no bolso para pegar a fatura, mas antes que pudesse tirá-la, a mulher falou.

"Está bem, eu entendo", disse ela docilmente. "Quanto eu lhe devo?"

Tommy sabia exatamente quanto era a conta: vinte e nove mil dólares.

Mas Francine não o fez.

Ao contrário dos outros dois trabalhos, ele ainda não havia enviado o recibo - eles só haviam terminado a limpeza há menos de uma semana.

Tommy tirou a mão vazia do bolso.

Seus olhos se desviaram por cima do ombro de Francine para a luxuosa propriedade atrás dela. Claro, era apenas um aluguel, mas deve ter custado um bom dinheiro por noite. E se sua matemática estava correta, Francine estava aqui há quase duas semanas.

Oito mil... diga a ela que o recibo é de oito mil. Merda, a empresa dela, seja qual for o escritório de advocacia ou de contabilidade para o qual ela trabalha, provavelmente está pagando a conta.

Francine o encarou com expectativa e ele reconheceu o olhar dela. *Objetivar, despersonalizar.*

Essa mulher só queria uma coisa: seguir em frente.

Para tentar enterrar a dor e deixar Nova York, retornar à sua antiga vida.

Faça dez mil... ela pagará dez.

"Vinte e nove mil dólares", Tommy deixou escapar. Ele colocou a mão no bolso para pegar o recibo.

Enquanto Francine o pegava, ela nem sequer olhava para ele.

"Por favor, espere um momento."

Francine fechou a porta parcialmente e voltou para dentro da

propriedade.

Idiota de merda - você deveria ter dito dez mil. Ela nem teria hesitado. Ela vai vender a casa do pai dela por um milhão de dólares... ela só está feliz por você tê-la tornado apresentável novamente.

Mas esse não era o Tommy. Como Nick Petrazzino, ele tinha sua moral.

A imagem da pele borbulhante do cadáver sem nome veio à mente mais uma vez.

Pelo menos, ele *costumava* tê-las.

A mulher voltou com um talão de cheques na mão.

"É Tommy Wilde, não é? Devo dizer isso a você ou à empresa?"

Tommy deu de ombros.

"Eu sou a empresa."

Quando a mulher aguardou uma confirmação adicional, ele acrescentou: "Thomas Wilde ficará bem, senhora".

Francine rabiscou seu nome e o valor no cheque e depois o assinou.

Tommy agradeceu e estava prestes a se virar e sair, mas parou.

"Francine?", perguntou ele, com os olhos voltados para os dela.

"Sim?"

"Não sei muito sobre você ou seu pai, mas sinto muito por sua perda."

A mulher fungou e enxugou as lágrimas do rosto.

"Obrigada", disse ela. "Obrigada."

Tommy deu um sorriso fraco e depois se retirou para o carro. Ele esperou a mulher fechar a porta antes de bater com os punhos no painel.

Deveria ter pedido dez mil dólares, pensou ele. O olhar de Tommy recaiu sobre a gaze em sua mão esquerda, que havia começado a ficar vermelha novamente. Talvez até quinze.

Capítulo 11

Ainda não haviam se passado quarenta e oito horas desde que Tommy havia colocado o cadáver na banheira de suco de piranha quente, mas era o suficiente.

Ele havia passado quase dois dias tentando receber o que lhe era devido e, embora agora tivesse cerca de três mil dólares no bolso, Tommy não havia conseguido nada.

Ele era como um homem pisando na água em uma piscina cheia de tubarões.

Ou piranhas, por assim dizer.

Tommy escaneou seu cartão no portão da frente e dirigiu lentamente em direção à sua unidade de armazenamento, prestando muita atenção aos outros locatários.

O Overall Man havia desaparecido e havia apenas um carro, um sedã com painéis que ele nunca tinha visto antes, em seu corredor.

Se havia alguém o seguindo - Vinny ou Marv ou outra pessoa a quem ele devia dinheiro - eles estavam fazendo um ótimo trabalho para permanecer fora de vista.

Tommy estacionou ao lado da grande grelha de drenagem de metal embutida no concreto e, em seguida, dirigiu-se à sua unidade de armazenamento.

O problema de tentar parecer ou agir normalmente é que isso é quase impossível. Quando tudo *estava* normal, você não agia, não precisava pensar sobre isso.

O pensamento acabou atrapalhando.

Mas Tommy fez o melhor que pôde ao digitar o código de seis dígitos e abrir a porta sanfonada de dois metros de altura. Ele tomou um último fôlego de ar fresco e se abaixou.

Não foi o cheiro que o impressionou primeiro, mas o *calor*.

Dissolver algo no líquido quente da piranha era uma reação exotérmica, da qual Tommy estava bem ciente, mas ele não esperava que o interior de sua unidade estivesse tão quente.

Ele sabia que ficaria quente, mas nunca pensou que seria *sufocante*.

O suor se formou imediatamente em sua testa e Tommy não teve outra opção a não ser abrir a porta mais um metro e meio. Enquanto o ar fresco entrava, ele olhou rapidamente para o recipiente de Teflon azul.

Ele deu um suspiro de alívio.

O líquido era claro - tão claro quanto um copo de água. Não havia bolhas, nem espuma e, o mais importante, nenhum sinal do cadáver.

Não importava quantas vezes ele usasse a piranha quente, os

resultados ainda eram surpreendentes, quase mágicos.

Pela primeira vez, algo parecia estar indo a seu favor.

Respirando fundo mais uma vez, ele se dirigiu para o fundo do armário.

Embora o líquido fosse transparente, ele estava longe de ser inerte. Depois de todo esse tempo, o peróxido de hidrogênio provavelmente havia evaporado, mas o recipiente de Teflon ainda estava cheio de ácido sulfúrico extremamente perigoso.

Havia apenas mais uma etapa a ser concluída antes que ele pudesse finalmente deixar tudo isso para trás.

Até a próxima vez que alguém irritar Vinny, é claro.

Tommy pegou um frasco de bicarbonato de sódio em cada mão e, inclinando-se para longe do ácido, despejou-os lentamente. Quando estavam vazios, ele repetiu o processo uma segunda vez.

Ele tinha quase certeza de que o líquido estava neutralizado, mas não ia arriscar sua mão - o que restava dela - para ter certeza.

Tommy ergueu os olhos e examinou seu armário. Era incrível para ele, incrível e horripilante, que todas as evidências de dois corpos que estavam aqui há menos de uma semana tivessem desaparecido completamente.

Era como se nada desse pesadelo tivesse acontecido.

Ele balançou a cabeça e encontrou o que estava procurando. Na bancada de trabalho havia uma laranja. Tommy não tinha certeza de onde a laranja tinha vindo, se ele a tinha colocado lá ou se tinha sido obra de Brian, mas isso não importava. Ele foi até ela e a pegou. Em seguida, voltou ao recipiente de teflon e, mais uma vez inclinado para trás, colocou-a lentamente dentro dele.

Quando não houve barulho, Tommy criou coragem para dar uma olhada.

A laranja estava no fundo, sem danos.

Muito bem, muito bem.

Limpando o suor do rosto, Tommy se abaixou e olhou para fora do armário.

Como antes, não havia ninguém por perto.

É agora ou nunca, pensou ele.

Com um grunhido, Tommy agarrou a borda do recipiente de Teflon, dobrou os joelhos e levantou.

Era muito pesado, mas Tommy persistiu, usando os quadris para subir, forçando cerca de um terço do contêiner a sair do chão.

Da próxima vez, preciso comprar um com rodas. Tommy fez uma careta. *Da próxima vez... da próxima vez?*

Ele bufou e deslizou o balde em direção à porta e, em seguida, abaixou-o um pouco para descansar os braços e as pernas.

Os corredores que ficavam entre as unidades de armazenamento

eram todos côncavos para permitir a drenagem adequada - não seria bom para ninguém se as unidades de armazenamento inundassem depois do derretimento da neve ou de uma chuva forte.

Tommy se preparou, depois se levantou novamente, dessa vez erguendo os braços acima da cabeça.

O líquido neutralizado se espalhou, derramando-se em direção ao centro do corredor. Tommy espiou pela lateral da lixeira de teflon e viu o líquido fluir para a grade de esgoto.

Se ao menos as pessoas soubessem o que é colocado na água da torneira, ele pensou inexplicavelmente. *Elas nunca mais a beberiam.*

Tommy esticou os braços até o fim, drenando o último líquido. Ele até viu a laranja sair, parando entre duas barras da grelha.

Ele começou a abaixar a caçamba quando algo dentro dela se deslocou.

"Mas que diabos?"

Confuso, Tommy forçou o balde para cima novamente e, dessa vez, ouviu um estrondo metálico quando algo caiu.

"Que porra é essa?" Tommy ofegou, olhando para o pedaço de metal reluzente de 15 cm por 20 cm.

Seu primeiro pensamento foi que se tratava de parte da porta do armário de armazenamento ou talvez uma seção de aço que havia caído inadvertidamente do teto.

Mas quanto mais ele olhava para o pedaço de metal achatado, mais Tommy achava que sabia o que poderia ser.

E por que seu ímã de neodímio estava agarrado a um dos sacos de lixo.

"É uma maldita placa. Chino Man tinha uma maldita placa em sua perna."

Tommy instintivamente agarrou o metal, apenas para deixá-lo cair novamente.

Estava quente ao toque.

Com o tempo, a piranha quente dissolveria até mesmo o diamante, mas isso levaria muito mais tempo do que quarenta horas.

Preciso me livrar dele.

Era de conhecimento geral que todos os implantes cirúrgicos eram marcados com um número de série exclusivo.

Um número que pode ser rastreado até o hospital, o cirurgião e o paciente.

Preciso me livrar disso, pensou Tommy novamente. Ele limpou as mãos na calça jeans e a pegou novamente.

Ele estava preparado para o calor dessa vez, que não era tão ruim quanto ele pensava, e voltou para o armário.

A placa precisava ser destruída, o número de série corroído. Seu olhar recaiu sobre o local vazio na bancada de trabalho, onde antes

ficava a furadeira.

Isso teria funcionado muito bem. Mais uma vez, obrigado, Brian.

O som de um carro se aproximando fez Tommy congelar.

Os faróis o deixaram em pânico.

"Foda-se."

Quando o carro parou bem em frente ao seu armário, borrifando sua parte inferior com luz brilhante, Tommy sabia que tinha que agir.

Ele jogou a placa cirúrgica em sua bancada e se virou, com duas opções em sua mente: uma, fechar a porta e trancá-la. Esperar que quem quer que fosse passasse; dois, correr.

Tommy optou pela segunda opção.

Ele passou por baixo da porta e, protegendo os olhos com o braço, deu três passos gigantesco.

"Tommy, não corra - isso é muito chato", disse uma voz familiar.

Tommy não foi obrigado a obedecer - ele estava apenas confuso demais para agir.

"Mas que diabos?", ele se virou e viu que estava olhando para uma mulher que estava meio dentro e meio fora de um BMW azul-marinho.

Ela tinha cabelos castanhos ondulados e olhos verdes brilhantes.

"Aurora?"

A mulher sorriu.

"Vamos lá, Tommy. Entre no carro e não faça algo chato como correr. Não me faça ligar para o Vinny, porque nenhum de nós quer ver a cara feia dele."

PARTE II

Um aliado improvável

Capítulo 12

"Não tenho - não tenho o dinheiro do Nick. Ainda tenho um mês, e estou tentando..."

"Não me aborreça com essas coisas, Tommy - eu *sei que* você não é chato. Eu sabia que havia algo mais em você no momento em que o vi dentro *do Taglia's*." Aurora o encarou ao virar na estrada principal que saía do depósito. "Todos os outros fazem o que meu pai manda, mas você não. Droga, você o roubou... você o pagou com o próprio dinheiro dele! Isso requer muita coragem, Tommy". Ela assobiou. "É preciso ter muita coragem."

Mais como puro desespero, pensou Tommy. Ele olhava para Aurora enquanto ela dirigia, tentando perceber o que estava acontecendo.

Tommy sabia que ela o tinha visto naquela noite, a mulher havia dito isso, mas nunca ficou claro se Aurora sabia exatamente o que ele estava fazendo.

E agora esse mistério foi resolvido... apenas para que outro tomasse seu lugar.

Por quê? Por que ela não contou ao Nick o que eu fiz?

"Para onde... para onde estamos indo?" Tommy perguntou hesitante.

Os olhos de Aurora permaneceram fixos na estrada.

"Booooooring".

Tommy franziu a testa.

Ele não tinha certeza de qual era o motivo da fixação de Aurora em ser chata.

Como pode ser entediante ser filha de um dos mafiosos mais poderosos de Nova York?

O rosto de Aurora não revelava nada, não revelava nenhuma das regras do estranho jogo que, aparentemente, só ela entendia. Ela simplesmente continuou dirigindo como se nada disso a incomodasse, como se Tommy roubando seu pai ou Vinny cometendo assassinato a afetasse de alguma forma.

Com os lábios franzidos, Tommy voltou os olhos para a janela. Fazer perguntas só geraria respostas insatisfatórias - isso, pelo menos, estava claro. Em vez disso, ele apenas observou a cidade de Nova York passar.

No fundo, Tommy achava que deveria estar com medo de Aurora,

até mesmo aterrorizado com ela, mas não estava. Ele estava apenas... *confortável* na presença dela.

É claro que ela tinha o poder de arruiná-lo, de acabar com sua vida ao proferir apenas algumas frases, mas Tommy não achava que ela faria isso.

Afinal, uma coisa era certa: *ela* - Aurora Petrazzino - não era nada entediante.

"As roupas estão lá atrás. Vista-se", disse-lhe Aurora, quebrando o silêncio.

"O quê?"

Aurora riu.

"Você não achou que eu a levaria ao clube vestida assim, achou?"

"Clube? Que clube?"

Tommy gostava de clubes tanto quanto gostava de jogos. Ou seja, nem um pouco.

Aurora riu novamente. O som era mais profundo e poderoso do que Tommy esperaria de uma mulher tão pequena, mas de alguma forma combinava com sua personalidade.

"As roupas estão nos fundos, Tommy. Não vou dar uma olhada, prometo."

Contra seu bom senso, Tommy olhou por cima do ombro.

Havia uma sacola de lavagem a seco sobre a fileira de assentos.

Discutir seria inútil.

Como todos os outros, Aurora tinha algo para segurar na cabeça dele, algo que ela poderia usar para fazer com que ele cumprisse suas ordens.

Ao contrário dos outros, no entanto, o que ela possuía era mais poderoso do que a dívida: informação.

Tommy, com relutância, foi até o banco traseiro e pegou a bolsa.

Dentro dela, havia uma camisa branca de botões, uma calça, um blazer e uma gravata preta fina.

"Se você não sabe como fazer o nó da gravata, eu posso ajudar", ofereceu Aurora.

Apesar de tudo, Tommy realmente sorriu.

"Sou apenas um caipira de *Joisey*, é isso que você pensa? Eu sei fazer um nó de gravata, Aurora."

"Então prove - mas seja rápido. Logo estaremos lá."

Tommy tirou a jaqueta de couro e a dobrou cuidadosamente no banco de trás. Em seguida, ele tirou a camiseta e imediatamente se encolheu quando o cheiro de suor chegou ao seu nariz. Estava quente dentro de seu depósito e despejar os restos líquidos de Chino Man na grade não tinha sido uma tarefa fácil.

"Não se preocupe, gosto de um homem que não se importa em se sujar um pouco."

Tommy olhou para Aurora com curiosidade, enquanto vasculhava o saco plástico da lavanderia e tirava a camisa.

Foi um comentário carregado com muitos significados em potencial, nenhum dos quais Tommy considerou saudável.

Quem é você?

Depois de vestir a camisa, ele tirou a calça jeans - o que não é fácil no banco da frente de um BMW - e vestiu a calça.

Eles se encaixavam perfeitamente - outra curiosidade.

Em seguida, veio o empate.

Apesar do que ele havia dito antes, fazia muito, muito tempo que ele não usava uma gravata.

Tommy fechou os olhos e se lembrou do funeral da mãe, de quando estava sentado na sala de recreação da Igreja *Nossa Senhora da Assunção*. O Padre Miller estava de pé sobre ele, dando-lhe instruções - dar uma volta, passar pelo "y", descer o laço e puxar - enquanto Tommy chorava.

"Pronto", ele sussurrou, olhando para sua obra. Não estava perfeito, mas seria suficiente.

Aurora deu uma risadinha e parou o carro do lado de fora de um prédio de vidro, sobre o qual brilhava um letreiro de neon tão forte que Tommy não conseguia nem ler as palavras.

"Estamos aqui."

Tommy saiu do carro e ficou olhando para a fila de pelo menos cem Millennials meio bêbados que contornava a lateral do prédio.

"Ótimo", ele resmungou. Antes de fechar a porta, ele pegou sua jaqueta de couro e a vestiu.

Aurora apareceu ao seu lado e o olhou de cima a baixo.

"Nada mal", comentou ela, ajustando a gravata dele. "Eu perderia o paletó, no entanto."

Tommy balançou a cabeça, decidindo que era ali que ele tomaria uma posição. Sentiu-se deplorável ao tomar uma atitude em uma questão tão trivial, mas precisava mostrar a Aurora que não podia ser pressionado o tempo todo.

Como quando você tentou forçar o Vinny? Colocar uma arma em suas costas? Como isso funcionou para você, Tommy?

Mas Aurora não parecia se importar.

Ela apenas deu de ombros.

"Como quiser."

Com isso, a mulher se virou, o que fez com que seu vestido longo e esvoaçante girasse sobre seus calcanhares como as pétalas de uma flor desabrochando.

Era quase hipnotizante, e Tommy balançou a cabeça para interromper a ilusão.

"Acho que você não pode estacionar aqui", comentou ele, olhando

em volta.

Havia mais de meia dúzia de placas afixadas em vários postes perto da entrada do clube, indicando que todos os veículos sem vigilância seriam rebocados.

Aurora deu um risinho e o ignorou. Ela foi para a frente da fila e jogou suas chaves para um segurança que fazia Tony, o Rabo de Cavalo, parecer Tyrion Lannister.

O homem pegou as chaves e imediatamente se afastou para permitir que Aurora passasse. Ao fazer isso, a mulher se virou para ele e sorriu.

"Vamos lá, Tommy, vamos nos divertir um pouco. Mas faça o que fizer, não se atreva a ser chato. Estou cansado de ver todo mundo ao meu redor sendo tão *chato*."

Capítulo 13

A boate era tão desagradável quanto Tommy esperava: a linha de base da música ameaçava causar-lhe arritmia, as luzes induziam a convulsões e havia tantos homens com as camisas abertas para revelar tufos gordurosos de pelos no peito que ele pensou ter sido escalado para um novo filme do Planeta dos Macacos.

Mas, apesar de tudo isso, Aurora parecia gostar do lugar. De fato, assim que entraram na boate, ela começou a balançar a cabeça para cima e para baixo, acompanhando a batida.

Eles passaram pelo controle de casacos, que aparentemente era obrigatório para todos, menos para ele e Aurora, e Tommy ficou grato.

Ele e sua fiel jaqueta de couro haviam passado por muitas coisas juntos ao longo dos anos e ele não queria se desfazer dela.

Um bônus adicional era que o couro mantinha o cheiro do suor contra o corpo em vez de projetá-lo para as massas.

No entanto, não que isso importasse muito neste lugar.

Aurora foi diretamente para o bar. Embora a fila fosse de três pessoas, ou mais em alguns lugares, um simples gesto foi suficiente para chamar a atenção do garçom.

O homem acenou para Aurora, e ela ergueu dois dedos. O barman estava servindo uma vodca cran, mas parou imediatamente e tirou uma garrafa de uísque de baixo do balcão. O cliente que ele estava servindo fez um comentário, mas ele foi ignorado.

Quando os dois copos de rock estavam meio cheios, Aurora se esgueirou por entre a multidão para pegá-los. Tommy a seguiu e, quando o cliente cuja garrafa de vodca havia sido atrasada disse algo - "*Você furou a fila*" -, ele instintivamente se aproximou de Aurora.

Mas ela apenas riu disso e sussurrou algo no ouvido do homem.

Ele recuou como se as palavras dela tivessem sido golpes.

Com um sorriso estampado em seu belo rosto, Aurora entregou um dos copos a Tommy e depois tomou o seu próprio.

Tommy inclinou o uísque na direção dela e bebeu.

Era muito bom. Ele não sabia qual era a marca, muito menos o ano, mas era inegavelmente fantástico.

Ele tomou outro gole.

"Ei, o que você disse para aquele cara?", perguntou ele, inclinándose para Aurora.

Ao contrário dele, ela tinha um leve cheiro de baunilha.

"*Chato*", cantou Aurora. Ela colocou seu copo de uísque no balcão.

"Vamos lá, vamos dançar."

Tommy balançou a cabeça.

"Não, eu realmente não..."

No entanto, isso não foi um pedido, mas uma ordem.

Aurora pegou a bebida da mão dele, colocou-a no balcão ao lado da dela e o puxou para a briga.

Tommy odiava dançar. Ele odiava, principalmente porque era péssimo nisso.

Ele protestou mais uma vez, mas quando Aurora simplesmente fechou os olhos e começou a se balançar, Tommy deu de ombros.

Não importava se ele fizesse papel de bobo aqui, ele decidiu. Ele nunca tinha visto essas pessoas antes e provavelmente nunca mais veria.

Tommy começou a se mover, tentando imitar a dança de Aurora, mas rapidamente perdeu o ritmo. Era como se Aurora não estivesse ouvindo a detestável bateria, mas outra coisa.

Uma linda canção que só existia em sua cabeça.

Os olhos verdes brilhantes da mulher se abriram inesperadamente e Tommy, consciente de que estava olhando para ela, corou e desviou o olhar.

Acima do som da música, ele podia ouvir a risada contagiante dela e não conseguiu evitar que um sorriso cruzasse seus lábios.

Aurora agarrou seus ombros. Sem saber o que ela estava fazendo, Tommy inicialmente resistiu, mas depois deixou que ela tomasse a iniciativa.

Que se dane. Essa bolsa é dela, não minha.

A mulher começou a se balançar novamente, dessa vez guiando Tommy junto com ela. Demorou um ou dois minutos, mas ele acabou ganhando confiança e se soltou da mão dela para dançar sozinho.

Agora, com um sorriso pateta no rosto, Tommy se afastou de Aurora, balançando os braços e se sentindo totalmente ridículo. Ele começou a se mover em direção a ela novamente quando o espaço entre eles se fechou e ele esbarrou em alguém.

"Desculpe", Tommy resmungou enquanto passava por um homem que parecia estar contrabandeando um esquilo dentro da camisa.

Uma mão agarrou a parte de trás de seu braço e ele sentiu um hálito quente em sua orelha.

"Controle isso, vaqueiro".

Tommy afastou a mão e olhou para o homem com quem havia esbarrado.

"Não me toque, porra", advertiu ele. Os olhos do homem se estreitaram.

"Veja onde você está"

"Oh, vamos, Tommy", disse Aurora, puxando-o na direção oposta.

Tommy se deixou levar pela multidão, mas nunca quebrou o contato visual com o homem-macaco.

Quem diabos ele pensa que é?

De repente, Aurora o puxou com força e, temendo que pudesse cair, Tommy finalmente olhou.

"Para onde está me levando?"

Aurora, como era de se esperar, não respondeu, mas a expressão em seu rosto era igualmente fácil de ler: *aborrecida*.

Tommy a seguiu em meio à multidão até chegarem a um corredor estreito.

"Aqui", instruiu Aurora. Tommy estava prestes a passar por uma porta de abrir quando viu a imagem icônica de uma mulher estampada nela.

"Não, não posso entrar lá", disse ele, arrastando os calcanhares.

Aurora revirou os olhos e o empurrou para dentro do banheiro feminino antes que Tommy pudesse protestar uma segunda vez.

Havia várias senhoras em frente ao espelho, aplicando maquiagem ou tirando selfies, mas nenhuma delas notou Aurora ou Tommy.

"Mas que diabos, Aurora? O que estamos fazendo aqui?", ele sussurrou.

Aurora riu e forçou Tommy a entrar em uma baia. Uma vez lá dentro, os olhos dele seguiram a mão bem cuidada dela enquanto ela entrava no decote profundo do vestido.

"Você precisa se soltar, Tommy. Você realmente precisa se soltar", disse ela, pegando duas sacolas pequenas.

Tommy fez uma careta e ergueu a mão, recusando preventivamente a oferta que ele sabia que estava por vir.

"Chato."

Aurora abriu uma das bolsas e espalhou um pouco de pó branco na membrana de sua mão direita.

Tommy só havia consumido cocaína uma vez na vida: na noite em que ele e o Dr. Beckett Campbell conceberam a *Wilde Clean-up*.

Foi uma experiência de montanha-russa, para dizer o mínimo.

Aurora levou a mão ao nariz e cheirou. Em seguida, inclinou a cabeça para trás e apertou as narinas.

Tommy suspirou.

A pressão que ele estava sofrendo era imensa e vinha sendo assim há um ano. Pressão para cuidar de Brian, para limpar seus erros, para pagar as dezenas de pessoas a quem ele devia dinheiro.

Ser um ombro amigo para aqueles que perderam entes queridos, mantendo suas próprias lágrimas afastadas.

"Que se dane", ele sussurrou.

Quando Aurora levantou a mão pela segunda vez, Tommy segurou gentilmente o pulso dela e a puxou para perto do rosto.

Ele cheirou toda a cocaína de uma só vez.

Em segundos, ele sentiu uma onda, uma sensação de formigamento

que começou em sua cabeça antes de se espalhar por todo o corpo até a ponta dos dedos.

Aurora riu e, enquanto ela preparava mais cocaína para si mesma, Tommy fechou os olhos e, pela primeira vez em meses, simplesmente se deixou levar.

Ele deixou de lado suas responsabilidades, suas dívidas, as lembranças e a dor.

Tudo o que ele sentia era a batida da música abafada em seus ouvidos, em sua cabeça, em sua alma.

Uma mão tocou sua nuca e os olhos de Tommy se abriram.

Ele não tinha certeza se eram apenas as drogas, mas Aurora estava incrivelmente bonita naquele momento. Sua pele cor de oliva parecia macia como leite, seus lábios perfeitamente rosados e em forma de coração.

E aqueles olhos... aqueles olhos verdes brilhantes...

Não, Tommy decidiu, não vou ser chato. Que se dane ser chato.

Ele se inclinou e a beijou. Tommy esperava que Aurora se afastasse ou talvez até o empurrasse contra o banheiro sujo, mas a mulher era cheia de surpresas.

Ela o beijou de volta, com a língua dançando sobre a dele e os dedos amassando seus cabelos.

Assim que Tommy fechou os olhos novamente, Aurora se soltou. Mas, em vez de carregar a mão com mais cocaína, ela esvaziou o segundo saquinho na palma da mão.

Tommy olhou para as duas pílulas pequenas e redondas. Depois, deu de ombros, pegou um e o colocou na boca. Aurora fez o mesmo com a outra.

Tommy engoliu o comprimido e se inclinou para beijá-la novamente, mas Aurora tinha outras ideias.

Ela bateu com a palma da mão na porta da cabine e começou a voltar para o clube.

"Vamos lá, Tommy. A diversão está apenas começando."

Capítulo 14

A combinação de cocaína e a pílula que Aurora lhe dera, que Tommy tinha certeza de que era MDMA, criou uma sensação de euforia e desinibição como ele nunca havia experimentado antes.

Aurora o conduziu de volta à pista de dança, e sua opinião sobre a música deu uma reviravolta.

Ele não apenas gostava, mas *adorava*.

Aurora estava em uma liga própria quando se tratava de dança, mas com o coquetel químico percorrendo seu sistema, Tommy se convenceu de que poderia acompanhá-la.

Ou pelo menos tentar.

O suor escorria dele enquanto se movia, encharcando a camisa limpa que ele havia pegado no banco de trás do BMW.

Ele não conseguia tirar os olhos dela. O olhar de Tommy subiu e desceu pelo corpo dela, finalmente parando nas pequenas gotas de suor em seu peito pálido. Elas refletiam as luzes brilhantes acima, espalhando-as como supernovas.

Um sistema solar inteiro - não, uma galáxia diante de seus olhos.

A vontade de passar os braços em volta da cintura dela e beijá-la novamente, não como no banheiro, mas com mais fervor, mais paixão, mais luxúria, era irresistível.

Tipicamente contrário a demonstrações públicas de afeto, Tommy de repente não se importava com nada além *dela*.

Agindo por impulso, ele alcançou os quadris dela, mas errou. Pensando que talvez sua percepção de profundidade estivesse fora de controle, ele estendeu os braços novamente.

Dessa vez, ficou claro que Aurora estava deliberadamente saindo do caminho.

Mais jogos, hein?

Normalmente, isso teria perturbado Tommy, mas não hoje, não agora.

Esse era um jogo que ele achava que poderia jogar.

E talvez até ganhar.

Aurora girou, fazendo seu vestido longo espiralar a seus pés.

Ela estava rindo, o que só se intensificou quando Tommy deu uma voltinha.

Ele ficou surpreso por ainda poder ouvir a risada dela acima do zumbido incessante da música.

Tommy se moveu para a direita, e Aurora se esquivou. Ele fingiu se lançar na direção oposta, apenas para cortá-la quando ela tentou sair do caminho novamente.

Tommy sorriu e passou os braços em volta dos quadris dela, puxando-a para perto de si.

Ao fazer isso, seu cotovelo bateu em algo duro, e ele se virou.

Parecia impossível que ele tivesse esbarrado no mesmo homem de antes de irem ao banheiro, dado o grande número de pessoas no clube, mas era apenas a sorte de Tommy.

"Cuidado, caubói."

Tommy olhou para o homem, que parecia não reconhecê-lo.

Quem esse cara pensa que é? Dizendo para eu tomar cuidado? Me chamando de cowboy? Será que ele não sabe o que eu fiz? Que desmembrei um cadáver e dissolvi outro em ácido?

Antes que ele percebesse o que estava fazendo, Tommy soltou a mão de Aurora e empurrou o homem no peito com as duas mãos.

As palmas de suas mãos voltaram a brilhar de suor.

"Que porra é essa, amigo?"

O cara poderia ter caído se não fosse pela multidão de pessoas que o segurou.

Tommy rosou e o rosto do homem mudou. Seu nariz largo se estreitou, seus olhos ficaram mais próximos, sua mandíbula endureceu.

O homem havia se transformado de um frequentador aleatório da boate no policial Marvin Pendergast.

Tommy piscou os olhos e mudou novamente.

Agora ele era Nick Petrazzino, depois Oscar Buglioni, depois Vinny.

O proprietário que se recusou a pagar.

O homem na porta de seu quarto.

Seu pai.

A última pessoa que Tommy viu antes de cerrar o punho e dar o primeiro soco foi Brian Wilde.

O golpe caiu diretamente no queixo do homem e todos os músculos de seu pescoço se contraíram ao mesmo tempo.

Ele cambaleou e Tommy atacou, dando um segundo soco, seguido rapidamente por um terceiro.

O homem desmaiou e Tommy caiu sobre ele, enquanto continuava a desferir socos.

Alguém tentou puxá-lo, mas ele abaixou seu centro de gravidade e continuou a soltar os punhos.

O rosto do homem estava ensanguentado e seus olhos estavam virados para trás, mas, mesmo assim, Tommy não parou.

Ele estava martelando Nick, Marv, Scooter, Brian, o proprietário, todos eles.

Bateu neles com tanta força que suas mãos doeram.

"Tommy?"

Com um olhar por cima do ombro para Aurora e seu vestido

escuro, Tommy se soltou do homem caído.

Ela não estava sorrindo, mas também não estava carrancuda.

Com a raiva esmaecida, Tommy colocou um braço protetor sobre o ombro dela e olhou em volta.

A música ainda estava tocando, mas ninguém estava mais dançando.

Todos estavam parados ali, olhando para ele.

"Acho... acho que devemos ir agora."

"Sim, provavelmente seria uma boa ideia", respondeu Aurora.

A multidão se separou enquanto eles se dirigiam para a entrada, dando a Tommy uma visão clara do homem que ele havia acabado de atacar.

Seu rosto - seu rosto *real* desta vez - estava irregular e descolorido. Seus olhos estavam completamente inchados e seu nariz, que estava vazando sangue, virou à esquerda logo ao sul da ponte.

O lábio inferior do homem tinha aproximadamente três vezes o tamanho que tinha antes.

Tommy não conseguia se lembrar da última vez em que se envolveu em uma briga.

Normalmente, ele simplesmente recuaria se as coisas ameaçassem se tornar físicas.

Que prevaleça a cabeça fria.

Mas não hoje... porque hoje foi tudo menos normal.

Tudo menos *chato*.

"Vamos, Tommy. Estou com fome."

O segurança abriu a porta para os dois e, juntos, eles saíram para a noite.

"Sabe de uma coisa?", disse ele. "Eu também estou com muita fome."

Um dos seguranças entregou a Aurora as chaves do carro e ela se dirigiu ao lado do motorista.

"Conhece algum lugar bom que esteja aberto até tão tarde?", perguntou ela ao entrarem.

Tommy deu uma risadinha.

"Somente a lanchonete que tem os melhores sanduíches da cidade. E você está com sorte... porque se você estiver comigo? Ela está sempre aberta."

Capítulo 15

"Agora, definitivamente, isso *não é* chato", Aurora comentou quando Tommy começou a abrir a fechadura da *Rose's Deli*.

Normalmente, ele a teria aberto em menos de um minuto. Mas Carm havia trocado a fechadura mais uma vez, desta vez optando por uma Yale. Isso também não deveria ter sido um problema, mas ele não tinha a ferramenta ideal, uma picareta de tamanho médio, com ele.

E os medicamentos não ajudaram.

Mesmo assim, depois de menos de cinco minutos, ele sorriu, girou a fechadura e deu um passo para trás.

"Voilà", disse ele, segurando a porta aberta para a mulher.

Aurora fez uma careta sugerindo que estava impressionada e entrou na delicatessen, sem fazer perguntas.

Estava escuro lá dentro, e Tommy procurou o interruptor de luz.

Ele a encontrou, mas não a ligou.

Aurora estava perto dele agora e respirava pesadamente. Seu perfume de baunilha tinha leves tons de transpiração, mas, ao contrário do dele, o dela não era desagradável.

Muito pelo contrário.

Dessa vez, foi ela quem o alcançou e ele não estava mais com vontade de brincar.

Ela o beijou, e Tommy a puxou para perto de si, sentindo o calor dela contra sua roupa emprestada.

As mãos dele foram para a bunda dela, e ele apertou e levantou para que o corpo dela ficasse pressionado contra a calça apertada.

Assim como na briga de punhos no clube, esse tipo de intimidade também era uma ocorrência rara para Tommy.

As luzes se acenderam de repente e Aurora se virou, quebrando o momento.

Tommy percebeu que ela estava tensa e tentou acalmá-la colocando a mão em seu quadril.

"Está tudo bem, está..."

Aurora deu de ombros para ele de forma tão violenta que Tommy recuou.

"- Só a Carmen."

"Ei, Tommy, como está indo?" Aurora relaxou enquanto o homem grande descia a última escada e entrava no andar principal da delicatessen. "Está com fome? Você parece estar com fome. E quem é seu amigo aqui?"

"Aurora", a mulher respondeu por si mesma.

Carm acenou com a cabeça e foi para trás do balcão.

"Prazer em conhecê-la, Aurora. Eu sou a Carmen. Por que não preparo um sanduíche para as duas? O que acha?"

Aurora olhou para Tommy e depois se voltou para Carm.

Ela estava sorrindo.

"Bem, se seus sanduíches são tão bons quanto o Tommy diz que são, como eu poderia resistir?"

Tommy observou Aurora atentamente enquanto ela dava uma mordida em seu sanduíche.

Ela se comportou com calma na primeira e na segunda mordida. Mas antes de engolir, seus olhos a denunciaram.

"Uau, esse sanduíche é bom", exclamou ela, claramente incapaz de se conter por mais tempo.

Tommy deu uma risadinha.

"Eu lhe disse... Eu lhe disse que a Carm faz os melhores sanduíches da cidade."

Satisfeito, Tommy voltou sua atenção para a torta à sua frente.

Não se sabia se eram as drogas ou o fato de ele estar exausto e com a barriga vazia, mas esse sanduíche em particular era o melhor de Carm até então.

Ele a inalou.

"O que aconteceu com sua mão?" Carm perguntou.

A princípio, Tommy pensou que ele estava perguntando sobre o dedo que faltava, mas a mão estava deitada em seu colo, fora de vista.

Tommy colocou o que restava do sanduíche no chão e observou os nós dos dedos da mão direita rachados e quebrados.

"Nada", disse ele.

"*Nada*", ironizou Aurora.

"Bem, Tommy, posso lhe dar um pouco de gelo para a mão que não sofreu nada?"

Tommy deu uma risadinha e disse que sim.

Quando o homem se retirou para a geladeira, os olhos de Tommy se voltaram para Aurora.

Ela deve ter percebido que ele estava olhando para ela, mas não o cumprimentou. Continuou a comer seu sanduíche em silêncio.

Ele ficou surpreso com o fato de alguém tão magro conseguir guardar tanta coisa porque, embora os sanduíches de Carm fossem deliciosos, eles também eram enormes.

Então, agora estamos de volta aos jogos, pensou Tommy.

Ele balançou a cabeça.

O efeito da cocaína já havia passado há muito tempo, mas o MDMA ainda estava em seu sistema. Ele não sabia quanto tempo os efeitos durariam, mas esperava que fosse por mais algumas horas, pelo

menos.

Tommy sabia que, quando o efeito das drogas passasse e a euforia desaparecesse, ele voltaria à sua vida real.

Uma vida que o levou a dever dinheiro a praticamente todo mundo em Manhattan.

Carmen jogou para ele um saco Ziploc cheio de gelo picado e Tommy o pressionou com gratidão nos nós dos dedos machucados.

Os dois comeram seus sanduíches enquanto Carmen os observava. Por duas vezes, Tommy viu o homem grande olhando para ele com o canto do olho, mas nunca disse nada.

Nem o teria feito, mesmo que Aurora não estivesse presente. Simplesmente não era seu estilo.

Infelizmente, Aurora não estava sujeita aos mesmos princípios.

"Como vocês se conhecem, afinal?"

Era uma pergunta bastante benigna, mas nem Carm nem Tommy responderam de imediato.

"Bem, sem ofensa, mas vocês são muito velhos para terem estudado juntos. A menos, é claro, que tenha sido um caso assustador de aluno-professor?"

Tommy pegou sua água e a usou para lavar um pedaço de mortadela.

Como posso responder a essa pergunta? Como posso...

"O pequeno Tommy costumava trabalhar aqui quando era criança", disse Carm com despreocupação. "Ele limpava a louça, principalmente. Certa vez, tentei colocá-lo na bancada atrás de mim, mas ele não sabe cozinhar de jeito nenhum. Mas isso foi há muito tempo, antes de ele se tornar um grande empresário."

Tommy saiu de seu estado de estupor e revirou os olhos.

"Sim, sou apenas uma história de sucesso comum de Elon Musk ou Mark Zuckerberg - um empresário bilionário clássico", comentou ele, encontrando sua voz.

Aurora riu.

"Bem", disse ela, deslizando seu prato vazio até Carm. "Obrigada por um dos melhores sanduíches que já comi. E eu conheço meus sanduíches".

"Não tem de quê", Carm respondeu com um sorriso.

Tommy olhou para o próprio prato e, embora seu sanduíche tivesse sido comido apenas dois terços, de repente ele não teve apetite para comer mais.

"Sim, obrigado", disse ele suavemente.

Aurora estava ao seu lado novamente, agarrando sua mão e puxando-o para fora do banco.

"Até mais tarde, Carmen", disse ela enquanto conduzia Tommy até a porta.

Tommy estava a meio caminho da saída quando Carmen falou pela última vez.

"Ei, você já deu..."

"Não, não, ainda não", respondeu Tommy.

Ele sabia exatamente o que Carm ia dizer.

Você visitou seu pai?

"O que foi aquilo?" Aurora perguntou enquanto eles voltavam para o carro dela.

"Nada. Ei, o que você acha de ir até minha casa para tomar uma bebida?"

Aurora riu.

"Talvez, se você tiver sorte".

Tommy tinha acabado de abrir a porta de sua casa quando Aurora pulou em cima dele.

Literalmente, pulou em cima dele.

As pernas dela bateram na parte inferior do corpo dele e os braços dela envolveram o pescoço dele.

Com os lábios dela nos seus, ele a levou para dentro e fechou a porta. Em seguida, girou Aurora e a pressionou de volta contra ela.

Havia algo diferente nesse beijo.

Ele tinha um propósito específico.

Tommy levou Aurora para o sofá em seguida. Ele queria levá-la para o andar de cima - a ideia de deitá-la no sofá onde ele havia dormido por três dias não era a ideal -, mas ele sabia que nunca conseguiriam.

Ele se abaixou sobre ela, beijando sua boca, depois a mandíbula e, em seguida, o fundo de sua garganta. Os lábios dele tinham acabado de tocar a clavícula dela quando ela o fez recuar gentilmente.

Tommy pensou que ela estava acabando com o que quer que fosse, mas seus olhos verdes brilhantes diziam o contrário.

Ela cruzou os braços e apertou as laterais do vestido. Depois, levantando os quadris para cima, tirou o tecido verde-escuro do corpo.

Tommy ficou chocado ao ver que Aurora estava completamente nua por baixo.

Os olhos dele passaram dos seios pequenos e empinados com mamilos rosados e macios para o umbigo e para o tufo de cabelo dourado bem aparado entre as pernas.

Quando o olhar dele finalmente voltou para o rosto dela, Tommy percebeu o quão ridículo ele devia estar parecendo, olhando-a de cima a baixo como acabara de fazer.

Mas Aurora não parecia desconfortável ou constrangida; em vez disso, parecia apenas satisfeita.

Tommy ficou olhando para o rosto dela durante o mesmo tempo em que inspecionou seu corpo.

Em seguida, ela jogou a cabeça para trás e riu.

Tommy não conseguia mais se conter. Em uma manobra muito menos graciosa do que a de Aurora, ele arrancou as calças e abaixou seu corpo sobre o dela.

Capítulo 16

O homem na porta deu um passo à frente, bloqueando quase toda a luz que entrava pelo corredor atrás dele.

"Seu pai não está aqui e não vai voltar para casa", disse o homem.

O garoto na cama tentou se levantar, tentou balançar as pernas para o lado e se levantar, mas isso era impossível: suas panturrilhas terminavam em tocos esfarrapados, em carne de hambúrguer solta e ossos brilhantes.

Ele abriu a boca para gritar, mas o homem rapidamente se adiantou e colocou uma mão sobre sua boca, bloqueando o som.

"Não precisa gritar, garoto."

O hálito do homem estava quente e cheirava a álcool.

"Não grite."

O garoto instintivamente estendeu a mão para afastar os dedos do homem de seu rosto, mas no momento em que fez contato, algo aconteceu.

Bolhas cor de carne apareceram nas bordas de suas palmas como uma aura efervescente.

Agora o garoto gritou, mas a mão do homem engoliu o som, transformando seu grito desesperado em um protesto abafado.

"Não. Grite."

Suas mãos pareciam estar se dissolvendo diante de seus olhos, desaparecendo na atmosfera.

Um lampejo de movimento de repente chamou a atenção do garoto. Seu primeiro pensamento foi que se tratava apenas de sua pele descamando e flutuando, mas quando a luz da porta piscou, ele soube que não era esse o caso.

Havia mais alguém na sala com eles agora.

Alguém mais do tamanho de um menino do que de um homem.

A mão começou a se afastar de sua boca.

"Tio? O que você está... o que está fazendo aqui?", perguntou a figura na porta.

Capítulo 17

Como na última vez em que acordou, Tommy não sabia onde estava no início.

Outra semelhança foi a forte dor de cabeça.

Tommy limpou a baba do canto da boca com as costas da mão e depois se sentou.

Ele ficou surpreso ao descobrir que a única coisa que estava vestindo era sua cueca.

Pela sua vida, ele não conseguia se lembrar do que havia acontecido na noite passada - ou três noites atrás, se seus padrões de sono tivessem sido permanentemente alterados. A única coisa de que se lembrava era de neutralizar o ácido no recipiente de Teflon e depois...

Tommy começou a sorrir quando suas lembranças voltaram. Mas quando olhou ao redor e descobriu que estava sozinho, o sorriso foi substituído por um olhar de preocupação.

"Aurora? Aurora? Você está aqui?"

Tommy tentou se levantar, mas parou quando foi acometido por uma tontura. Ele lambeu os lábios, mas sua língua estava tão seca que grudou em um canto, e ele teve que puxá-la fisicamente com dois dedos.

Ele estremeceu.

"Aurora?"

Enquanto esperava que a tontura passasse, os olhos de Tommy se concentraram em algo que estava na mesa de centro à sua frente.

Mas que diabos?

Parecia um maço de notas enrolado.

Naquele instante, Tommy soube que Aurora não estava aqui, que ela havia saído ontem à noite, depois que ele dormiu, ou hoje cedo.

Pensando que o dinheiro fosse algum tipo de miragem, ele o alcançou.

Tommy ficou surpreso ao descobrir que era sólido e que era real.

O rolo era composto de centenas e, embora fosse impossível adivinhar exatamente quanto dinheiro havia, ele tinha uma suspeita de que eram exatamente cinco mil dólares.

"Merda."

Tommy queria desesperadamente beber alguma coisa, um copo d'água para umedecer a boca, mas não se moveu até a cozinha.

Em vez disso, ele retirou o elástico das notas e começou a colocar as centenas de notas enquanto contava.

"Merda", ele repetiu.

Tommy coçou a cabeça enquanto olhava para a pilha organizada sobre a mesa.

O que você fez, Tommy? Que diabos você disse a Aurora?

A noite passada tinha sido algo que ele precisava e merecia. Algumas horas apenas para se soltar, para desabafar.

Ele virou a mão direita e olhou para os cortes e hematomas nos nós dos dedos.

Em seguida, ele olhou para o dedo que faltava em sua mão esquerda.

Por fim, seus olhos se voltaram para o dinheiro.

O fato de ser a quantia exata que ele devia a Marv e Scooter não foi um acidente, uma mera coincidência.

Qualquer prazer que ele pudesse ter extraído de suas escapadas no clube e, mais tarde, aqui no sofá, se dissipou rapidamente.

Ele foi substituído por arrependimento.

"Você fez merda, Tommy. Deixou suas bolas pensarem em vez de sua cabeça."

Aurora não lhe dera muita escolha quando aparecera sem avisar em seu depósito, mas ele poderia tê-la humilhado.

Ele poderia ter tomado um ou dois drinques e depois pedido para ir para casa. Consumir algumas doses de cocaína, tomar MDMA, envolver-se em uma briga, invadir a casa da Carm e voltar aqui para fazer sexo com a filha do chefe da máfia?

Tudo isso era opcional.

Tudo isso foi culpa dele.

Tommy empilhou as notas em uma única pilha e enrolou novamente o elástico em volta delas.

Dormir com a filha de um mafioso era uma receita para o desastre em circunstâncias normais. Mas um homem que havia cortado seu dedo, extorquido metade de seu negócio e que odiava ladrões e pessoas desonestas?

Isso era apenas um desejo de morte.

Tommy encontrou seu celular quebrado embaixo do sofá e o pegou. A única coisa que o faria sorrir agora era receber uma mensagem de Aurora dizendo que ela havia esquecido algo - talvez cinco mil dólares - na casa dele e que voltaria em breve para pegar.

Não tive essa sorte.

Tommy passou os minutos seguintes tentando se lembrar do que, exatamente, havia dito a Aurora.

Ele não se lembrava de nada. Na pior das hipóteses, ele havia compartilhado os detalhes de seu acordo com os policiais e explicado o esquema de propina que a *Wilde Clean-up* havia estabelecido.

Na melhor das hipóteses, ele apenas reclamava, reclamava e reclamava da necessidade de dinheiro.

O problema era que Aurora era inteligente demais para cair na segunda opção e perspicaz demais para não intuir a primeira.

A verdadeira questão era: o que Aurora iria fazer com toda essa munição? Toda essa sujeira que ela tinha sobre Tommy?

Extorquir um homem que não tinha nada e já estava no fundo do poço era o mesmo que pedir um preservativo emprestado a uma freira católica.

Tommy balançou a cabeça e, enquanto seus olhos se voltavam para o dinheiro, um pensamento lhe ocorreu de repente, algo que Carm havia dito não durante essa última visita, mas na anterior.

Mesmo as pessoas mais pobres podem ter sonhos caros.

Tommy decidiu-se então.

Não importava realmente por que Aurora havia lhe dado ou emprestado o dinheiro, e não era como se ele pudesse simplesmente devolvê-lo a ela - chato.

"Bem, eu certamente tenho a parte pobre", Tommy sussurrou ao abrir o telefone e discar o número do policial Marvin Pendergast.

Mas ele não tinha sonhos caros.

Esse era um luxo que ele simplesmente não podia se dar, independentemente do que Carm tivesse dito.

Tudo o que ele queria era viver mais um dia... inteiro.

Isso não era pedir demais, era?

Capítulo 18

Quando havia dinheiro envolvido, Marv não brincava.

Tommy mal tinha saído do chuveiro e vestido as mãos machucadas quando ouviu uma batida forte na porta.

"Tommy, meu amigo! Traga sua bunda magricela aqui para baixo!"

Tommy vestiu uma camiseta e uma calça jeans e desceu as escadas apressadamente. Ele destrancou a porta e estava começando a abri-la quando Marv entrou com um empurrão.

"Aí está ele", disse o homem com um sorriso largo. Ele apertou o ombro de Tommy com força. "Senti sua falta."

Tommy o ignorou, foi até a mesa e pegou o dinheiro. Os olhos de Marv começaram a brilhar quando ele viu o dinheiro.

"Ah, é bom ver que eu e o Scoot colocamos um pouco de bom senso em você."

Tommy colocou o rolo na mão estendida do homem.

"Está tudo aí. Todos os cinco mil."

"Tenho certeza que sim, Tommy. Tenho certeza que sim." Sem se preocupar em contar o dinheiro, Marv colocou o maço de notas dentro da calça do uniforme.

Tommy começou a direcionar Marv para a porta da frente, que ainda estava aberta, quando o homem interrompeu repentinamente o progresso deles.

"Ei, sua mãe não lhe ensinou boas maneiras? Não vai me convidar para entrar?"

"Eu tenho..."

Marv jogou a cabeça para trás e zurrou.

"Que merda, Tommy!", exclamou ele, agarrando e apertando seu ombro mais uma vez. "Sei que você é um homem ocupado - bem, você era e será novamente, agora que pagou."

Marv enfiou a mão no bolso da frente de sua camisa da NYPD e tirou um pedaço de papel dobrado.

Tommy franziu a testa.

"O que é isso?"

"Seu próximo trabalho, idiota. Ei, você me pagou, agora eu vou retribuir, sabe? Teta por teta?"

Tommy detestava a expressão no rosto de Marv. Era um sorriso, um olhar conhecedor, que dizia: "Eu peguei você, posso estar apertando seu ombro, mas na verdade estou esmagando suas bolas".

Mas Tommy pegou o pedaço de papel mesmo assim.

Afinal de contas, que escolha ele tinha?

Roubar Pedro para pagar Paulo, Marcos, Lucas e João.

Um nó se formou no fundo de seu estômago enquanto ele fazia mentalmente uma lista de verificação de todas as pessoas a quem ainda devia dinheiro.

Marv e Scooter eram apenas a ponta do iceberg. O pouco de merda que saía da água do banheiro, um indício de que o encanamento estava completamente entupido abaixo da superfície.

"É um prazer fazer negócios com você, Tommy", disse Marv, com um sorriso que atingiu proporções incrivelmente grandes.

Tommy observou o bastardo corpulento atravessar a entrada da garagem e ir em direção ao carro de patrulha. A janela do passageiro estava aberta e o braço de Scooter estava pendurado para fora.

O homem baixou os óculos escuros até a ponta do nariz e mexeu no bigode.

"Tommy", disse ele, engatilhando o polegar e o indicador como se fosse uma arma. "Foi um prazer fazer negócios com você."

Tommy ignorou Scooter.

Ele ainda não conseguia acreditar que aqueles dois homens eram policiais - policiais do Departamento de Polícia de Nova York. Os mesmos homens que o haviam sequestrado, mantido preso em East River e ameaçado matá-lo.

"Putá que pariu", resmungou Tommy.

Marv, com um pé dentro do carro, olhou para cima e Tommy pensou que o homem poderia tê-lo ouvido.

Mas ele não deve ter feito isso, porque ainda estava sorrindo.

"Ei, Tommy, três semanas, meu caro. Três semanas e eu vou querer outro pacote pequeno, como este", disse ele, mexendo em seu bolso cheio.

"Sim, Tommy, três semanas!" reiterou Scooter.

Tommy entrou em sua casa enquanto o carro da polícia de Nova York se afastava do meio-fio.

Ele fechou a porta e encostou as costas nela, precisando de um momento para recuperar o fôlego.

Três semanas...

Seus olhos se voltaram para o pedaço de papel dobrado em sua mão.

Tommy achava que deveria ser grato, até mesmo apreciar.

Afinal de contas, ele estava precisando desesperadamente de dinheiro, e esse era um trabalho pago.

Mas também era uma armadilha. No momento em que pegou o papel de Marv, ele havia concordado implicitamente em dar mil dólares ao homem.

Se o nome de quem estava escrito na página decidisse que não precisava dos serviços de Tommy ou, como os outros, se recusasse a pagar depois do fato, ele ainda ficaria devendo a Marv e Scooter a sua

parte.

Eventualmente, Marv tentava obter mais dinheiro por cada indicação. Quando Tommy simplesmente não podia pagar a taxa, eles assumiam o controle de seus negócios, vendiam tudo o que fosse de valor e passavam para o próximo bastardo desesperado que pudessem extorquir.

As coisas invariavelmente ficariam mais complicadas se e quando descobrissem sobre a participação de Nick na *Wilde Clean-up*, mas Tommy ainda não via uma saída para a polícia de Nova York.

Talvez eu possa jogar um contra o outro... não, talvez eu possa jogá-los um contra o outro.

Tommy baniu o pensamento tão rapidamente quanto ele se materializou.

No momento, ele precisava manter as coisas simples.

Ele precisava ganhar dinheiro e pagar suas dívidas.

Tommy desdobrou o papel.

Como de costume, escrito com a mão infantil de Marv, havia um único nome e endereço.

"Joshua Redds", Tommy leu em voz alta. E então, apesar de tudo o que estava acontecendo em sua mente, ele se viu pensando em Joshua.

Pensando na história desse homem e se ela se comparava de alguma forma com a de Tommy.

A parte mais difícil do trabalho de Tommy, depois que você superava o sangue e a sujeira, era o encontro inicial.

Desde que começou a *Wilde Clean-up*, Tommy se deparou com todo tipo de familiar em luto que se possa imaginar.

Ele já viu desanimados, deprimidos, irritados e até mesmo excitados.

Mas foi o fato de não saber como uma pessoa reagiria que Tommy achou particularmente enervante.

E as escassas anotações de Marv eram praticamente inúteis quando se tratava de fornecer qualquer tipo de percepção sobre esse assunto.

Tommy pegou um táxi até seu depósito e optou por usar sua van e não seu veículo pessoal. Ela estava relativamente bem abastecida desde seu último emprego, e ele ficou feliz: ainda não se sentia à vontade para voltar à sua unidade.

Apenas a visão da grade embutida no concreto foi suficiente para fazer seu estômago revirar.

Apenas um corpo, Tommy, apenas outro trabalho... Depersona - cale a boca, já.

Além da possibilidade de um influxo de dinheiro muito necessário, esse novo contrato serviria a outro propósito: tirar a mente de sua

vida de desastre.

Com um suspiro pesado, ele colocou a van na direção e foi ao encontro de Joshua Redds.

Tommy tinha a sensação de que, independentemente do que tivesse acontecido ao homem ou a um membro de sua família, não chegava nem perto do que ele havia passado nos últimos tempos.

Capítulo 19

Joshua Redds era um homem alto, com olhos azuis marcantes e pele clara. Ele era mais pesado, não muito gordo, mas com uma cintura grossa.

Tommy identificou seu sotaque como bostoniano, e ele falou devagar e deliberadamente, como se estivesse tentando se certificar de que estava sendo compreendido.

Depois de se apresentar, ele foi convidado a entrar. Tommy estava tendo dificuldade em ler o homem. Ele era calmo e equilibrado, mas claramente reservado.

Tommy observou o ambiente ao seu redor, amaldiçoando silenciosamente Marv por não lhe dar mais informações.

A casa em que ele se encontrava era modesta e limpa e, quando Joshua o conduziu pela sala de estar em direção à cozinha, Tommy se convenceu de que a pessoa que havia falecido devia ter morrido no andar de cima.

Com isso em mente, seus olhos instintivamente se voltaram para o teto, mas não havia nada de estranho para ver.

Não que ele esperasse notar algo em uma casa tão arrumada.

"Você quer um café ou algo assim?" Joshua perguntou quando eles entraram na cozinha.

Antes que Tommy pudesse responder, o homem virou as costas e pegou uma caneca no armário.

Tommy queria uma xícara de café, algo para manter seus níveis de energia elevados, mas sabia que era melhor começar, tirar os detalhes do caminho.

"Não, estou bem, obrigado. Tomei três xícaras esta manhã. Se eu beber mais, vou começar a tremer. Você se importa se eu colocar alguns dos meus papéis aqui na mesa?"

"Vá em frente."

Quando Joshua fez o café e se virou, Tommy já havia espalhado suas anotações na mesa da cozinha.

O homem pareceu chocado, mas fez um gesto para que ele se sentasse antes de se acomodar à sua frente.

"Sinto muito por sua perda, Joshua. Não quero parecer indiferente ou insensível, mas, para não insultá-lo, gostaria apenas de lhe dar uma visão geral dos meus serviços. Não sei o que o policial Pendergast lhe disse, então vou começar do início..."

"Eu só quero isso... só quero deixar tudo isso para trás. E, por favor, me chame de Josh."

Tommy observou o homem enquanto tomava seu café.

Um pai, talvez? Foi ele que morreu? Um tio? Um sogro?

"Entendo", disse Tommy. Em seguida, ele rapidamente delineou seu esquema geral de preços, incluindo a taxa horária e os custos iniciais. Ele não entrou na minúcia das cobranças adicionais relacionadas à limpeza, como reparos imprevistos em itens estruturais ou incineração de pertences pessoais e material de risco biológico, mas, depois de tantos trabalhos, suas estimativas geralmente eram bem próximas do preço final.

Durante todo o tempo, Josh apenas o encarou e assentiu, com cara de pedra.

"Parece ótimo", disse o homem. "E você faz... tudo? Como, sabe, limpar manchas e tudo mais?"

"O principal objetivo da *Wilde Clean-up* é devolver o cômodo, a casa ou o local onde ocorreu a tragédia ao seu estado anterior. Agora, vou começar dizendo que nem sempre é possível, mas como tenho certeza de que o policial Pendergast mencionou, a *Wilde Clean-up* é uma das melhores."

"Tragédia", resmungou Josh.

Tommy não tinha certeza de como interpretar o comentário, então simplesmente o ignorou e ficou em silêncio.

Josh tomou um gole de seu café e respirou fundo.

"Veja, a apólice de seguro da minha esposa era bastante substancial. Tenho certeza de que suas taxas não serão um problema. Como eu disse, eu só... eu só quero deixar toda essa bagunça para trás."

Esposa?

Tommy tentou não deixar transparecer o choque em seu rosto. Ele não esperava que fosse a esposa do homem que tivesse morrido.

"Tommy? Você está bem?"

"Sim... eu sinto muito", repetiu ele. "Se você puder assinar aqui... o formulário basicamente descreve a estrutura geral de taxas que mencionei anteriormente. É claro que os detalhes específicos dependerão do tamanho da área e da..." Tommy deixou a frase cair quando Josh pegou uma caneta.

Não há necessidade de continuar a vender depois que a venda foi feita.

O homem assinou onde Tommy indicou sem hesitar.

Então ele olhou para cima e deu um sorriso cansado.

Tommy já havia visto todos os tipos de sofrimento e, embora fosse capaz de reservar seu julgamento, o comportamento de Josh lhe pareceu particularmente estranho.

"Agora, há mais uma coisa da qual você deve estar ciente. A limpeza, dependendo de muitos fatores, pode levar mais de dois dias, talvez até mais. Infelizmente, você não poderá ficar aqui durante esse

período. Por mais inconveniente que isso possa ser, não é negociável. Por motivos de segurança..."

Tommy parou de falar quando Josh balançou a cabeça.

Oh, ótimo, lá vem ele. Ele vai mudar de ideia, tentar barganhar, se esquivar de tudo isso.

"Não, desculpe, eu não quis enganá-lo", disse Josh deliberadamente.

"Mas minha esposa Ruth não morreu aqui. Ela morreu em um lugar que alugou a cerca de dez minutos daqui. Espero... espero que isso não seja um problema."

Capítulo 20

A última coisa que Tommy precisava agora era de mais dívidas. E, no entanto, depois de sair da casa de Joshua Redds com uma sensação estranha no estômago, ele se viu fazendo uma ligação telefônica que invariavelmente levaria a isso.

Dustin respondeu imediatamente, como se estivesse esperando que Tommy estendesse a mão.

E talvez ele tenha sido.

Tommy não tinha certeza se a motivação para ligar para o homem era porque se sentia em dívida com ele - afinal, quando ele ficou desaparecido por três dias, Dustin tinha sido o único a procurá-lo - ou porque ele simplesmente não queria ficar sozinho com seus pensamentos.

De qualquer forma, Dustin concordou prontamente em se juntar a ele na casa de Ruth Redds e ajudá-lo com o novo trabalho de limpeza.

O homem parecia ansioso e animado, apesar de Tommy ter deixado explicitamente claro que ele teria de esperar um tempo indeterminado antes de receber o pagamento.

Enquanto dirigia para a casa de Ruth Redds, Tommy inconscientemente montou uma narrativa dos últimos momentos da mulher.

Josh havia dito "esposa" ao se referir à falecida, e não "ex-esposa". Era possível que isso fosse feito por hábito, especialmente se eles tivessem se separado ou se divorciado recentemente, mas Tommy não achava que fosse esse o caso.

Ele tentou não interpretar muito bem o comportamento do homem, dada a complexidade da dor como emoção humana, mas Tommy também não podia ignorar a sensação em seu intestino que lhe dizia que algo estava errado.

Isso só se intensificou quando ele parou em uma casa de dois andares que parecia adequada para uma família de quatro pessoas. Tommy estimou que Josh tinha quarenta e poucos ou cinquenta e poucos anos e as fotos que ele viu nas paredes sugeriam que os filhos deles - um menino e uma menina - já eram adultos e estavam na escola.

Não era incomum que casamentos fracassados persistissem por causa dos filhos, para depois se dissolverem quando os filhos saíssem do ninho.

Mas, geralmente, era o homem que se mudava nessas circunstâncias e, mesmo assim, normalmente para um apartamento pequeno, a fim de limitar o ônus financeiro.

Curiosamente, a casa em que Ruth Redds havia morrido era apenas um pouco menor do que aquela de onde Tommy acabara de sair.

Ele deu ré na van até a entrada da garagem e decidiu fazer algumas pesquisas enquanto esperava Dustin chegar.

A primeira coisa que ele fez foi vasculhar os jornais locais em busca de qualquer referência à morte de Ruth Redds. Ele não encontrou nada, mas isso não foi uma grande surpresa: Nova York havia se tornado um lugar perigoso na última semana. O FBI aparentemente havia frustrado um grande plano terrorista para bombardear a Grand Central Station, que ocupou a maior parte do ciclo de notícias de vinte e quatro horas. Os Yankees tinham ido em frente e investido mais de duzentos milhões de dólares em um agente livre premiado, e a corrida para prefeito estava praticamente ganha, com o promotor público Mark Trumbo na liderança do ranking.

Não era de se surpreender que a morte de uma mulher de meia-idade no Brooklyn não fosse notícia de primeira página.

Tommy então recorreu ao seu método comprovado para obter informações sobre os mortos: os obituários.

Porém, depois de mais de cinco minutos de busca, Tommy não encontrou nada, e seu radar estava mais uma vez emitindo um sinal sonoro.

Geralmente, o marido da pessoa falecida era responsável por publicar um obituário. Mesmo que eles estivessem muito abalados para preparar uma declaração - o que não parecia ser o caso de Josh Redds - a casa funerária geralmente prestava esse serviço por pouco ou nenhum custo adicional.

Mas, até onde ele sabia, parecia não haver registro da morte de Ruth.

Talvez seja cedo demais. Afinal de contas, Marv me procurou hoje de manhã.

Marv poderia ter dito a Josh que passaria a mensagem adiante, que a *Wilde Clean-up* entraria em contato com ele e que apenas aguardaria até que sua parte fosse paga. Na experiência de Tommy, as pessoas queriam que a bagunça deixada por seus entes queridos fosse limpa o mais rápido possível. No entanto, essa era uma situação única, pois Josh não morava com a esposa.

Talvez Josh ainda não tivesse se dado conta da finalidade da morte.

Isso poderia ter feito mais sentido, exceto por um pequeno detalhe: Josh já havia feito um comentário sobre a apólice de seguro de sua esposa e o pagamento.

Sabendo que não chegaria a nenhuma conclusão definitiva sentado em sua van, Tommy saiu e caminhou até a frente da casa.

Havia um grande adesivo na porta que eclipsava a moldura - provavelmente colocado ali por Marv - indicando que o interior era

uma cena de crime e que somente pessoal autorizado poderia entrar.

Isso não era verdade, é claro; o fato de Tommy ter sido contratado era uma indicação de que a cena já havia sido liberada pela polícia de Nova York.

Essa era apenas mais uma maneira de Marv e Scooter mostrarem a ele que eram eles que estavam no controle.

Com a testa franzida, Tommy tirou do bolso o canivete do pai e apertou o botão, liberando a pequena lâmina quebrada.

Ele a usou para cortar o papel ao longo da costura da porta e depois tentou a maçaneta. Ela estava destrancada, o que foi um alívio, pois Josh havia dito a ele que não tinha a chave - outro fato revelador.

Quando Tommy entrou na casa, já estava no modo de narração, examinando cada centímetro do saguão e depois da cozinha.

Nada parecia estar fora do lugar. Não havia sacolas de supermercado na entrada, o que sugeria que Ruth poderia ter sofrido um evento coronariano fatal ao voltar da loja. E a cozinha estava tão limpa que Tommy teve dificuldade em acreditar que ela tivesse sido usada recentemente, se é que foi usada alguma vez.

Seus olhos examinaram o pequeno espaço, que não parecia nada habitável.

Havia um console de madeira maciça em frente a um sofá de aparência nova, mas onde deveria haver uma TV em cima, não havia nada.

"Bem, ela não morreu aqui embaixo", Tommy sussurrou enquanto continuava a percorrer a casa.

O lavabo parecia igualmente sem vida, então Tommy subiu as escadas em seguida.

Foi no banheiro principal que ele finalmente encontrou evidências de que alguém havia estado aqui recentemente.

Não estava bagunçado, mas o assento do vaso sanitário estava levantado e havia alguns pedaços de papel higiênico na água limpa.

Na cesta de lixo, Tommy também notou uma embalagem de camisinha vazia.

Uma narrativa mais precisa começou a se formar em sua mente, uma que não era mais tão complementar ao recém-falecido.

E talvez a razão pela qual Josh parecia não ter sido afetado pela morte de Ruth.

Tommy saiu do banheiro e foi diretamente para a porta aberta do que ele presumiu ser o quarto principal.

Seus instintos se mostraram corretos, e Tommy se viu olhando para o local onde Ruth Redds havia dado seu último suspiro.

A polícia havia tirado os lençóis e o edredom da cama, mas os travesseiros estavam presentes, embora sem suas capas.

O colchão estava tão saturado de sangue que toda a metade inferior

havia passado de branco para um marrom escuro. O sangue parecia ter se originado de dois locais distintos: na metade do colchão, a cerca de 30 centímetros de cada borda.

Tommy se adiantou e se abaixou. Ele não estava com as luvas - todo o seu equipamento estava de volta na van -, mas sua primeira passagem era apenas para observação. A limpeza viria depois.

O sangue de Ruth havia encharcado tanto o colchão que vazou para o carpete abaixo.

Tommy se levantou e elaborou mentalmente seu plano de ataque. Ele teria de se livrar do colchão e, dependendo do grau de dano das ripas de madeira da cama, talvez tivesse de substituir algumas delas também. O carpete teria de ser removido junto com uma grande parte do forro inferior.

Mas, no que diz respeito a trabalhos de limpeza, esse seria bastante fácil.

Além da cama, a única mobília do quarto era uma pequena escrivaninha no canto mais distante, com um laptop em cima. Mas nenhum deles parecia ter sido afetado pela morte da mulher.

Tommy se virou para descer as escadas quando viu seu reflexo nas portas duplas do armário, que eram espelhos do chão ao teto.

"Putá merda", ele murmurou.

A pele de Tommy parecia mais desgastada do que sua jaqueta de couro, os círculos ao redor dos olhos mais escuros do que as manchas no colchão.

"Você está péssimo, Tommy", disse ele em voz alta.

"Tommy?" Uma voz gritou do andar de baixo, assustando-o.

"Tommy, você está aqui? Liguei para o seu telefone, mas você não atendeu. Eu vi a van e não sabia se deveria entrar ou..."

Tommy balançou a cabeça e finalmente desviou o olhar do estranho no espelho.

"Sim, Dustin, estou aqui em cima. Pegue algumas luvas da van, porque estamos prestes a sujar as mãos."

Capítulo 21

"E-eu-eu me lembro disso", disse Dustin com entusiasmo. Tommy sorriu ao ver o homem começar a pegar a sacola cheia de produtos químicos. A mão dele foi primeiro para a amônia, mas depois ele a puxou de volta. "Para tirar sangue de carpetes de cor clara, você deve usar peróxido de hidrogênio."

Tommy havia removido o colchão e o embrulhou em plástico antes de colocá-lo na parte de trás da van. Ele ficou feliz em ver que a estrutura da cama não foi relativamente afetada pela enorme quantidade de sangue. Com uma simples passada de pano, ela ficou bem limpa. Depois de colocar o estrado contra a parede, eles começaram a tarefa de limpar o carpete.

"Não, talvez seja..."

Tommy balançou a cabeça.

"Você está certo, Dustin, você está certo: o peróxido de hidrogênio é melhor para tirar manchas de sangue de carpetes claros." Dustin começou a sorrir. "Mas você sabe o que é ainda melhor para tirar manchas do carpete?"

O homem franziu as sobrancelhas e Tommy pegou um cortador de caixa no contêiner de suprimentos.

"Uma faca. Esse carpete está embaixo da cama... não adianta nos matarmos tentando remover a mancha. É mais fácil simplesmente cortar a seção e substituí-la."

Dustin parecia um pouco desapontado, mas sua expressão melhorou quando Tommy virou a lâmina e a estendeu para ele.

"Na maioria dos casos, você só quer remover a camada superior. Mas já posso dizer, só de olhar para isso, que o sangue definitivamente foi absorvido. Você pode simplesmente cortar diretamente no contrapiso."

Dustin hesitou em colocar a lâmina no carpete.

"Um pouco mais largo, para o caso de a mancha se espalhar no estofamento abaixo. Quatro polegadas ao redor do -"

Uma batida forte na porta da frente, abaixo deles, interrompeu Tommy no meio da frase.

"Quem é esse?"

Tommy silenciou Dustin e esperou que o som se repetisse, torcendo para que isso não acontecesse.

Ele não teve tanta sorte.

A batida veio novamente, dessa vez com mais agressividade. Felizmente, Tommy havia trancado a porta atrás de si, algo que ele fazia por hábito desde uma situação infeliz em que um parente o

invadiu durante a limpeza.

Mas isso não ajudou a acalmar seus nervos. Ele imaginou que poderia ser uma de apenas três pessoas, sendo que nenhuma delas tinha boas intenções: Marv, Vinny ou Josh.

Tommy rezava desesperadamente para que fosse a segunda opção. De qualquer forma, a presença de Dustin aqui não beneficiaria ninguém, muito menos o próprio homem.

Na última vez em que foram interrompidos, uma arma foi apontada para seus rostos.

"Isso é..."

"Quieto", sibilou Tommy. "Apenas fique quieto - fique fora de vista e fique quieto."

Os olhos de Dustin se arregalaram e, embora parecesse que ele queria dizer algo, o homem felizmente permaneceu em silêncio.

Confiante de que ele seguiria seu conselho, Tommy se levantou e caminhou rapidamente até a escada.

"Quem é?", ele gritou.

"Tommy? Você está aí?"

Havia uma quarta opção, uma que ele não havia considerado: Aurora.

Tommy lançou um último olhar para Dustin, atônito, antes de se lançar escada abaixo.

Ele destrancou a porta e a abriu.

"O que você está fazendo aqui?", ele exigiu.

Aurora Petrazzino lançou-lhe novamente aquele olhar que o acusava de ser chato.

Mas, dessa vez, isso não afetou Tommy. Não se tratava de uma boate gordurosa ou de um encontro com drogas.

Esse era seu trabalho, sua vida.

A mulher estava na varanda, vestida com uma camiseta branca simples e calça jeans. Seu cabelo estava preso em um coque e, ao contrário de Tommy, ela parecia vibrante, bem descansada até.

"Ah, eu vi sua caminhonete e pensei em dar uma passadinha aqui para uma rapidinha", brincou ela.

Tommy ficou olhando.

"Que porra você acha que estou fazendo aqui, Tommy?"

E então, como se fosse a deixa, ele avistou Vinny.

O homem apareceu na passarela, com uma grande seção de carpete enrolado pendurado em um dos ombros.

Seu rosto estava vermelho devido ao esforço.

"Ouvi dizer...", Vinny grunhiu e mudou a carga de lugar. "Ouvi dizer que você pode precisar de um tapete extra para este trabalho."

Tommy ficou boquiaberto.

Ele não sabia se isso era mais uma coincidência, mas o timing do

homem era impecável.

Mas a visita dele não teve nada a ver com o carpete em si.

"Você não pode entrar aqui", advertiu Tommy, finalmente encontrando sua língua.

Vinny fez uma careta e continuou em frente.

"Saia da minha frente, Tommy."

Tommy manteve sua posição, sem saber o que fazer em seguida.

Dustin estava no andar de cima e, embora o homem soubesse que Tommy e esse trabalho eram a coisa mais distante do normal, ele não sabia disso.

Ele não sabia que a máfia estava usando a *Wilde Clean-up* como fachada para eliminar pessoas.

Ele *não podia* saber de nada disso.

E Aurora? Ela estava parada na varanda, olhando para ele como se ele tivesse três cabeças.

"Não vou lhe perguntar de novo", alertou Vinny.

Aurora se afastou, mas Tommy ainda se recusava a se mover.

Ele apenas olhava para esse homem, seu parceiro, o idiota assassino.

Eu deveria simplesmente gritar, fazer barulho, chamar a polícia, alertar os vizinhos, fazer alguma coisa.

Mas qual seria o objetivo? Claro, Vinny poderia ser preso, mas o mais provável é que ele escapasse.

Então, Tommy teria muito o que explicar... para Marv e Nick, que haviam deixado claro que não tinham medo de lhe causar lesões corporais graves.

Tommy praguejou e, com relutância, se afastou.

Vinny passou por ele, esfregando deliberadamente a borda do carpete em seu peito.

"Esse é um bom menino", sibilou Vinny.

Tommy considerou outra opção agora, uma que sempre parecia ocupar um pequeno espaço em sua mente: entrar no carro e simplesmente ir embora.

Mas Dustin estava no andar de cima.

Dustin, que realmente era inocente em tudo isso.

"Foda-se."

Aurora o persuadiu silenciosamente a voltar para dentro da casa de Ruth Redds. Assim que ela fechou a porta atrás deles, Vinny deixou cair o tapete no chão sem cerimônia.

Tommy tinha esperança, por mais improvável que fosse, de que o carpete fosse apenas isso: um carpete.

Mas o grito abafado que saiu de uma das extremidades mais uma vez provou que ele era incrivelmente ingênuo.

Vinny empurrou a borda do rolo com o pé, e ele se soltou.

O coração de Tommy ficou apertado. Ele sabia que deveria ficar quieto e deixar Vinny agir como antes, mas não conseguia fazer isso.

"Porra, Vinny, ele é só uma criança!"

Ali, deitado no chão, com as mãos amarradas para trás e a boca coberta com fita adesiva, estava um homem que não aparentava ter mais de 25 anos de idade. Seus cabelos loiros estavam desgrehados e ele usava uma camiseta do Green Day encharcada de suor.

"Ele já tem idade suficiente para roubar o Nick, já tem idade suficiente para arcar com as consequências", disse Vinny, parecendo quase orgulhoso de si mesmo.

Ele tirou do cinto uma arma com um silenciador e olhou para Tommy enquanto verificava a câmara.

Os gritos abafados do garoto no chão aumentaram em fervor.

"Você não pode fazer isso aqui, Vinny. Você não pode..."

Vinny começou a levantar a arma e Tommy, agindo agora por puro impulso, estendeu a mão e pegou o silenciador.

"Tommy!" Aurora gritou.

Vinny olhou para Tommy, revelando seus longos dentes.

Isso é exatamente o que ele quer, pensou miseravelmente. Ele quer uma desculpa para matá-lo por causa do que você fez na casa de Taglia.

Mesmo sabendo disso, no entanto, Tommy continuou segurando o silenciador e se recusou a soltá-lo.

"Deixe acontecer, Tommy", insistiu Aurora.

Tommy estava incrédulo.

"Deixar acontecer? Deixar *acontecer*? Que porra é essa, Aurora? Eu não vou deixar o Vinny matar esse garoto! Isso é coisa de louco!"

Aurora olhou para ele com os olhos arregalados.

"Lembre-se de quem..."

"Eu poderia simplesmente matar você", ofereceu Vinny. "O que você acha disso?"

Essa foi a gota d'água.

Tommy já estava farto.

Ele puxou a arma para frente e, quando Vinny tropeçou, Tommy colocou a perna na frente dele.

Vinny tropeçou e Tommy, que ainda se recusava a largar a arma, caiu com ele.

Ao atingirem o chão, Vinny tentou trazer a arma de volta, mas Tommy colocou todo o seu peso na mão direita, prendendo o pulso do homem no carpete. Ele rapidamente montou em Vinny e levantou o cotovelo, preparando-se para derrubá-lo e esmagar o nariz estreito do homem quando alguém agarrou seu braço por trás.

Tommy se virou para olhar para Aurora, que parecia quase entediada com o que acabara de acontecer.

"Não...", ele começou, mas Vinny balançou os quadris e Tommy

perdeu o equilíbrio.

Ele não teve escolha a não ser largar a arma agora e segurar a queda com a mão direita.

Em um instante, Vinny virou a mesa e estava em cima dele, mas não levantou o cotovelo como Tommy.

Em vez disso, ele levantou a arma.

"Eu vou para a porra..."

"Pare!" Aurora gritou.

Olhando para o rosto de Vinny, a saliva nos cantos de seus lábios, o ódio em seus olhos, Tommy sabia que aquele era o fim.

"-Gostar de matar você. Eu..."

"Vinny!" Aurora agora se virou e se agachou, tentando ficar entre os dois, para se colocar na linha de fogo. "Não o mate, porra. Se você o matar..."

Ela deixou a frase se arrastar e os olhos de Vinny se voltaram para os dela.

Ele xingou e olhou de volta para Tommy antes de finalmente baixar a arma.

"Haverá um momento em que ela não estará por perto para protegê-lo", sussurrou Vinny.

"Apenas saia de perto dele."

Confiante de que Tommy não seria morto - não agora, pelo menos - Aurora se levantou.

Então, seu rosto pareceu derreter.

"Foda-se."

Tommy inclinou a cabeça para um lado, mas não conseguiu ver o que a fez reagir dessa forma.

"Não!" Vinny rugiu enquanto se levantava.

Com o peso do homem fora de seu peito agora, Tommy respirou fundo e seguiu o olhar coletivo deles.

O carpete ainda estava no centro da sala, onde Vinny o havia deixado cair, a menos de seis metros de onde Tommy estava agora.

Só que ela estava vazia.

O garoto com a camiseta do Green Day havia desaparecido.

Capítulo 22

Tommy não conseguia acreditar.

Ele olhou em volta, examinando o carpete como se um homem adulto - embora um pouco menor - pudesse de alguma forma se misturar ao padrão.

"Para onde ele foi?" Tommy perguntou, olhando para Aurora.

Ela parecia estar tão confusa quanto ele.

A única pessoa que fez alguma coisa foi Vinny. Ele rosnou algo ininteligível, levantou a arma e começou a gritar.

"Darrell! Darrell, onde diabos você está?"

Vinny balançou a arma enquanto examinava primeiro a cozinha e depois o quarto da família. Depois de passar pelo banheiro, ele gritou o nome do homem várias vezes.

Em seguida, ele apontou a arma para Tommy.

"Você fez isso!" Vinny cuspiu.

Tommy balançou a cabeça.

"Eu? De que diabos você está falando? Foi você que o trouxe aqui, não eu!"

Vinny fez uma careta.

"Acalme-se", instruiu Aurora. "Vamos apenas encontrar o cara. Ele não pode ter ido longe."

Vinny baixou a arma e voltou os olhos para a porta dos fundos, que permanecia firmemente fechada.

"Darrell!", ele gritou, antes de se voltar para Tommy mais uma vez.

"Se ele não estiver aqui, eu juro por Deus..."

Antes que Tommy pudesse dizer qualquer coisa, o homem correu em direção às escadas e ele deu um suspiro de alívio, grato por não ter mais um psicopata apontando uma arma para ele.

"Tommy, você não pode continuar insistindo com ele", Aurora sussurrou. "Ele é um canhão solto, ele vai."

Tommy não ouviu o resto da frase da mulher; ele saiu em disparada, seguindo Vinny.

"Tommy, espere!"

Mas Tommy não esperou.

Ele não se incomodou com o primeiro quarto, embora Vinny estivesse lá dentro, virando a cama com uma das mãos. Tommy foi diretamente para o quarto principal.

Que porra é essa?

Darrell não estava lá, mas Dustin também não.

Tommy balançou a cabeça, seus olhos saltando da estrutura da cama encostada na parede para a mancha no carpete, para a parte de

baixo da pequena escrivaninha.

Por fim, seu olhar recaiu sobre as portas fechadas do armário.

Ao ouvir Vinny sibilando e rosnando enquanto se aproximava por trás, Tommy se virou e recuou para dentro da sala, com as mãos estendidas ao lado do corpo.

"Você não pode... você não pode entrar aqui, Vinny", disse ele desesperadamente. "Ninguém pode entrar aqui. É-é-é-é uma cena de crime."

Vinny franziu a testa.

"Saia da minha frente."

Tommy se recusou e Vinny levantou a arma.

"Saia. Não vou lhe pedir de novo".

"Ele não está aqui - Darrell ou Donald ou quem quer que seja o garoto, ele não está aqui."

"A culpa é sua, Tommy", disse Vinny, com a voz subitamente calma.

A mudança de tom foi alarmante para Tommy, e ele sabia que o homem estava no limite.

"Não sei por que Nick gosta de você e não sei por que ele acha que precisamos do seu negócio de merda. Mas não me importo. Quando ele descobrir o que você fez aqui hoje, que você é responsável pela perda de Darrell? Ele não vai dar a mínima se eu puxar o gatilho."

Esse comentário enfureceu Tommy. Ele odiava a ideia de ficar em dívida com os outros e desprezava o fato de que cada pessoa em toda Manhattan achava que podia controlá-lo, que ele tinha de fazer o que eles mandavam.

Especialmente esse degenerado.

Tommy estava farto disso - de tudo isso.

"Quer saber de uma coisa? Estou cansado disso. Você continua apontando essa arma para mim, mas tem medo de usá-la. Então, a menos que você pare de ficar aí parado como um maricas e..."

Infelizmente, Tommy não era o único que havia chegado ao seu ponto de ruptura.

Pior ainda, Vinny finalmente seguiu seu conselho e apertou o gatilho.

Capítulo 23

Aurora Petrazzino salvou a vida de Tommy Wilde pela segunda vez em menos de dez minutos.

No momento em que Vinny puxou o gatilho, ela bateu com a mão na lateral do braço dele.

A bala passou raspando pelo peito de Tommy em um ângulo descendente e atingiu a porta espelhada do armário. Não era vidro de verdade - apenas um adesivo refletivo - e a bala atravessou a porta e o compensado atrás dela.

"Que porra é essa, Vinny? Você sabe o que meu pai vai fazer com você se você o matar?" Aurora esbravejou.

Tommy apalpou seu corpo com as duas mãos para se certificar de que a bala não o havia atravessado.

Ele não conseguia acreditar que Vinny havia atirado, que ele havia tentado matá-lo a sangue frio.

"Ele deixou Darrell ir embora!" disse Vinny, tentando defender suas ações. Na verdade, o homem parecia quase tão surpreso quanto Tommy com o disparo da arma.

"Abaixe a arma", ordenou Aurora. "Precisamos sair daqui."

O homem piscou os olhos.

"E quanto ao Darrell?"

"Ele fugiu, ele não está aqui. Vamos embora!" Aurora agarrou o braço de Vinny e o puxou para o corredor.

Tommy esperava um protesto, mas Vinny surpreendeu a todos ao concordar com o protesto.

Eles chegaram ao patamar antes que o choque passasse e Vinny voltasse a ser o que era antes.

"A culpa é sua, Tommy! Não vou me responsabilizar por isso. Você vai encontrar o Darrell, e se não encontrar... bem, não vou perder duas vezes."

Tommy os observou partir, dessa vez conseguindo manter a boca fechada.

Aurora foi a última a sair e olhou para ele antes de sair pela porta da frente.

Tommy não tinha ideia de como interpretar a expressão dela, então nem se deu ao trabalho de tentar.

Ele ainda estava tentando se conformar com o fato de ter estado tão perto de morrer. De sangrar a menos de um metro e meio do local onde Ruth Redds havia se abaixado na cama e colocado uma lâmina em seus pulsos.

Ele tentou me matar... Vinny tentou atirar em mim. Se não fosse por

Aurora, eu estaria me contorcendo em agonia, meu sangue aumentando a mancha no carpete.

Tommy poderia ter ficado congelado no lugar o dia todo, talvez a semana toda, se não fosse pelo gemido de dor que veio de trás dele.

Seu corpo inteiro começou a suar frio quando ele se virou.

O som estava vindo do armário.

Ele abriu a porta lentamente, temendo o que poderia encontrar lá dentro.

"Dustin!"

O homem estava deitado no chão, com as costas apoiadas na parede e o rosto branco.

Havia tanto sangue na calça do homem que Tommy ficou inicialmente confuso, pensando que Dustin estava usando uma calça jeans escura quando chegou.

Mas então ele viu o buraco da bala na parte interna da coxa esquerda do homem, a cerca de 15 cm do joelho, e soube exatamente o que havia acontecido.

"Droga! Dustin, fique calmo - fique calmo!" ordenou Tommy, embora fosse ele quem estivesse em pânico.

Dustin gemeu e suas pálpebras se agitaram.

"Merda!"

Tommy tirou o cinto e o usou como um torniquete improvisado logo acima do buraco da bala. Ele o apertou com força, e Dustin gemeu.

"Não se preocupe, cara, eu vou dar um jeito nisso", prometeu Tommy. "Droga, eu vou consertar isso... segure-se - segure-se em meu pescoço."

Tommy levantou o homem e começou a puxá-lo para fora do armário quando seu pé se prendeu em algo.

Que porra é essa?

Tommy chutou a perna, mas ela estava emaranhada em algum tipo de corda.

"Espere, espere", murmurou ele, abaixando-se e agarrando o cabo.

Ele o puxou com força e ele se soltou da parede. Tommy estava prestes a jogá-lo fora quando viu que o cabo terminava no que parecia ser uma pequena câmera.

Por alguma razão, ele não a jogou fora. Em vez disso, Tommy enrolou o cabo com a câmera conectada e o enfiou no bolso.

Em seguida, ele ajustou seu aperto na cintura de Dustin e, juntos, eles saíram mancando do quarto.

"Agente firme, Dustin", disse Tommy enquanto desciam lentamente as escadas.

A cada passo, Dustin conseguia recuperar alguma força, de modo que, quando chegaram ao patamar, Tommy estava suportando apenas

uma fração do peso do homem.

Eles chegaram à porta da frente e, para abri-la, Tommy teve de girar o corpo.

Olhando de volta para a casa, ele não pensou em Dustin, nem em Vinny, nem em Darrell, nem mesmo em Aurora, mas em Ruth, entre todas as pessoas.

Uma mulher que ele achava que estava tendo um caso e cujo marido havia descoberto. Incapaz de lidar com a vergonha do que havia feito, Ruth cortou os pulsos.

Mas a câmera...

Como tudo nessa cena, a narrativa que Tommy havia formulado não parecia se encaixar nos detalhes.

Havia algo de estranho em tudo isso.

Dustin tossiu, trazendo Tommy de volta à realidade.

"Vou dar um jeito em você, Dustin. Eu prometo", disse ele quando saíram da casa e cambalearam em direção à sua van.

Capítulo 24

Dustin precisava ir ao hospital. Tommy poderia ter dois PhDs, mas não era o tipo certo de médico para isso.

Mas se eles fossem ao hospital, a primeira coisa que fariam seria relatar o ferimento a bala à polícia.

Talvez se seu amigo Dr. Beckett Campbell estivesse por perto...

Tommy balançou a cabeça.

Beckett *não estava* por perto e nunca mais estaria.

Levar Dustin ao hospital era a atitude certa, mas também estava fora de cogitação. Embora Tommy não tivesse puxado o gatilho, Vinny o havia feito.

E eles eram parceiros.

Ele seria investigado junto com o psicopata, o que muito provavelmente levaria a um cadáver no East River.

Um que seu irmão havia feito e Tommy havia limpado.

"Foda-se, foda-se, foda-se", ele xingou enquanto dirigia na direção oposta ao hospital.

Tommy não era médico, mas tinha algum treinamento, alguma experiência. Não muito, é verdade, mas se ele tivesse sorte e fosse apenas um ferimento superficial...

Tommy olhou para Dustin para se certificar de que ele ainda estava consciente.

"Agente firme, Dustin."

Tommy navegou até o único lugar em que conseguiu pensar que poderia ser relativamente seguro. Um lugar que tivesse suprimentos médicos e, se ele conseguisse estancar o sangramento... e pensar... droga, se ele tivesse um momento para pensar, Tommy poderia resolver isso.

Ele escaneou seu cartão na entrada da instalação de armazenamento e bateu o pé ansiosamente enquanto esperava o portão abrir.

"Vamos, vamos..."

Tommy acelerou, mal conseguindo passar pelos portões. Sem se importar se alguém o veria agora, ele acelerou até seu armário e estacionou a van.

Ele abriu a porta e estava prestes a pular para fora quando ouviu um forte baque. Tommy se voltou para Dustin, mas o homem estava encostado em seu assento, respirando pesadamente.

Não parecia que ele havia se movido.

"Você..."

O som veio novamente - um baque distinto dessa vez - e Tommy o

identificou como vindo da traseira da van.

"Que porra é essa?"

Ele correu pelos fundos e tinha acabado de levantar a maçaneta da porta de carga quando ela se abriu e algo saltou em sua direção.

Tommy emituiu um som constrito e coaxante e se inclinou para um lado, evitando por pouco ser atacado.

Um jovem com os pulsos amarrados atrás das costas caiu com força no chão de concreto.

"Darrell?" Tommy ficou tão surpreso ao vê-lo que quase o deixou se levantar.

Então, ele se lembrou do que Vinny havia dito, que a responsabilidade de encontrar Darrell era dele.

Que ele não erraria uma segunda vez se disparasse outro tiro.

Quando Darrell conseguiu se ajoelhar, Tommy o agarrou pelos pulsos amarrados com fita adesiva e o levantou.

O homem gritou de dor, mas o som foi abafado pela fita adesiva que cobria sua boca.

"Cale a boca", ordenou Tommy. "Apenas cale a boca."

Parecia que pensar estava fora de questão.

Empurrando Darrell para a frente, Tommy digitou seu código no teclado digital e abriu a porta.

Ele não tinha tempo para isso; precisava ajudar Dustin.

Quando Darrell resistiu a entrar no armário, Tommy o empurrou com um pouco mais de força do que pretendia.

O homem tropeçou e caiu contra a lateral da bancada de trabalho, derrubando no chão algumas folhas de papel aleatórias e um saco de abraçadeiras.

Movendo-se rapidamente, Tommy pegou as amarras e puxou uma delas.

Enquanto Darrell se esforçava para rolar para o lado, uma tarefa difícil com os pulsos amarrados, Tommy agarrou seu tornozelo.

O homem chutou, mas ele se manteve firme.

Os gritos de Darrell se intensificaram, mas com sua boca coberta por fita adesiva, havia pouca chance de que outras pessoas o ouvissem, mesmo que estivessem por perto.

Mesmo assim, isso estava irritando Tommy.

"Cale a boca!"

Tommy puxou a perna do homem de forma desajeitada para um lado e, em seguida, virou-a para o outro lado.

Darrell grunhiu de dor. Antes que ele pudesse chutar novamente ou sacudir a perna, Tommy amarrou o zíper em seu tornozelo e na perna de metal da bancada que estava presa à parede.

Quando Darrell percebeu o que havia acontecido, ele gritou ainda mais alto e tentou se soltar.

O jovem logo entendeu que estava apenas desperdiçando energia, encostou-se à mesa e tentou recuperar o fôlego. Com as mãos amarradas para trás, Tommy estava confiante de que Darrell não iria a lugar algum e correu de volta para atender Dustin.

O homem no banco da frente assistiu a tudo isso, mas não disse uma única palavra.

Temendo que ele ficasse fraco demais para falar, Tommy tirou Dustin da van e praticamente o carregou para dentro do armário. Ele colocou Dustin no chão, em frente a Darrell, e começou a procurar.

Normalmente, seu armário de armazenamento era bem organizado, mas suas prioridades haviam mudado nos últimos tempos.

Ainda assim, Tommy encontrou sua tesoura na bancada, meio enterrada sob algumas anotações.

Quando se aproximou de Darrell, o homem tentou lhe dar uma cabeçada, mas Tommy evitou facilmente o fraco esforço. Um gesto agressivo na direção de Darrell com as lâminas foi suficiente para persuadi-lo a não tentar novamente.

Mas elas não eram para ele.

"Dustin, vou cortar sua calça. Preciso ver a ferida."

Dustin assentiu com a cabeça, mas ainda não falou.

"Vai ficar tudo bem", disse Tommy para ninguém em particular.

A tesoura era quase nova e cortou o jeans de Dustin com facilidade. Tommy retirou o tecido e inalou profundamente.

Ele esperava que fosse apenas um ferimento superficial, mas ficou imediatamente claro que isso estava além de qualquer coisa que Tommy pudesse sequer esperar tratar.

Havia um buraco do tamanho de uma moeda na coxa do homem. E quando ele olhou para o outro lado, Tommy não conseguiu ver nenhum ferimento de saída.

A bala ainda estava enterrada em algum lugar da perna de Dustin.

Tommy rangeu os dentes e agarrou seu cabelo.

"Porra!"

Darrell gritou algo atrás dele, e Tommy se virou, com a tesoura ainda na mão.

"Isso é culpa sua", ele acusou. "Isso é tudo culpa sua!"

Ele levantou a tesoura e os olhos de Darrell se arregalaram.

Em vez de colocá-las no peito do homem, Tommy as jogou sobre a mesa e, por alguma razão inexplicável, arrancou a fita da boca de Darrell.

O homem não perdeu tempo em se defender.

"Eu? Eu não fiz porra nenhuma, negão. Esse filho da puta do dente comprido me enganou e inventou uma merda sobre eu tê-lo roubado." Darrell chupou os dentes. "Merda, não preciso roubar ninguém. Tenho mais dinheiro do que todos vocês. Porra, eu provavelmente só dei o

cano na garota dele e ele ficou puto."

Tommy se arrependeu imediatamente de ter tirado a fita.

Ele tentou colocá-lo de volta, mas Darrell virou o rosto para o outro lado.

"Não, não, filho da puta, estou com essa maldita fita em minha boca há horas. Você não vai colocá-la de volta. Vai se fuder, sua vadia."

De repente, Dustin gemeu de agonia, silenciando momentaneamente Darrell e Tommy.

"Ei, ei, você precisa levar seu filho a um médico. Ele perdeu muito sangue", disse Darrell, baixando a voz algumas oitavas.

"Não posso levá-lo a um médico", rebateu Tommy.

"Vamos fazer o seguinte, se você cortar essas malditas amarras de mim, eu o prenderei."

Tommy olhou para o homem.

"O que você quer dizer com isso?"

Darrell chupou os dentes novamente e olhou para o zíper que amarrava seu tornozelo e a perna da mesa.

"Yo..."

"Apenas me diga o que você quer dizer, porra!" Tommy gritou.

Darrell fez uma careta.

"Eu conheço esse cara, esse médico de cães. Faz algumas coisas por fora, plásticas no nariz, plásticas nas tetas, esse tipo de coisa. Maldito ninja com lâmina, né? Você paga a ele em dinheiro e aquela cadela de bunda flácida salva seu filho. É garantido."

O homem falava muito rápido e suas frases eram repletas de mais palavrões do que substantivos. Tommy levou alguns segundos para entender que "dog doctor" significava veterinário.

"Qual é o nome dele?", perguntou.

"Alex alguma coisa... uhh, Alex Cratom ou algo assim. Não me peça para soletrar, gatinha, porque não sou a porra de um dicionário".

Tommy agarrou Darrell pelo queixo.

"Ei, que porra é essa? Você..."

Ele colocou a fita adesiva de forma grosseira sobre a boca de Darrell, o que levou o homem a um frenesi.

Tommy o ignorou enquanto pegava gaze e esparadrapo e voltava para Dustin.

"Fique comigo", disse ele enquanto tapava o ferimento e o envolvia da melhor forma possível. O torniquete estava fazendo seu trabalho - o sangue na perna de Darrell já havia começado a secar.

Mas eles ainda não estavam nem perto de sair da floresta.

"Vamos, levante-se", ele murmurou enquanto levantava o homem.

Dustin estava mais fraco agora e Tommy tinha que carregar a maior parte de seu peso.

Alimentado pela adrenalina, ele colocou Dustin de volta no banco da frente da van e depois foi fechar a porta do armário.

Darrell estava gritando agora, irritado por ter sido enganado, mas isso não importava. Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Depois que Tommy fechou e trancou a porta, não se ouvia nada do lado de fora.

"Agente firme, Dustin! Agente firme!"

Capítulo 25

Havia apenas um veterinário chamado Alex Cratom ou Kratom ou Craytome ou como quer que se solete na área metropolitana de Manhattan.

Não me peça para soletrar, gatinha, porque eu não sou um maldito dicionário.

E, por sorte, o consultório do homem estava localizado bem perto do depósito de Tommy. Em um shopping center, a placa do lado de fora - *Pet Shoppe do Dr. Alex* - mostrava um homem rechonchudo segurando um gato.

É bom que este seja o lugar certo.

Tommy não achou prudente carregar um homem sangrando, usando meia calça e meia bermuda, pela frente de uma clínica veterinária no meio do dia. Ele passou pelo estacionamento da frente e foi para os fundos. Foi fácil para ele identificar a saída dos fundos associada ao *Pet Shoppe do Dr. Alex* por causa das aparas de madeira que estavam pisoteadas no asfalto.

"Espere, Dustin", Tommy implorou enquanto saltava da van quando ela parou completamente.

Ele sabia que bater na saída de emergência e esperar que alguém a abrisse, o Dr. Cratom ou uma de suas secretárias, e depois convencê-los a deixá-lo entrar, não era uma boa ideia.

Tommy tinha que resolver o problema com suas próprias mãos. Na pior das hipóteses, o Dr. Cratom não tinha a menor ideia do que se tratava, mas ainda assim teria as habilidades necessárias para salvar seu amigo.

Esperançosamente, mas não garantidamente.

Como era de se esperar, a porta estava trancada, mas esse detalhe raramente atrasava Tommy.

Ele tirou suas ferramentas de arrombamento da carteira e começou a trabalhar.

Em um minuto, ele escolheu a fechadura barata, mas não abriu a porta imediatamente. Em vez disso, Tommy voltou para a van e arrastou um Dustin quase inconsciente do banco do passageiro.

Agora ele abriu a porta e juntos entraram em um corredor estreito.

Estava escuro lá dentro e, para passar por uma série de baldes de lixo cheios de lascas de madeira em cada parede, Tommy teve que se virar de lado.

Ele estava desorientado e exausto, mas nada disso importava. A única coisa que importava era o fato de Tommy continuar avançando.

Em pouco tempo, eles chegaram a outra porta, esta com um vidro

embutido, que felizmente estava destrancada.

Tommy irrompeu pela porta, mas foi imediatamente confrontado por um homem de jaleco branco.

"Mas que diabos? Quem é você?"

Tommy ignorou a pergunta e empurrou Dustin para dentro da sala.

"Preciso de sua ajuda."

O Dr. Alex Cratom - uma versão mais pesada e sem aerógrafo do homem da placa na frente - se afastou deles.

"Não sei o que pensa que está fazendo, mas esta é uma clínica veterinária, não um hospital. O senhor não pode estar aqui".

Tommy o ignorou e olhou em volta.

Uma clínica veterinária? De verdade?

Havia um homem deitado em uma mesa de operação que era claramente pequena demais para um ser humano, com os olhos fechados e uma máscara cobrindo o nariz e a boca.

Obrigado, Darrell... seu aspirante a maricas.

"Ajude meu amigo", ordenou Tommy.

Havia uma maca vazia ao lado do homem preparado para a cirurgia e Tommy foi até ela.

"Não... não, ei! Ei, amigo! Você não pode estar aqui!"

Não posso, porra.

Tommy colocou Dustin na maca.

"Você vai ficar bem", ele sussurrou. A única resposta de Dustin foi um tremor de suas pálpebras.

"O que você acha que está fazendo?"

Tommy se virou e agarrou o jaleco branco do Dr. Cratom com as duas mãos.

"Você tem que consertar isso", sibiloou ele. "Você tem que consertar isso - você tem que salvar meu amigo."

O Dr. Cratom tentou se soltar, mas Tommy o puxou para tão perto que seus narizes quase se tocaram.

"Eu lhe pagarei. Se você consertar meu amigo, eu lhe pagarei." Tommy olhou para Dustin. "Conserte-o e eu lhe pagarei dez mil."

O Dr. Cratom ainda parecia relutante, então Tommy o sacudiu violentamente.

"Dê um jeito nele!", gritou ele.

O médico começou a assentir, e Tommy finalmente o liberou.

"Dez mil, mas não estou prometendo nada. Ele parece..."

"Dê um jeito nele!" Tommy gritou a plenos pulmões.

O Dr. Cratom recuou.

"Há quanto tempo ele foi baleado?"

Tommy finalmente respirou fundo.

"Há cerca de meia hora. Não consegui encontrar o ferimento de saída. Acho que a bala ainda está lá dentro."

O Dr. Cratom retirou a gaze da coxa de Dustin e soltou o torniquete do cinto.

Por favor, não morra em mim... por favor, não morra em mim, porra.

Tommy começou a recuar em direção à porta, sua visão se estreitando.

"Há algumas unidades de sangue na pequena geladeira ali. Qual é o tipo sanguíneo de seu amigo?" Quando ele não respondeu, o Dr. Cratom se virou para olhar para ele.

"Ei? Você me ouviu? Vá pegar o sangue na geladeira".

Mas Tommy não queria receber o sangue.

Ele não queria estar aqui de jeito nenhum. Ele não queria sentir o cheiro de aparas de madeira, sangue ou fezes de animais.

Ele queria voltar para antes de tudo isso acontecer.

Ele queria voltar à época em que seu irmão havia telefonado e implorado para que ele viesse à *Nossa Senhora da Assunção*.

Tudo isso era culpa de Brian e, pelo menos uma vez, Tommy queria que o irmão pagasse por seus pecados em vez de jogá-los para ele.

"Dê um jeito nele!", gritou ele ao sair correndo do *Pet Shoppe*. "Não se atreva a deixá-lo morrer!"

Capítulo 26

A raiva de Tommy não se dissipou durante a longa viagem de carro do consultório veterinário do Dr. Cratom até seu destino.

Havia um carro na entrada da garagem e ele parou logo atrás dele, embora a traseira de sua van se projetasse para a estrada.

Tommy não se preocupou em desligar o carro antes de sair.

"Brian! Brian, traga sua bunda para cá!"

Ele subiu a passarela até a casa, gritando o nome de seu irmão enquanto avançava.

"Brian! Brian!"

Tommy estava quase chegando à porta quando ela se abriu e Maria saiu, com os braços cruzados sobre o peito e os lábios franzidos para baixo.

"Tommy? O que está acontecendo?"

Tommy estava tão irritado agora que mal conseguia enxergar direito.

"Onde ele está, Maria? Onde está o Brian?"

"Ele não está aqui, Tommy. Você está bem? O que aconteceu?"

Sophia saiu da casa e se aproximou da mãe, com um olhar preocupado em seu rosto de criança.

"Está tudo bem, querida", disse Maria, tranquilizadora, levando a filha gentilmente de volta para a casa. "Por que você não volta para dentro? A mamãe quer falar com o tio Tommy agora, está bem?"

A menina olhou para a mãe, mas concordou.

"Está bem, mamãe."

Depois que Sophia entrou em casa, Maria fechou a porta e se aproximou de Tommy.

A cada passo, seu rosto endurecia um pouco mais.

"Como você se atreve, Tommy? Como você se atreve?"

Tommy ficou tão surpreso com a súbita mudança de atitude de Maria que ficou sem palavras.

"O quê?"

"Como você se atreve a vir à minha casa e gritar comigo desse jeito, assustar Sophia. Como você se atreve?"

"Preciso... preciso encontrar o Brian", Tommy tentou parecer assertivo, mas suas palavras saíram fracas.

"Bem, ele não está aqui, Tommy. Pelo menos uma vez, ele está realmente tentando, se organizando. E isso? Seja lá o que for isso? Não está ajudando."

Tommy franziu o nariz.

"O quê?"

"Sim, Brian está em NA agora. Portanto, não sei qual é o seu problema, mas você precisa deixá-lo em paz enquanto ele resolve isso."

Tommy ficou impressionado.

Essa coisa? E Brian está em NA?

Tommy vinha tentando há anos conseguir ajuda para o irmão, seja por meio de terapia, NA, AA, a porra da ASCA, NAACP, não importa. Qualquer maldito acrônimo.

Mas Brian lhe deu atenção ou simplesmente riu da sugestão.

E agora Maria, mais do que ninguém, estava defendendo-o? Dizendo que ele estava fazendo um esforço, que ele realmente queria mudar desta vez?

Depois do que ele fez Tommy passar?

Não era justo.

"O Brian é... o Brian é... ah, droga." Tommy desistiu e abaixou o queixo até o peito. Não era culpa dela. Maria também era uma vítima nisso. "Eu sinto muito. Me desculpe, Maria, foi uma semana horrível."

"Não acho que... não acho que você deva voltar para cá por um tempo, Tommy", disse Maria suavemente.

Tommy olhou atentamente para a mulher.

Ele podia entender o fato de ela estar protegendo Sophia, de estar chateada com ele por ter causado uma cena, mas isso parecia fora do personagem.

Tommy apertou os olhos.

"O que ele... o que Brian disse a você?"

Maria desviou o olhar, confirmando as suspeitas de Tommy de que seu irmão havia lhe contado algo.

"Maria, o que ele disse a você? O que Brian lhe disse?"

A mulher franziu os lábios, mas permaneceu calada.

"Maria..."

"Não quero mais você por aqui, Tommy, pelo menos por um tempo. Acho que isso não é bom para a Sophia."

Os olhos de Tommy se arregalaram.

"O quê? Maria, o que quer que ele tenha lhe dito, não é verdade. Não faça isso."

Maria permaneceu em silêncio e a raiva de Tommy voltou com força.

"Bem, porra, então talvez eu não venha mais todo mês com o dinheiro do seu aluguel. O que você acha disso? Que tal?"

Maria não ficou chocada ou irritada com essa ameaça, como ele esperava. Em vez disso, ela apenas parecia triste.

"Quer dizer que você não vai tentar me comprar com seu dinheiro de culpa, Tommy?"

fez uma careta.

"Meu dinheiro da culpa? Meu? Que tal o nosso dinheiro da culpa, Maria? Porque fomos nós dois que..."

"Eu nunca pedi dinheiro, Tommy. Nem uma vez. Nem nunca. Essa decisão foi sua. Só sua."

"Mesmo assim, você o pegou! E agora, adivinhe só, não vou mais lhe trazer nada. Nada de dinheiro para aluguel, brinquedos ou qualquer outra coisa em que o Brian gaste seu dinheiro."

Maria olhou para a calçada.

"Tommy, você precisa ir."

"Por quê?"

"Tommy, se você não entrar na sua van e sair agora mesmo, vou chamar a polícia."

Tommy deu um passo agressivo para frente, mas Maria levantou a mão e interrompeu seu progresso. Eles se olharam por um segundo antes de Tommy desviar o olhar.

Não é culpa dela, ele lembrou a si mesmo. Nada disso é culpa dela.

Mas, ao enfiar o rabo entre as pernas e voltar para a van, outro pensamento ecoou em sua mente: *a culpa também não é sua, Tommy.*

Maria ficou na varanda até Tommy ligar a van. Ele esperou, esperando que os olhos dela se abrandassem, que ela fizesse um gesto para que ele sáísse, para conversar racionalmente sobre o assunto, mas isso nunca aconteceu.

Tommy saiu dirigindo com lágrimas nos olhos.

No momento em que não conseguia mais ver Maria pelo espelho retrovisor, ele pegou o telefone e discou o número do irmão.

Alguém atendeu no primeiro toque.

"Brian, você precisa..."

Em vez de ouvir a voz de seu irmão, uma mulher o informou que a caixa postal da pessoa com quem ele estava tentando falar estava cheia.

"Porra!"

Tommy jogou seu celular quebrado no banco do passageiro.

O que você disse a ela, Brian? Que porra você disse à Maria? Juro por Deus que se você contou a ela sobre o Oscar...

Tommy torceu o volante como se estivesse tirando água de uma toalha.

A parte racional de seu cérebro queria que ele voltasse ao *Pet Shoppe* e verificasse como estava seu amigo, para ver se poderia ajudar a salvar Dustin em vez de fugir dessa vez.

Mas ele tinha uma dívida com o Dr. Cratom que simplesmente não podia pagar.

E, mais uma vez, havia um corpo que ele precisava cuidar.

Felizmente, pela primeira vez, esse corpo ainda estava vivo.

Tommy dirigiu de volta para seu depósito e escaneou seu cartão no

portão da frente. Ao se aproximar de sua unidade, as luzes da van se acenderam automaticamente quando o sol começou a se pôr.

E quando os faróis iluminaram a porta de seu armário, o coração de Tommy, que tinha acabado de começar a se regular, começou a acelerar novamente.

"Não, não... *não!*"

Como na casa de Maria, ele pulou da van enquanto ela ainda estava funcionando.

Tommy se abaixou e abriu totalmente a porta, que já estava a 30 centímetros do chão.

Quando ele viu o zíper quebrado no chão de concreto ao lado da bancada de trabalho, Tommy só podia fazer uma coisa: virar a cabeça para o céu e gritar.

PARTE III

Pagamento de dívidas

Capítulo 27

Darrell tinha ido embora.

O ventilador ainda estava funcionando, as luzes estavam acesas, mas Darrell não estava lá.

Tommy pegou o zip tie cortado e olhou para a tesoura que estava cravada na bancada e em pé.

Ele não tinha ideia de como o homem havia conseguido agarrá-los, muito menos se libertar, mas não deveria ter ficado surpreso.

Afinal de contas, Darrell havia fugido de Aurora, Vinny e de si mesmo na casa de Ruth Redds.

Tommy se lembrava de ter trancado a porta de seu depósito também, mas isso tinha sido inútil; não era preciso ter suas habilidades avançadas de arrombamento de fechaduras para escapar.

Todas as unidades de armazenamento podiam ser abertas por dentro, usando uma trava de segurança semelhante à do interior dos porta-malas dos modelos de carros mais novos.

Como você pode ser tão estúpido?

Balançando a cabeça, Tommy jogou o zíper no chão.

Então ele amaldiçoou.

Uma dor de cabeça começou a se formar atrás de seus olhos enquanto ele olhava ao redor do depósito, como se Darrell estivesse escondido à vista de todos.

Ele não estava, é claro. O homem já havia desaparecido há muito tempo.

Tommy havia basicamente ajudado o homem a escapar de Vinny, sem querer ou não.

Por alguma razão, apesar de saber desses fatos, Tommy foi compelido a olhar dentro da lixeira de Teflon de qualquer maneira, para ver se ele estava escondido lá dentro. Como esperado, ela estava completamente vazia. Enfurecido, Tommy agarrou as laterais e a empurrou pelo chão.

Ele ricocheteou na parede oposta à bancada de trabalho e caiu para trás. Deitada de lado, com a abertura agora voltada para Tommy, ela o lembrou da boca grande de Marv quando ele ria. Era quase impossível resistir à vontade de pegar tudo o que estivesse ao alcance da mão e simplesmente jogar, para destruir o lugar.

Mas ele conseguiu apenas olhando para o recipiente vazio e

concentrando-se em sua respiração.

Está vazio... está vazio pra caramba.

Mas nem sempre foi assim.

Os pensamentos de Tommy se voltaram para o homem de calça jeans cujo corpo ele havia dissolvido completamente.

O homem que tinha uma placa de metal em sua perna.

Sua respiração ficou repentinamente presa na garganta e ele se virou, com os olhos voltados imediatamente para a bancada de trabalho.

A tesoura havia atravessado uma pilha aleatória de papéis, em sua maioria anotações de sua aula de bioquímica que ele às vezes consultava quando se tratava de manchas particularmente difíceis, mas foi o que não *estava* lá que quase fez seu coração parar.

A placa de metal da perna do homem.

Tommy foi até a escrivaninha e jogou os papéis no chão, pensando que, quando Darrell pegou a tesoura, havia enterrado inadvertidamente a placa embaixo dela.

Mas não estava lá.

Franzindo a testa, Tommy olhou embaixo da escrivaninha e depois ao lado dela.

Ainda não há placa de metal.

"Que porra é essa?"

Ele se lembrou de quando Aurora o pegou, de quando ele foi interrompido no meio da noite.

Eu coloquei o prato na mesa. Eu sei que sim, apenas o joguei lá.

Tommy colocou as mãos nos quadris e olhou ao redor da sala. Ele estava cerrando a mandíbula com tanta força que ela começou a doer.

Só restava uma coisa a fazer: virar o local de cabeça para baixo para encontrá-lo.

Tommy começou a fazer exatamente isso, começando pela bancada de trabalho e seguindo no sentido horário ao redor da sala.

Dez minutos depois, um Tommy exausto caiu no chão. O local estava uma bagunça, com recipientes de solventes, papéis, carpetes e ferramentas espalhados ao seu redor.

Ele não tinha nada.

Agora só havia uma conclusão racional: a placa de metal não estava aqui. E só havia uma pessoa que poderia tê-la levado.

Ele já tem idade suficiente para roubar o Nick, já tem idade suficiente para arcar com as consequências.

Tommy teve vontade de chorar. Darrell era um ladrão de merda, afinal, mas dessa vez o que ele havia roubado tinha pouco ou nenhum valor monetário.

Mas isso não significa que não tenha valor.

Na verdade, a placa de metal era mais preciosa do que tudo o que

havia no armário junto.

Tudo o que ele havia passado nas últimas duas semanas de repente veio à tona, e Tommy perdeu o controle.

Ele chutou um frasco de acetona para o outro lado da sala. Ela bateu na parede e rachou. Ver o líquido derramado no chão de concreto deveria ter sido suficiente para fazê-lo parar, mas ele já estava além do ponto de não retorno.

Em seguida, Tommy pegou um frasco de detergente e o lançou contra a parede. Ela se espatifou, enviando cordas de fluido viscoso por todo o armário.

Ao procurar outras garrafas para destruir, ele viu um mini pé de cabra encostado na mesa. Ele o usava ocasionalmente para remover seções de pisos de madeira que não podiam ser consertadas.

Mas quando ele a pegou dessa vez e a segurou com a mão direita, a destruição era a única coisa em sua mente.

Tommy bateu com toda a força possível na bancada de trabalho.

Ela rachou e a tesoura tombou, mas a superfície dura se manteve.

Determinado, Tommy bateu com o pé de cabra repetidas vezes, três, quatro, dez, quinze vezes, até que os parafusos que o prendiam à parede finalmente se soltaram.

Ainda não satisfeito, ele pegou a bancada de trabalho com as duas mãos e a arremessou com toda a força que tinha.

Tommy quase ficou surdo com o som que fez ao atingir a parede traseira.

Com o suor lhe escorrendo, ele se virou para a porta, que estava parcialmente aberta.

Sua van ainda estava funcionando a apenas cinco metros de distância.

Tommy estava cansado de ser chantageado. De se aproveitarem dele.

Primeiro o Marv, depois o Nick e o Vinny.

Aurora.

Maria.

Brian.

E agora, um merda desbocado, cuja vida Tommy havia salvado, havia lhe roubado a única coisa que realmente importava.

Algo que poderia colocar Tommy atrás das grades por um longo, longo tempo.

"Você cometeu um erro, Darrell", ele rosnou. "Você cometeu um grande erro."

Tommy pegou o pé de cabra novamente e entrou em sua van, sem se preocupar em fechar a porta do armário dessa vez.

Quando ele começou a dirigir, sua mão no pé de cabra nunca se soltou.

Você vai pagar por seu erro, Darrell. Você vai aprender que não se deve mexer com Tommy Wilde.

Capítulo 28

Encontrar um hipster específico na cidade de Nova York com apenas o primeiro nome era uma tarefa impossível.

E quando a raiva de Tommy diminuiu, ele percebeu que a única coisa que estava conseguindo ao olhar era queimar gasolina.

Ele parou no acostamento da estrada por um momento e fez algo que não fazia há muito tempo: pensar.

A possibilidade mais provável era que Darrell tivesse encontrado a placa e pensado que ela daria um colar legal. Ele acabaria se cansando dela e a jogaria fora.

Mas, apesar da falta de domínio da língua inglesa, ele já havia se mostrado engenhoso duas vezes. E se, por algum golpe de sorte, Darrell soubesse qual era a placa e o quanto ela poderia ser incriminadora, ele viria procurar Tommy.

Mas como ele me encontraria?

Assim como Tommy, Darrell só sabia seu primeiro nome. A van *da Wilde Clean-up* não tinha nenhuma marca e os detalhes de propriedade do depósito eram privilegiados.

Tommy mastigou a parte interna do lábio e lentamente girou a mão que segurava o pé de cabra de um lado para o outro.

Claro, Darrell poderia estar à espreita no depósito ou voltar mais tarde, sabendo que Tommy também voltaria. Esse seria o cenário mais provável se esse fosse o único local que ambos conheciam.

Mas esse não era o caso; havia mais um local onde Darrell e Tommy haviam estado juntos. Algo mais parecido com um local neutro.

Sorrindo agora, Tommy ligou o pisca-pisca e se afastou lentamente do meio-fio.

A boa notícia era que não havia carros de polícia cercando a casa de Ruth Redds. Aparentemente, ninguém tinha ouvido a arma de Vinny disparar, o que não era tão surpreendente, pois o homem tinha usado um silenciador. Também não parecia que alguém tivesse ouvido a briga deles ou que tivesse visto Tommy carregando Dustin sangrando para sua van.

A má notícia é que não havia sinal de Darrell.

Ainda assim, Tommy continuava convencido de que o bastardo seboso estaria aqui. Com o pé de cabra na mão, ele entrou na casa, notando que a porta estava destrancada.

As luzes do andar principal estavam apagadas, e Tommy as manteve assim - não havia motivo para anunciar sua presença.

Ele foi direto para as escadas, observando que, ao contrário do

andar de baixo, as luzes dos dois quartos haviam sido deixadas acesas após a busca frenética de Vinny por Darrell.

Ainda segurando o pé de cabra na mão direita, ele subiu cada degrau lentamente, ouvindo e procurando qualquer sinal do homem de cabelos desgrehados.

Quando ele chegou ao patamar sem perceber nada, a esperança de Tommy começou a diminuir.

"Darrell? Darrell, você está aqui?", ele sussurrou, decidindo que o pé de cabra mais do que compensaria a perda do elemento surpresa.

"Darrell?"

Tommy foi até o quarto principal e levantou o pé de cabra antes de entrar.

Para sua consternação, ela também estava vazia.

"Droga."

Ele deu mais um passo para dentro do cômodo e seus olhos foram imediatamente para o armário.

Mas, diferentemente de quando Dustin havia se escondido lá dentro, uma das portas, a que tinha um buraco de bala, estava aberta.

Se Darrell estava se escondendo na casa de Ruth Redd, ele não estava fazendo isso nesta sala.

Tommy ainda não conseguia acreditar que Dustin havia sido baleado. Ele nem sabia se o homem ainda estava vivo e, no entanto, em vez de estar com seu amigo, seu funcionário, o homem pelo qual era responsável, ele estava aqui... fazendo o quê?

Procurando por um homem que poderia estar em qualquer lugar da cidade de Nova York? Um homem que havia roubado uma placa de metal e provavelmente não fazia ideia de onde ela estava ou o que significava?

Tommy suspirou.

O que está acontecendo com você? O que aconteceu com você?

Uma tábua do assoalho rangeu atrás dele, e Tommy se virou.

Darrell estava no corredor, com um sorriso estampado em seu rosto torto.

"Ei, negão, eu sabia que encontraria sua bunda fedorenta aqui."

Tommy, sem ter certeza se Darrell já havia visto, colocou o pé de cabra atrás de sua perna e fora de vista.

"Preciso da coisa de metal que você tirou do meu armário. Preciso dela de volta."

Darrell riu.

"Que coisa de metal?"

"Aquela que você roubou..."

"Você está se referindo a este aqui?"

Darrell levantou a placa de metal com a mão esquerda.

Tommy não estava mais brincando.

"Devolva-me a maldita placa, Darrell. Ela não tem valor algum."

Darrell deu uma risadinha.

"Sabe, depois que cortei a porra do zíper, fiquei dando uma olhada para ver se você tinha alguma coisa naquele armário fedorento que valesse a pena roubar. *Não tinha nada*. Só essa maldita placa de metal - eu a peguei, pensando que poderia penhorá-la, sabe? Mas aí eu vi o número - parecia importante e tal, então eu pesquisei no Google. *Porra*, sabe de uma coisa? Isso aqui é uma placa de cirurgia da perna de alguém. Não vale nada - não vale nada, *porra*. Eu também estava prestes a jogá-la fora, mas depois comecei a pensar. Eu o vi carregando aquele magricela que tinha sido baleado... você andando normalmente, Tommy. Não é o seu prato. Estava em sua perna."

O homem fez uma pausa para lamber os lábios e Tommy apertou o pé de cabra.

"Sim... acho que ela pertence a alguém que não está mais conosco. *Não é verdade, Tommy? Você é um mau filho da puta, não é?*"

Tommy colocou o pé de cabra na frente dele e o segurou no ar.

"Me dê a porra do prato, Darrell", ele ordenou com os dentes cerrados.

Darrell viu o pé de cabra e se encolheu.

"Tudo bem, tudo bem, cara. Jesus, não venha com essa porra de Bundy para cima de mim. Aqui. *Aqui*."

Tommy deu um passo à frente e pegou o prato, mas Darrell o puxou de volta. Ao mesmo tempo, o homem mostrou o que estava em sua outra mão.

"Um pé de cabra? Para trás, negro. Em que ano você acha que estamos, hein? 1972? Abaixе essa porra ou vou bater em você com esse pedaço de pau."

Darrell girou o pulso e a luz do quarto de Ruth refletiu no cano de uma pequena pistola.

Foda-se.

Tommy largou o pé de cabra, mas sua atitude nunca mudou. Depois de um tempo, você simplesmente se acostuma a ter uma arma apontada para o seu rosto.

"Eu preciso desse prato."

"Sim, aposto *que* sim. Aposto que isso é muito importante para você e seu amigo Vinny. Acho que pode ser muito importante para os cinco-oh também. Para a porra da polícia".

Os olhos de Tommy se estreitaram.

"O que você quer?"

"O que *eu* quero? Vou lhe dizer uma coisa: três pilhas e você pode ter essa porra de volta. Três pilhas... isso me parece certo. Três pilhas, porra."

Tommy levantou os braços e riu.

"Três mil dólares? Mano, você está chantageando o cara errado. Eu não tenho dinheiro nenhum. E mesmo que tivesse, seu traseiro estaria no final de uma longa fila."

A resposta pegou Darrell desprevenido.

"Sim, bem, sim, mas seu filho, Vinny, tem uma pilha louca."

Tommy riu ainda mais.

"Ele não é meu *filho*, Darrell. E Vinny provavelmente me mataria tanto quanto mataria você. Aquele magrelo de quem você estava falando? Aquele que levou o tiro? Sim, aquela bala estava destinada a mim. Portanto, não tenho dinheiro e, a menos que ganhe na loteria, não vou ganhar 'pilhas' tão cedo."

Darrell fez uma careta.

"Você tem um berço? Você poderia vendê-lo. O mercado imobiliário está em alta, você ouviu."

Tommy revirou os olhos.

"Vender minha casa? Que merda é essa? Eu não..." seu olhar de repente recaiu sobre a porta do armário com o buraco de bala.

Tommy lembrou-se de que seu pé havia se prendido em algo quando ele arrastou Dustin para fora.

Sua mão foi instintivamente para o bolso quando ele pensou em Ruth Redds e na embalagem vazia de camisinha no banheiro. Fora isso, a casa não parecia ter sido habitada.

Então ele juntou tudo: A atitude de Josh Redds, a segunda casa, o aparente suicídio.

"Ei, mantenha suas luvas de bunda suja onde eu possa vê-las."

Tudo fazia sentido agora, da maneira mais maluca possível, fazia sentido.

"Sabe de uma coisa?" Tommy disse suavemente. "Eu não tenho dinheiro, mas talvez tenha algo para trocar. E já que você é tão bom nessa coisa de extorsão, talvez possa usá-la para tirar dinheiro de alguém que realmente tenha algum?"

Capítulo 29

"Não estou com disposição para jogos. Nunca gostei deles."

"Isso é surpreendente, pensei que você fosse mestre em Scrabble."

Darrell levantou a arma.

"O quê, negro?"

Tommy tirou do bolso a câmera USB com o cabo conectado.

"Nada - nada de jogos, Darrell."

A narrativa que ele havia criado para descrever os últimos momentos de Ruth Redds nesta terra mudou de repente. Antes, ele achava que a mulher tinha sido pega traindo o marido e se sentiu tão culpada que cometeu suicídio.

Mas essa câmera contou uma história diferente.

Josh não a havia colocado lá para pegar a esposa em flagrante, concluiu Tommy, mas Ruth é que a havia colocado.

É por isso que a casa parecia não ter sido habitada. Porque Ruth não estava *morando* aqui, ela estava apenas usando-a.

Usando-o para se vingar de seu marido.

Infelizmente, o plano da mulher tinha saído pela culatra da pior maneira possível.

Claro, a história que Tommy estava contando era improvável, mas as peças se encaixavam. No entanto, isso não a tornava necessariamente verdadeira, mas, a essa altura, o que ele tinha a perder?

"Essa câmera veio daquele armário ali."

"Que diabos me importa?"

"Espere - deixe-me contar uma história para você".

"O quê? Uma história? Eu também não gosto de histórias".

"Apenas ouça - apenas ouça, Darrell. O homem que me contratou para limpar este lugar era o marido de uma mulher que se matou naquela cama - pelo menos é o que ele quer que as pessoas pensem. E os policiais acreditaram. Mas eu não acredito. Acho que não foi isso que realmente aconteceu. Essa mulher estava alugando a casa..."

"Que porra é essa? Você não se parece com a porra de um Lamar Jackson, e isso não é um Reading Rainbow".

Tommy quase lhe disse que LaVar Burton era o apresentador do programa Reading Rainbow e que Lamar Jackson era um jogador de futebol americano, mas decidiu poupar o fôlego.

"Apenas ouça - ela estava alugando essa casa porque acho que ela estava dormindo com outros homens para se vingar do marido por alguma coisa. E essa câmera?", ele segurou o pequeno dispositivo com um longo cabo para Darrell ver. "Acho que ela a estava usando para

registrar o que fazia."

Darrell chupou os dentes.

"Então, o quê? Vou chantagear esse homem porque a mulher dele estava chupando o pau de outro negro? Como você chantageia uma puta morta? Não há pensão alimentícia ou qualquer outra coisa quando você está morto."

Tommy balançou a cabeça.

"Não, não, isso não tem a ver com a traição. É sobre o suicídio dela."

Darrell fez uma careta.

"O quê? De que diabos você está falando? Você perdeu a cabeça, rapaz."

"Ela estava se vingando do marido... chegou ao ponto de montar todo esse plano elaborado. Isso soa como uma mulher que quer se matar?"

Darrell olhou para Tommy e para a mancha de sangue no carpete que Dustin nunca conseguiu cortar.

"Eu não sei", admitiu ele.

Tommy suspirou.

"Acho... acho que o plano dela saiu pela culatra. Acho que seu marido encontrou os vídeos como ela queria, mas não acho que ele tenha ficado com raiva ou algo do gênero. Acho que ele enlouqueceu, perdeu completamente o controle." Tommy fez uma pausa. "Acho que ele veio aqui e a matou, fazendo com que parecesse um suicídio."

Darrell lambeu os lábios, abriu a boca e depois a fechou novamente.

Ele coçou a cabeça com o cano da arma antes de finalmente encontrar sua voz.

"Essa é uma merda muito fodida."

"De fato."

Darrell absorveu tudo isso e Tommy rezou para que ele acreditasse. Ele tinha de admitir que parecia exagerado, mas não inédito.

Tommy se lembrou de um trabalho de limpeza particularmente hediondo - um de seus primeiros. Uma mulher descobriu que o marido a estava traindo e prontamente colocou um pouco de Xanax na touca de dormir dele. Depois que ele adormeceu, ela cortou a garganta do homem. De acordo com sua confissão, a esposa passou as seis horas seguintes cortando o corpo dele em pedaços minúsculos, que depois colocou no fogão.

Em seguida, ela convidou a mulher que estava dormindo com seu marido para ir à casa sob o pretexto de tentar resolver as coisas.

Eles conversaram por tanto tempo que a manhã se estendeu até o meio-dia, e o apetite deles, assim como a nova amizade, começou a crescer.

Por fim, a esposa e a patroa riram durante um cozido.

Mais tarde, quando a patroa sofreu um ataque particularmente violento de intoxicação alimentar, ela ficou desconfiada. Chamou a polícia e relatou que achava que havia sido envenenada. Quando a polícia visitou a esposa, ela ainda estava sentada à mesa, olhando fixamente para frente, enquanto o que restava do marido continuava a ferver no fogão.

"E esse cracker, esse marido, ele tem dinheiro? Ele tem pilhas loucas?" disse Darrell por fim.

Tommy concentrou seus pensamentos em sua reunião com Josh Redds.

"Quando o encontrei, ele mencionou que sua esposa tinha uma apólice de seguro de vida substancial."

"Sim, mas eles não pagam com suicídio. Todo mundo sabe disso."

"Eles pagam", corrigiu Tommy. "Mas posso lhe dizer uma coisa com certeza: eles *não pagam* se você tiver assassinado sua esposa."

Darrell colocou a língua na bochecha enquanto refletia sobre isso.

"E esse cara - ele matou a esposa naquela câmara?"

Tommy pensou em mentir, mas decidiu não o fazer. Até agora, ele havia enganado Darrell muito bem e tudo o que ele contou estava de acordo com os fatos. Se ele quisesse sair daqui com a placa de metal, teria de continuar assim.

Se ele mentisse e não houvesse nada incriminador na câmara, ele estaria frito. No entanto, se ele dissesse a verdade e a câmara não mostrasse nada, Tommy achava que ainda poderia haver uma chance de dar a volta por cima.

"Talvez, eu ainda não tenha visto o vídeo."

"Vamos dar uma olhada nisso, então. Mas se você estiver mentindo. Se tudo isso for apenas uma merda -"

"E depois, Darrell? Você vai atirar em mim?" Tommy concluiu para o homem.

Darrell chupou os dentes novamente.

"Você não quer saber."

Tommy resistiu ao impulso de revirar os olhos.

Darrell podia ser um bandido de baixo escalão, um escroque, um ladrão, mas, apesar de todo o seu discurso duro, Tommy não tinha a impressão de que o garoto fosse realmente um assassino.

Tommy apontou para a pequena mesa no canto da sala com o laptop em cima.

"Podemos tentar usar o computador."

Antes de esperar que Darrell comentasse, ele se virou, puxou a cadeira e se sentou.

O homem não protestou.

Tommy ficou surpreso ao descobrir que o laptop não estava

protegido por senha. Além disso, ele não parecia estar sendo usado.

Se esse fosse o computador de Ruth, ele suspeitava que, depois de uma sessão com um visitante, ela faria o upload dos vídeos, os armazenaria na nuvem e depois apagaria o computador para remover qualquer evidência.

"Toque essa merda, cara."

Tommy puxou o adaptador de tomada da extremidade do cabo longo e o enfiou na porta do computador.

Ele abriu a pasta que apareceu e olhou para cerca de uma dúzia de arquivos de vídeo, cada um identificado com uma data. O mais recente era de quatro dias atrás.

Bem, pelo menos até agora estou certo.

Sentindo Darrell pairando sobre ele agora, Tommy abriu o vídeo mais antigo e apertou o play.

Fotografada do alto do armário, como ele esperava, a imagem estava embaçada no início. Depois, focalizou o rosto de uma mulher. Ela estava na casa dos quarenta e poucos anos, bonita, embora um pouco desgastada.

"É ela", disse Tommy.

Darrell não disse nada.

No vídeo, Ruth fez beicinho, depois recuou até a cama e se sentou.

Darrell assobiou quando ela começou a tirar a roupa. Quando Ruth estava completamente nua, ela tirou uma venda de debaixo de um travesseiro e a colocou. Em seguida, deitou-se na cama, com as pernas abertas e as mãos ao lado do corpo, com as palmas para cima.

"*Diabo*. Olhe para esse par de botões - como uma maldita manga de feiteiro. Posso ver a porra dos ovários dela aqui."

Tommy pulou para a frente e depois reproduziu o vídeo novamente quando um homem nu da cintura para baixo entrou no quadro.

Um homem que não era Joshua Redds.

Ele era muito mais pesado do que o marido de Ruth, chegando a pesar cerca de 300 quilos, se Tommy tivesse que adivinhar. Ele se aproximou de Ruth e, quando se abaixou sobre ela, Tommy fechou o vídeo.

Apesar de tudo o que ele havia dito até então ter sido confirmado, Tommy não se sentia bem com nada disso.

"Que porra é essa, cara?"

"O que foi? Você quer ver essa moça ser comida ou quer ganhar dinheiro?"

"*Phhf*, tanto faz."

Tommy abriu o último vídeo e o reproduziu em seguida.

Assim como a primeira, mostrava Ruth na cama, nua e com os olhos vendados.

Mas quando um homem entrava nessa época, ele estava

completamente vestido.

E em sua mão, ele segurava uma faca.

O homem se arrastou lentamente em direção à cama, mas, ao se aproximar, ficou claro que ele não desejava se deitar com a mulher.

Em vez disso, ele se inclinou e a beijou nos lábios. Isso foi obviamente fora do comum, pois Ruth levantou a mão e tentou tirar a venda dos olhos.

Mas o homem agarrou o pulso dela e cortou com a lâmina. O sangue jorrou imediatamente do ferimento, borrifando o homem e o corpo nu de Ruth.

Tommy sentiu-se mal e desviou o olhar quando eles começaram a se debater.

Ele já sabia o resultado.

Sentei-me à sua mesa... Josh me olhou nos olhos e me ofereceu uma xícara de café.

Darrell o cutucou nas costas.

"Isso é uma merda! Cara, levante-se! Deixe-me *sentar*. Essa é uma merda louca".

Tommy, ainda sem querer olhar para a tela, levantou-se da cadeira com gratidão e deu um passo para trás.

Darrell imediatamente tomou seu lugar.

"Isso é real, cara? *O quê?*"

Tommy fechou os olhos e tentou bloquear o som de Ruth Redds lutando por sua vida.

Havia algo de errado no fato de sua narrativa ter correspondido quase exatamente à realidade, como se ele tivesse causado isso de alguma forma.

Mas, pela primeira vez, essa bagunça não foi obra dele.

"É ele? Esse é o cara? Yo, Tommy!"

Tommy abriu os olhos e ficou feliz ao ver que Darrell havia parado o vídeo.

A imagem estava congelada entre os quadros, e ele teve que se inclinar para perto da tela para ver melhor.

O homem que segurava a faca era Joshua Redds e, como quando Tommy o encontrou em sua casa, sua expressão era plana e uniforme.

Tommy limpou a garganta.

"É ele", disse ele secamente.

Quando ele se afastou da tela, seu cotovelo derrubou a câmera no chão, e ele imediatamente se abaixou para pegá-la.

Darrell não pareceu perceber - ele ainda estava conectado e o vídeo ainda estava rodando."

"Isso é uma merda, negão. Isso é uma *merda*! *Caramba*."

Tommy olhou para o longo cabo USB em sua mão, depois seus olhos se voltaram para Darrell.

Ele não sabia para onde tinha ido a placa de metal; se tivesse que adivinhar, Tommy achava que provavelmente a havia colocado de volta no bolso. A arma, no entanto, ainda estava em sua mão direita, mas estava apoiada na mesa e apontada para a parede ao lado do computador.

Tenho que recuperar essa placa, pensou Tommy. Tenho que conseguir. Isso precisa acabar.

"Esse cara vai pagar muito *caro*. Você estava..."

No momento em que Darrell começou a se virar, Tommy enrolou o cabo em uma das mãos e, em seguida, passou-o pela garganta do homem.

Capítulo 30

O primeiro instinto de Darrell foi se levantar, mas Tommy o puxou para trás e a cadeira tombou.

De alguma forma, apesar de cair de costas, Darrell conseguiu segurar a arma.

Tommy estava pairando sobre o homem, puxando o cabo para cima com tanta força que o laptop caiu da mesa e se espatifou no chão.

"Vá se foder", sibilou Tommy, colocando um pé em cada lado dos ombros do homem.

Darrell respondeu levantando a arma.

Embora Tommy pudesse não ter considerado o homem como um assassino em circunstâncias normais, isso era tudo menos isso.

Tommy entrou em pânico. Ele sabia que não conseguiria fugir de uma bala, então fez a única coisa que conseguiu pensar: pulou em cima de Darrell.

Ele aterrissou no pulso do homem, e algo se partiu.

Uma fração de segundo depois, Tommy ouviu um estalo e sentiu o calor se espalhar por seu abdômen.

Sem saber se havia sido baleado, mas pensando que uma segunda bala poderia ser fatal, Tommy se inclinou para trás apenas o suficiente para afastar a arma.

Darrell, com o pulso dobrado em um ângulo não natural, não ofereceu resistência.

Achando que estava seguro por enquanto, Tommy se levantou e inspecionou seu estômago. Sua camiseta estava suja de sangue, mas ele não conseguiu encontrar nenhum buraco ou ferimento em lugar algum.

Esta é a segunda vez que quase levei um tiro nesta sala, pensou ele inexplicavelmente.

Darrell grunhiu, e Tommy olhou para baixo enquanto o homem puxava o cabo de sua garganta.

Seus olhos se arregalaram e ele respirou fundo, com o queixo inclinado para o teto.

Então ele gemeu.

"Foda-se."

Como Tommy momentos antes, o homem começou a dar tapinhas em seu corpo com as duas mãos.

Só que eles voltaram cobertos de sangue e Tommy podia ver um buraco do tamanho de uma bolota em sua camisa, logo abaixo do peitoral direito.

"Estou... estou morto... estou morto, cara!" Darrell gemeu.

Tommy deu dois passos para trás, balançando a cabeça.

"Ajude-me", implorou o homem no chão.

Agora, cada palavra vinha com um assobio, e o buraco em seu peito bombeava sangue como uma fonte em miniatura.

"Socorro!"

Darrell tentou se sentar, mas isso fez com que ainda mais sangue saísse do ferimento e ele caiu novamente.

"Por favor, me ajude. Leve-me para a porra... leve-me para a porra do veterinário . Cratom, cara. Me leve -*ahhhhh*".

Oh, porra, oh, porra, oh, porra, oh, porra.

Tommy cobriu sua boca com uma mão e agarrou a parte de trás de sua cabeça com a outra.

"Ajude-me..."

Darrell engasgou e depois tossiu.

O sangue jorrou entre seus lábios e ele se engasgou com o líquido viscoso.

Tommy observou quando o homem virou a cabeça para um lado e cuspiu. Então Darrell olhou para Tommy com olhos arregalados e úmidos.

"Por favor, me ajude."

Tommy, agora fazendo uma careta, com a respiração ofegante, afastou a mão do rosto.

"Eu... eu não posso", ele sussurrou. "Sinto muito, mas não posso."

Capítulo 31

Demorou mais de dez minutos para que o sangue finalmente parasse de sair do buraco de bala no peito de Darrell.

Tommy esperou por mais dez minutos antes de verificar o pulso do homem e confirmar que ele estava morto.

Só então ele se abaixou e tirou a placa de metal do bolso de Darrell e a colocou ao lado da câmera.

Suas mãos tremiam tanto que o prato vibrou sobre a mesa por uns bons trinta segundos depois que Tommy se voltou para o cadáver de Darrell.

O corpo não o assustava.

Tommy já havia visto muitos cadáveres em seu tempo.

Nem a limpeza iminente.

No que diz respeito a empregos, esse seria fácil.

O que assustou Tommy foi o fato de que ele não sentia nada por esse homem.

"Você não deveria ter tentado me apertar", disse Tommy. "Você não deveria ter feito isso."

Ele ficou olhando para o corpo de Darrell por mais um minuto ou mais antes de sair da sala e ir até a caminhonete.

E então Tommy começou a fazer o que fazia de melhor: limpar.

Quando Tommy terminou, o sol já havia começado a nascer. Ele estava exausto, mas isso era normal nos dias de hoje.

Ele também estava estranhamente orgulhoso de seu trabalho.

Dava para ver onde o carpete havia sido substituído - não era uma combinação perfeita, de forma alguma -, mas isso não importava. A cama estava em cima dele agora, inclinada de tal forma que cobria os pontos onde Ruth e Darrell haviam sangrado.

Ninguém perceberia a mudança. Diabos, não era como se Josh Redds fosse passar por lá e inspecionar o local.

A porta espelhada do armário, por outro lado, mostrou-se problemática. Ele não tinha uma folha de papel refletivo colado para substituir a que havia sido estragada por Vinny, então fez a melhor coisa a seguir: retirou tudo e tapou o buraco da bala.

Ele pensou em ir até a loja de ferragens e comprar um pouco do papel, mas não se sentiu à vontade.

Um colchão novo também teria que esperar.

Tommy tratou o corpo de Darrell da mesma forma que havia

tratado o de Chino Man. Ele o embrulhou em sacos de lixo e os prendeu com fita adesiva.

Darrell era mais leve do que Chino Man, por isso foi fácil colocá-lo sobre o ombro em um transporte de bombeiro, apesar de seu cansaço.

Movendo-se com determinação, ele jogou o cadáver na parte de trás de sua van com todos os seus suprimentos.

Dessa vez, ele nem se deu ao trabalho de disfarçar; apenas acenou para si mesmo e fechou as portas.

Em seguida, no banco da frente, Tommy pegou a ordem de serviço e anotou tudo o que havia feito para limpar o sangue de Ruth, deixando a sujeira de Darrell de fora.

O relógio no painel indicava que eram quase oito da manhã, o que era cedo, mas ele achou que não era cedo demais para tentar receber seu dinheiro.

Afinal, ele tinha pessoas e contas a pagar.

Tommy abriu o porta-luvas e jogou a placa de metal dentro. Ele estava prestes a fechá-lo quando seus olhos se depararam com o canivete quebrado de seu pai.

Você já o visitou? As palavras de Carm ecoaram inesperadamente em sua cabeça.

E, pela primeira vez, Tommy realmente considerou fazer exatamente isso. Fazia anos que ele não via o pai, e agora parecia ser um bom momento para receber alguns conselhos de pais.

Mas ele tinha trabalho a fazer primeiro.

Tommy esfregou os olhos e iniciou a curta viagem de carro até a casa de Joshua Redds.

O homem atendeu à primeira batida e pareceu surpreso ao vê-lo.

"Já terminou?"

Tommy assentiu.

"Foi um trabalho um pouco... bem, complicado, mas consegui fazer. Tenho sua fatura bem aqui", disse ele, segurando uma folha de papel.

O homem a pegou, mas Tommy a puxou de volta.

"Se importa se eu entrar? Prefiro fazer isso dentro de casa, para o caso de os vizinhos estarem ouvindo."

Josh levantou uma sobancelha, mas concordou.

Dessa vez, quando estavam na cozinha e Josh lhe ofereceu uma xícara de café, Tommy aproveitou a oportunidade.

O líquido quente serviu não apenas para umedecer sua garganta severamente seca, mas também lhe deu o estímulo de que precisava.

"Posso ver a ordem de serviço?" perguntou Josh ao se sentar em frente a Tommy.

"É claro." Ele a passou para o homem, que a examinou superficialmente. "Agora, sei que ficou um pouco acima do que conversamos, mas está bem próximo da estimativa. Removi e troquei

o carpete, mas não consegui um colchão..."

Josh assinou o papel rapidamente.

Quando olhou para cima, Tommy ficou surpreso ao ver o homem sorrindo.

Era difícil contrastar esse olhar com o da fita de vídeo depois de ele ter assassinado a esposa a sangue frio.

"Não tem problema. Estou feliz por ter terminado agora. Tudo bem se eu pagar com dinheiro?"

Tommy inclinou a cabeça para um lado.

"O dinheiro é rei."

Acho que o pagamento do seguro foi feito, afinal. É bom saber.

Josh deu as costas para Tommy e abriu uma pequena caixa no balcão.

Ficou claro que ele estava tentando bloquear a visão de Tommy dos maços de dinheiro que estavam lá dentro, mas fez um trabalho ruim.

Ele ofereceu a Tommy uma pilha de notas de cem.

"Vinte e nove mil... mais um pouco a mais por trabalhar tão rapidamente."

Tommy pegou o dinheiro.

"Obrigado", disse ele, levantando-se de seu assento. "Mas... mas os 2.900 dólares eram apenas para o trabalho."

Tommy bateu as notas na palma da mão.

"Sim, está tudo aí", respondeu Josh, parecendo confuso.

"Não, não, você não está entendendo." Tommy segurou o dinheiro.

"Isso era para o *trabalho*, mas eu preciso do resto."

"O resto? O resto do quê?"

Tommy colocou a mão no bolso e retirou a câmera.

"O restante do dinheiro que você recebeu por matar sua esposa, Josh. *Esse* resto. Não seja tímido agora. Pague."

Capítulo 32

Como era de se esperar, Joshua Redds não estava ansioso para se desfazer de sua nova fortuna.

"De que diabos você está falando?"

Tommy fez um som de "*tsk, tsk, tsk*" com a boca.

Com a mão que não segurava a câmera, ele tirou a arma de Darrell do bolso e a colocou sobre a mesa.

O rosto do homem ficou vermelho.

"Tudo isso", exigiu Tommy.

Joshua lhe entregou a caixa de dinheiro, e Tommy a pegou sem olhar para dentro. Ele abriu a tampa o suficiente para deslizar a câmera para dentro e a fechou novamente.

Em seguida, ele começou a se dirigir à porta.

"É só isso? Você só vai roubar meu dinheiro, porra?"

Tommy fez uma pausa no meio do caminho.

A expressão de Josh era quase idêntica à do vídeo.

Na verdade, ele pretendia apenas pegar o dinheiro que Josh tinha com ele naquela manhã, o que ele suspeitava ser bastante.

Mas agora ele mudou de ideia.

"Não, quer saber? Não é isso, Josh. Isso", ele sacudiu a caixa, "é apenas a primeira parcela. Voltarei no próximo mês e no seguinte. E a cada mês, vou esperar o pagamento de você".

O rosto de Josh se contorceu.

"O quê?"

"Sei que você me ouviu e sei que entendeu. Todo mês, você me pagará -" ele fez uma pausa - "dez mil dólares. E se não o fizer, se perder um pagamento sequer, ou se sair daqui, vou entregar esta câmera de vídeo para a polícia."

Com essas palavras de despedida, ele deixou a casa de Josh.

Enquanto ele dirigia, algo aconteceu no rosto de Tommy. Algo estranho, algo estranho.

Ele se olhou no espelho e ficou surpreso ao ver que estava com um sorriso de orelha a orelha.

Tommy estava terminando de abrir a fechadura quando a porta se abriu. Ela bateu dolorosamente em seu cotovelo, e ele grunhiu.

"Tudo o que você precisa fazer é bater na porta", disse o Dr. Alex Cratom ao se inclinar para o beco.

Tommy massageou o cotovelo dolorido.

"Bem, não fique aí parado, entre. Temos alguns assuntos a tratar, você e eu."

A respiração de Tommy ficava cada vez mais acelerada a cada passo que ele dava pelo corredor fétido.

Ele estava com muito medo de perguntar sobre Dustin, de perguntar se seu amigo ainda estava vivo.

O Dr. Cratom o conduziu de volta à sala de cirurgia, que estava vazia dessa vez. Então, ele se virou e olhou para Tommy.

"Você tem muita coragem de entrar aqui e deixar seu amigo desse jeito", disse o Dr. Cratom. "Tem mesmo muita coragem."

Tommy engoliu com força.

"A maioria das pessoas só vem para fazer uma plástica no nariz ou..."

"Diga-me que ele está bem", ele finalmente conseguiu. "Meu amigo, diga-me que ele está bem."

O Dr. Alex Cratom manteve seu olhar fixo por alguns segundos.

"Ele vai ficar bem. Você não teve notícias dele?"

Tommy teve de se agarrar à parede para não cair.

Ele está bem, o Dustin está bem.

Sua respiração ficou difícil.

"Não. Não, ainda não."

"Sim, consegui tirar a bala. Errei a artéria femoral por alguns centímetros. Para ser honesto, seu amigo teve muita sorte. Dei a ele alguns antibióticos e ele deve ficar bom em um mês ou mais."

Tommy não conseguia acreditar. Pela primeira vez, algo havia dado certo. É claro que a situação ainda estava muito ruim, mas o fato de que Dustin estava vivo e que ficaria bem era mais do que um alívio.

Foi uma dádiva de Deus.

Tommy colocou a mão no bolso, o que deixou o Dr. Cratom nervoso.

"Eu consertei seu amigo", ele repetiu. "Fiz o que você pediu."

Tommy sacou um maço de notas e o jogou para o homem. Ele a pegou.

"Dez mil, como prometido."

O Dr. Cratom ficou boquiaberto. Claramente, era mais dinheiro do que ele estava acostumado a receber por seus serviços ilícitos. O homem tentou agir com calma, colocando o dinheiro no bolso sem olhar para ele, mas era óbvio que ele estava desesperado para contá-lo.

"Obrigado por ajudar meu amigo."

"E-eu-certo que sim. Olha, eu *não* pude deixar de notar seu dedo. Quer que eu... quer que eu dê uma olhada?"

Tommy olhou para o curativo amarelo em sua mão esquerda. Ela estava manchada com o sangue de Darrell.

"Sabe de uma coisa? Acho que não. Está tudo bem."

O Dr. Cratom fez uma careta como se dissesse: "*Fique à vontade*".

"Eu o verei novamente em breve?"

Tommy não tinha certeza se isso era uma pergunta ou uma afirmação, mas respondeu mesmo assim.

"Não, acho que não. Acho que já terminamos aqui."

O médico o seguiu pelo corredor e, em seguida, abriu a saída de emergência e a segurou para ele.

"Posso lhe dar um conselho?" disse o Dr. Cratom quando Tommy apertou os olhos e entrou no beco.

Ele não estava com vontade de dar conselhos. Não estava com vontade de ouvir esse homem ou qualquer outra pessoa.

Mas ficou claro que o veterinário iria aplicá-la de qualquer maneira.

Tommy assentiu.

"Tanto faz."

"Eu não quis ofendê-lo quando disse que o verei novamente em breve. É que, em minha experiência, quando alguém chega dizendo que quer apenas esticar a pele sob o queixo, sei que é apenas uma questão de tempo até que queira Botox ou uma abdominoplastia. Sei que ela voltará. Porque esse primeiro passo? Esse é o mais difícil. Você sabe qual é o segundo passo mais difícil?"

Tommy fez uma careta, tentando entender o paralelo entre um ferimento a bala e um lifting facial.

Ele não conseguia ver nenhum.

"O que é isso?"

"Pergunta capciosa; não há uma segunda etapa. Uma vez que você veio aqui, sei que o verei novamente."

Capítulo 33

Tommy sentou-se em sua van, que havia encostado no acostamento da estrada, e olhou dentro da caixa de sapatos.

Além dos dez mil dólares que ele já havia pago ao Dr. Cratom, ainda havia mais dezessete.

Mesmo as pessoas mais pobres podem ter sonhos caros.

Com essa quantia de dinheiro, ele quase poderia se livrar da dívida. A recorrente, os cem mil dólares que ele devia mensalmente a Nick Petrazzino, era uma história diferente.

Mas ele também tinha um plano para sair dessa situação.

Tommy separou o dinheiro em três pilhas: dois mil, cinco mil e dez mil. Em seguida, pegou o telefone e percorreu os contatos antes de parar em *Marv*.

"Bem, eu não esperava ouvir falar de você por mais algumas semanas, Tommy boy", disse o policial Marv Pendergast sem provocação. "Acho que você não estava com vontade de dar um mergulho, estou certo?"

Tommy interrompeu o riso do homem.

"Aquele trabalho que você me deu? O dos Redds?"

"Sim. A vadia que se matou. O que tem isso?"

Tommy se encolheu.

"Sim, bem, eu o terminei e fui pago uma vez. Posso dar sua parte e até pagar antecipadamente pelo próximo trabalho. Eu só... eu só não quero nenhuma confusão como da última vez. Posso lhe pagar agora?"

Marv riu ainda mais.

"Você pode pagar agora?" Sua voz ficou abafada. "Scooter, você acredita nesse cara? Ele quer pagar adiantado. Parece que essa merda funcionou, não é?" Sua voz ficou clara novamente. "Pode crer, Tommy. Aceitarei seu dinheiro com prazer. E fico feliz em apoiar a *Wilde Clean-up* por mais algum tempo. Não é mesmo, Scooter?"

"De verdade."

"Ótimo. Bem, estou sentado aqui na entrada da casa da senhora dos Redds - apenas terminando uma papelada. Acha que pode me encontrar aqui?"

"Onde diabos é isso mesmo - sim, tudo bem, eu consigo. Estou comendo meu sanduíche e, depois que o Scooter me der uma bronca, vou logo para aí. Me dê quarenta minutos."

Tommy desligou o telefone e tentou dar a partida na van, mas foi recebido pelo som de engrenagens rangendo.

Ele abasteceu o carro duas vezes e girou a chave novamente. Mais moagem.

Tommy respirou fundo e olhou para o celular.

Ele não tinha o número de Vinny, mas Aurora, felizmente, havia programado o dela em seu celular em algum momento durante a noite que passaram juntos.

Ele clicou no nome dela.

"Tommy, está ligando para me agradecer por ter salvado sua vida?"

"Preciso falar com Vinny."

"Bem, não sei se você consegue perceber pela minha voz, mas não sou o Vinny."

Tommy tentou dar a partida no carro novamente, segurando o telefone perto do painel enquanto o fazia.

"Aurora, acho que estou com um pequeno problema aqui."

"O que é?", perguntou ela, com a voz subitamente séria.

"Minha van... não dá partida."

Aurora deu um risinho.

"Ah, por eu ser italiano, você acha que posso consertar seu carro? É isso?"

Tommy limpou a garganta.

"Não, não é isso. Tenho que terminar e... preciso de um reboque."

Houve uma longa pausa antes que Aurora voltasse a falar.

"Tommy, você precisa ser mais específico. Não sei se você acha que..."

"Você conhece o carpete?"

"O carpete?" Aurora perguntou.

"Sim, o pedaço de carpete que sumiu no meu último trabalho."

Aurora hesitou.

"Sim, acho que sei qual é", respondeu ela lentamente.

"Bem, eu o encontrei - o carpete, quero dizer. Ele está, *uhh*, todo gasto. E agora preciso me livrar dele. O problema é que o tenho aqui, na minha van, que não dá partida."

A pausa que se seguiu foi ainda mais longa do que a anterior.

"Merda", murmurou Aurora.

"Sim, é isso mesmo. Como eu disse, preciso de um reboque, mas..."

"Vou levar o Vinny até você, apenas me diga onde você está."

Tommy fechou os olhos e apertou a ponte do nariz. O café de Josh era forte e quente, mas estava começando a passar o efeito.

"Sim, estou perto do local onde perdemos o carpete. A cerca de dez minutos de lá, na Rota 8. Lado leste da estrada - não tem como não me ver."

"Fique quieto, Tommy, logo terei Vinny lá."

Tommy abriu os olhos e mastigou o lábio inferior.

"Aurora?"

"Sim?"

"Acho que talvez seja melhor que Vinny venha sozinho... só não

quero chamar a atenção, se é que você me entende."

Quando Aurora falou em seguida, sua voz mal passava de um sussurro.

"Espero que você saiba o que está fazendo, Tommy."

Eu também, pensou Tommy ao desligar o telefone. *Eu também*.

Capítulo 34

Tommy estava encostado na lateral da van, com as duas mãos enfiadas nos bolsos. A direita segurava a pequena arma que havia tomado de Darrell e a esquerda estava vazia.

Depois de quinze minutos, um carro que ele reconheceu parou atrás dele. Ele estacionou, mas ninguém saiu.

"Maldito jogo de poder", Tommy resmungou enquanto caminhava até o carro, com as mãos ainda nos bolsos.

Quando ele se aproximou, a janela baixou alguns centímetros e ele foi recebido pelo cano de uma arma.

"Sua namorada não está aqui para protegê-lo", disse Vinny com uma careta.

Tommy ficou aliviado por Aurora ter seguido seu conselho.

"Sim, mas ela lhe disse que eu encontrei seu ladrão desaparecido? Que encontrei Darrell?"

A janela se abriu um pouco mais e Vinny ficou olhando para ele.

"Ela me disse. Mas eu não acredito nela. Ou em você."

Vinny surpreendeu Tommy ao sair rapidamente do carro.

"Vou lhe dizer uma coisa, Tommy. Por causa do Nick, vou dar uma olhada no seu capô. Mas prometo a você que, se não houver nada de errado, se isso for algum tipo de jogo de merda que você está jogando, vou colocá-lo no meu porta-malas."

Tommy deu de ombros e juntos deram a volta na frente da van, cujo capô já estava levantado.

"Não sei o que aconteceu; ele simplesmente morreu em mim."

Vinny se inclinou para o motor, mantendo um olho em Tommy enquanto fazia isso.

O homem levou trinta segundos para identificar o problema.

"Sua vela de ignição está rachada."

"Sério?"

"De verdade, porra", respondeu Vinny.

"Você trouxe um com você?"

Vinny olhou para ele.

"Não, eu não trouxe um comigo, porra. Como eu poderia saber o que havia de errado com sua van?"

Tommy suspirou.

"Bem, não posso mantê-lo aqui. Preciso mudá-la de lugar... Tenho o carpete nos fundos."

Sem dizer mais nada, Vinny deixou Tommy e usou suas pernas longas e esguias para impulsioná-lo para a parte de trás da van.

Tommy o seguiu.

"Abra-o."

Tommy fez o que lhe foi pedido.

Os dois ficaram olhando para os sacos de lixo com o formato de um ser humano.

"Está querendo me dizer que encontrou Darrell? De alguma forma, você encontrou a bunda dele e depois... o quê? Matou-o?"

Enquanto falava, Vinny começou a levantar a arma novamente. Tommy, preventivamente, entrou na van, pegou os sacos de lixo perto da cabeça de Darrell e os rasgou.

"Que porra é essa?" Vinny arfou.

Tommy deu um passo para trás e desviou os olhos.

"Tommy, Tommy, Tommy..." Vinny assobiou. "Você me surpreende."

Ele ignorou o comentário.

"Tenho que tirar esse corpo daqui."

Vinny fez uma careta.

"Que porra você quer que eu faça a respeito? Esse é um problema seu - eu lhe disse isso quando você começou a fazer merda lá em casa. Esse problema é seu, você lida com ele."

Tommy ergueu os olhos e agarrou Vinny pelo colarinho. O homem ficou tão surpreso que tropeçou para trás.

"Não, Vinny, isso é problema *seu*. Seu problema. Você precisa tirar esse corpo daqui para que eu possa chamar a porra de um reboque. Eu tenho trabalho a fazer - se você e seu chefe querem ser pagos, eu *preciso* trabalhar."

Vinny o encarou por um momento antes de estreitar os olhos.

"Que porra você quer que eu faça com ele?"

A resposta de Tommy foi imediata.

"Apenas leve-o para a casa - o lugar de onde Darrell fugiu. Tratarei disso depois de consertar minha van."

Por um segundo, Tommy pensou que Vinny iria mandá-lo se foder, o que realmente atrapalharia seus planos.

Seus pensamentos se voltaram para a arma em seu bolso.

Um último recurso.

Mas Vinny deu um tapa em suas mãos e disse: "Coloque-o no banco de trás do meu carro".

"Estamos no meio do dia..."

"Coloque a porra do corpo no meu porta-malas."

Tommy deu de ombros e arrastou o cadáver de Darrell para fora da van. Ele havia endurecido, o que dificultava ainda mais o transporte, mas ele conseguiu.

Vinny seguiu-o de perto enquanto Tommy colocava Darrell no porta-malas do homem.

Assim como Oscar Buglioni e o tambor de cinquenta e cinco galões,

as pernas do homem se projetavam para fora de uma das extremidades. Tommy pressionou-as com um antebraço e, em seguida, fechou o porta-malas com a outra mão.

Um cadáver Jack-in-the-Box, pensou ele. *Isso vai sair como um cadáver Jack-in-the-Box.*

"Basta levá-lo para o último local e colocá-lo na sala de estar. Vou lidar com ele como lidei com o outro cara."

Estava claro que Vinny não gostava de receber ordens, mas ele não tinha muita escolha agora que o corpo estava em seu porta-malas.

Ainda assim, o homem se sentiu compelido a dar a última palavra.

"Não sei que porra você está tramando, Tommy, mas você teve sorte de ter pego o Darrell. Porque se você não tivesse..."

O homem sacudiu a arma.

"Leve-o para a casa", instruiu Tommy ao voltar para a van.

Vinny passou lentamente por ele e, embora as janelas estivessem muito escuras para ver o interior, Tommy sabia que o homem estava olhando para ele.

Deixe-o encarar, pensou Tommy. *Deixe-o olhar, porque eu garanto que, em poucos minutos, ele terá o olhar apagado de seu rosto feio.*

Capítulo 35

Assim que o carro de Vinny desapareceu de vista, Tommy se arrastou para a parte de trás de sua van. Ele jogou os materiais de limpeza de lado e encontrou a caixa de velas de ignição extras que sempre tinha à mão. Ele a abriu, pegou uma nova e correu para a frente.

Tommy retirou o plugue morto e o substituiu.

Em seguida, ele se sentou ao volante e girou a chave na ignição.

A caminhonete gaguejou, mas não deu partida.

"Vamos lá, seu pedaço de merda", ele rosnou. "*Comece.*"

Ele girou a chave novamente, mas em vez de ouvir o som satisfatório do motor girando, o único ruído que vinha de baixo do capô era um rangido metálico.

"Vamos lá, vamos lá", Tommy implorou enquanto continuava a abastecer e a girar a chave ao mesmo tempo. "Vamos lá - sim!"

A van começou a funcionar e ele engatou a marcha.

Tommy deu a partida, indo na direção da casa de Ruth. Em menos de cinco minutos, ele avistou o carro de Vinny à frente. O homem estava dirigindo devagar, como se costumava fazer com um corpo no porta-malas do carro.

Tommy ficou bem afastado. Ele sabia que não deveria estar aqui, que deveria voltar ao seu armário e se reagrupar, mas precisava ver.

Quando Vinny virou na rua de Ruth Redds, Tommy recuou ainda mais. Ele acabou parando a meio quarteirão de distância quando Vinny entrou na garagem.

Tommy então observou o homem sair do carro e caminhar até a casa.

Que diabos ele está fazendo?

Claramente desconfiado, Vinny abriu a porta e olhou para dentro. Ele poderia ter dito algo, mas Tommy estava longe demais para ouvir.

Aparentemente satisfeito com a falta de resposta, ele deixou a porta entreaberta e, com seu passo desajeitado, voltou para o veículo.

Depois de dar mais uma olhada rápida, Vinny abriu o porta-malas.

Assim como ele havia pensado, o cadáver praticamente pulou para fora.

Se Vinny tivesse esperado apenas mais um minuto, quarenta segundos até, o homem poderia ter escapado impune.

Mas Vinny estava evidentemente nervoso e impaciente.

No momento em que ele colocou a mão no porta-malas, uma viatura da polícia de Nova York passou por Tommy, viajando a pelo menos 30 quilômetros acima do limite de velocidade. Ele parou no

final da entrada da garagem, bloqueando o carro de Vinny.

Tudo aconteceu tão rápido que, antes que o homem tivesse a chance de fechar o porta-malas, um policial se aproximou.

Tommy se inclinou para fora da janela para ouvir.

"Quem diabos é você?" exigiu Scooter em uma voz estrondosa.

Saia do carro, Marv, Tommy implorou silenciosamente. Saia do carro e junte-se a seu parceiro.

De seu ponto de vista, ele podia ver Vinny sorrindo desajeitadamente, com as mãos estendidas ao lado do corpo, tentando interceptar o policial antes que ele se aproximasse o suficiente para ver dentro do porta-malas.

A mão de Scooter estava na coronha de sua arma e sua postura era agressiva, como Tommy sabia que seria.

"Dê apoio ao seu parceiro, Marv."

Mas logo ficou claro que Marv não estava no carro.

Scooter estava sozinho.

Foda-se.

"Um amigo do Tommy. Ele está limpando este lugar", disse Vinny enquanto Scooter continuava a se aproximar.

"Achei que o Tommy não tinha amigos", rebateu Scooter.

"É mais um conhecido, na verdade. Olhe, eu estava saindo de qualquer maneira..."

"O que você tem no porta-malas, amigo?"

Vinny deu de ombros.

"Nada, eu só estava..."

"- Afaste-se do porta-malas. Onde está o Tommy?"

"O carro dele quebrou na estrada."

Scooter soltou o fecho de seu coldre.

"Besteira, ele disse que ia me encontrar aqui."

"O quê? *Aqui*? Tem certeza?"

Isso estava se desenvolvendo muito lentamente para o gosto de Tommy. Marv, o mais precipitado dos dois policiais, deveria ser o único a confrontar Vinny.

Dois alfas esmagando crânios.

Scooter estava com algumas cartas a menos do que o baralho completo, mas tinha mais determinação do que seu parceiro.

E não era isso que Tommy queria, pelo menos dessa vez.

Ele decidiu tomar as coisas em suas próprias mãos e dar um empurrãozinho nos dois homens.

Tommy saiu da van e fechou a porta com toda a força que tinha.

Vinny e Scooter se viraram para olhar para ele.

Foi Scooter quem o chamou.

"Tommy? Que diabos está acontecendo aqui? Você sabe quem..."

Quando Tommy começou a atravessar a rua, viu Vinny enfiar a

mão na parte de trás de sua calça jeans.

"Scooter!", ele gritou. "Ele tem uma arma!"

Scooter, já nervoso, deu uma volta, sacando sua arma enquanto se movia.

O policial foi rápido, ambos foram, mas foi Vinny quem disparou o primeiro tiro.

Tommy instintivamente se agachou, mas, pela primeira vez, o projétil não era destinado a ele.

A bala atingiu Scooter no centro do peito, mas, para crédito do homem, ele conseguiu se manter de pé.

Além disso, ele mirou e disparou dois tiros.

Mesmo depois de levar um tiro, sua mira era quase perfeita.

O primeiro projétil arrancou a parte superior do couro cabeludo de Vinny e o segundo o atingiu no rosto, logo abaixo do olho esquerdo.

A arma de Vinny poderia ter um silenciador, mas a de Scooter não tinha, e os estrondos ecoaram pela rua como um trovão em uma caixa de papelão.

Volte para a van, Tommy. Saiam daqui!

Mas ele tinha que ver.

Tommy atravessou a rua correndo, chegando primeiro a Scooter. O homem estava agora deitado de costas, contorcendo-se de dor.

"Tommy? Porra, Tommy, eu fui atingido. Fui atingido."

Tommy passou por cima do policial e se aproximou de Vinny em seguida.

Ele havia caído para trás e estava meio deitado, meio sentado sobre os calcanhares. A metade superior de sua cabeça estava uma bagunça vermelha e cinza, e o buraco em seu rosto vazava sangue em sua bochecha.

Vinny estava morto.

"Tommy? Unnnghhh-Tommy, você precisa chamar uma ambulância".

Tommy olhou para Scooter e não pôde deixar de se lembrar de Darrell dentro da casa, poucas horas atrás.

Como no caso do jovem bandido, dar uma mão estava fora de questão.

Mas havia uma coisa que Tommy se sentiu compelido a fazer.

Ele retirou a pilha de dois mil dólares e a colocou em um dos bolsos do peito do homem.

"Tommy, que diabos você está fazendo?"

"Aqui está sua parte, Scooter, para este trabalho e para o próximo", disse Tommy ao passar por cima do corpo caído do policial. "Não se esqueça de dar a Marv a sua metade."

Com isso, ele voltou correndo para sua van, seguido de perto pelos gritos de Scooter.

"Não preciso da porra do dinheiro, Tommy, preciso de ajuda. Estou sangrando aqui fora, cara. Me ajude - Tommy? Tommy? *Tommy!*"

Capítulo 36

Tommy conseguiu descobrir o endereço de Dustin Wheeler em um formulário que ele preencheu há meses e dirigiu até a casa do homem.

Só que não era uma casa. Na melhor das hipóteses, era um apartamento térreo em ruínas.

Isso foi inesperado. A maneira como Dustin parecia tão despreocupado com dinheiro levou Tommy a acreditar que o homem estava bem de vida.

Claramente, esse não era o caso.

Tommy caminhou cuidadosamente sobre as pedras rachadas e quebradas até a porta da frente e procurou a campainha.

Como não encontrou nenhuma, bateu com os nós dos dedos machucados contra a porta de madeira descascada.

Quando ninguém respondeu, ele colocou as mãos em concha e as pressionou contra uma vidraça suja.

Ele não conseguia ver nada em seu interior.

Quando ele estava prestes a bater uma segunda vez, a porta se abriu.

"Tommy?"

Dustin estava pálido e tinha olheiras, mas Tommy ficou tão aliviado ao ver o homem que quase o derrubou com um abraço agressivo.

"Estou muito feliz que você esteja bem", ele murmurou.

Tommy o soltou e deu uma olhada melhor em Dustin. Ele estava usando uma camiseta folgada e um par de calças de corrida. Além do fato de que estava com uma das pernas machucadas, não parecia que ele estivesse pior.

Tommy nunca saberia que o homem havia sido baleado há menos de um dia.

"Porra, Dustin, sinto muito pelo que aconteceu."

"Não se preocupe com isso. Risco ocupacional".

Tommy fez uma careta.

"Foi uma bagunça e eu não sei o que você ouviu ou o que você..."

"Tommy, eu entendo. Foi um acidente. Estou feliz por você ter me ajudado quando precisei."

Tommy não deveria ter ficado surpreso com essa resposta, já que Dustin era tudo menos normal, mas ele ficou.

"Bem, eu sinto muito e fico feliz que você esteja bem. Aqui, eu trouxe algo para você." Tommy tirou cinco mil dólares de dentro de sua jaqueta de couro. "Eu disse que lhe pagaria, só precisava de um pouco de tempo para juntar o dinheiro, só isso."

Dustin olhou para o dinheiro, mas não fez nenhuma tentativa de pegá-lo.

"Ah, nossa, eu, *uhh*, não sei, Tommy."

"O quê? Você mais do que mereceu, Dustin. Pegue o dinheiro."

Dustin se mexeu desconfortavelmente.

"É... é demais."

"Não, não é demais", rebateu Tommy. "É a quantia certa. Pegue o dinheiro e..."

"Eu sabia, quando me inscrevi para esse trabalho, que ele era perigoso. Você não me deve nada."

Tommy nunca havia se esforçado tanto para dar dinheiro a alguém em toda a sua vida. Droga, todos em Nova York pareciam querer seu dinheiro, exceto o único homem que realmente o merecia.

"Não é um trabalho perigoso. Quero dizer, não é para ser."

Por fim, Dustin aceitou o dinheiro com relutância.

"Se você quiser desistir, eu entenderei. E se houver alguma conta médica..."

"Eu não quero desistir, Tommy. Não quando as coisas estão ficando interessantes."

Apesar da série de comportamentos e comentários estranhos do homem, esse foi, de longe, o mais alarmante.

"*Interessante?*"

Levar um tiro na perna, quase morrer, mas ser salvo por um veterinário... foi algo muito bom.

Mas não era o que Tommy consideraria interessante.

"Claro. Quero dizer, definitivamente não é entediante."

E isso era algo com que Tommy concordava.

"Bem, você mereceu."

"Obrigado."

Tommy segurou gentilmente o ombro de Dustin.

"Cuide de você."

"Eu vou."

Dustin estava sorrindo agora.

Tommy soltou o homem e navegou pela passarela quebrada de volta à sua van. Ele deu quatro ou cinco passos até que Dustin o chamou de volta.

"Tommy?"

"Sim?"

"O que aconteceu com o garoto? A que estava na casa?"

Tommy não se virou. Ele apenas abaixou o queixo até o peito.

"Ele está bem."

"E a câmera? A que está no armário?"

"Não tem nada", mentiu Tommy novamente.

Esperando que fosse isso, ele começou a se mover novamente.

"E quanto a outro emprego? Você acha que vamos conseguir um em breve?"

Tommy grunhiu.

"Não sei quanto a isso. Um dos caras que geralmente me envia os negócios está com alguns problemas de saúde. Cuide-se, Dustin. Se e quando eu conseguir outro emprego? Com certeza lhe darei um toque".

Até mesmo as pessoas mais pobres podem ter sonhos caros, pensou Tommy inesperadamente.

Ele estava cansado e precisava dormir, mas havia mais uma pessoa que ele tinha que ver hoje, mais uma pessoa que poderia usar seu dinheiro.

No entanto, não se tratava de uma dívida, pelo menos não do tipo extorsão, chantagem ou profissional.

Tratava-se mais de uma dívida existencial.

Tommy suspirou e iniciou a curta viagem de carro até *Our Lady of Assumption*.

Epílogo

Dia atual

Como em toda confissão, Tommy não se sentiu tão limpo quanto sujo depois.

Ele sabia que o Padre Miller nuncaalaria nada do que ele dissesse na confissão. Ele confiava no homem como não confiava em mais ninguém neste mundo.

Mas ele se sentia mal por sobrecarregar o padre com seus pecados. Claro, essa era uma grande parte do trabalho do Padre Miller, mas ele não podia deixar de sentir como se o homem estivesse destinado a adotar os pecados de Tommy como se fossem seus.

O Padre Miller poderia dizer o que quisesse sobre o fato de ser apenas um canal para Deus ou Jesus, mas a realidade é que ele teve que ouvir coisas horríveis e, ao fazê-lo, viveu-as.

Porque o Padre Miller era exatamente como ele, um homem imperfeito.

"Está se mantendo bem", comentou o Padre Miller enquanto ambos olhavam para o Jesus de plástico.

Tommy ficou surpreso e orgulhoso de seu trabalho.

Ultimamente, seu negócio estava mais voltado para desmontar coisas do que para montá-las novamente.

Consertar o plástico de Jesus foi um dos pontos altos.

"Quanto tempo você acha que ele vai aguentar?" perguntou o padre Miller.

Tommy se virou para olhar para o homem, mas os olhos do padre permaneceram fixos em Jesus.

Ele teve a impressão de que o padre não estava mais falando sobre o ídolo de plástico, mas sobre outra coisa completamente diferente.

"Bem, ele já passou por muita coisa, mas eu selei bem essas rachaduras. Você ficaria surpreso com a quantidade de pressão necessária para quebrar algo assim. Ou alguém."

Por fim, o Padre Miller olhou para ele.

Suas sobrancelhas grisalhas e espessas estavam erguidas na testa, como se ele esperasse que Tommy continuasse, que elaborasse.

Mas ele já havia dito mais do que queria.

Tommy entregou o último dinheiro de Josh Redds para o padre.

"Aqui", disse ele.

O padre Miller, assim como Dustin, recusou-se a aceitar o dinheiro. No entanto, a motivação do padre era diferente.

Ele inclinou o queixo para a cesta de coleta à esquerda do altar.

"Está bem, está bem, já entendi", disse Tommy com uma risada. "Não há tratamento especial para amigos, não é?"

Tommy se aproximou e colocou os dez mil dólares na cesta que estava vazia.

Para falar a verdade, Tommy não se lembrava da última vez que tinha ido ao *Rose's Deli* durante o dia.

Foi um alívio não ter que abrir a fechadura, embora Carm não a tivesse trocado desde que ele e Aurora haviam entrado.

Tommy entrou e examinou o interior, procurando o homem grande.

"Ei, a Carm está por aqui?", ele perguntou a uma mulher magra com sobrancelhas escuras e cabelos igualmente escuros atrás do balcão.

Ela não olhou para cima.

"Sim, mas ele está ocupado."

Tommy franziu a testa.

"Ele está ocupado? Carm nunca está ocupado. A não ser que ele esteja na lata".

Ele fez o comentário como uma piada, mas quando a mulher levantou a cabeça, ficou claro que ela não estava impressionada.

"Não, ele só está ocupado."

"Bem, se você disser a ele que o Tommy está aqui, ele sairá."

Mais daquela cara de cadela em repouso.

"Ele pediu para não ser incomodado."

"Sério?"

A mulher balançou a cabeça.

"Sim, desculpe. Volte amanhã."

Tommy suspirou.

"Tudo bem, tudo bem, eu só vou..."

"Espere, qual é o seu nome?"

"Tommy, Tommy Wilde."

A boca da mulher se transformou em um "o" minúsculo e Tommy achou que finalmente estava chegando a algum lugar.

Ele ficou rapidamente desapontado.

Em vez de subir as escadas para pegar Carm, a mulher foi até o balcão e tirou um grande sanduíche embrulhado em papel-manteiga.

"Ele disse para lhe dar isso. De graça."

Ela a empurrou para ele e Tommy a pegou. Com certeza, seu nome estava rabiscado na parte superior com a letra inconfundivelmente desleixada de Carmen.

Tommy estava com fome quando entrou na *casa de Rose*, mas de repente perdeu o apetite.

Ele conhecia Carmen desde criança e já tinha vindo aqui centenas, se não milhares de vezes, e nenhuma vez o homem lhe preparou um sanduíche e o embrulhou para levar.

Esse simplesmente não era seu estilo.

Tommy se lembrou da última vez em que esteve aqui, muito animado com Aurora.

Ele mal conseguia se lembrar do que havia acontecido, mas tinha certeza de que não havia feito nada muito estranho para ofender Carm.

Nada mais do que o normal, pelo menos.

"Ah, tudo bem, obrigado", disse Tommy, hesitante. "Diga a ele que passei por aqui e agradeça pelo sanduíche."

"Sim, claro."

Tommy saiu da *casa de Rose* e voltou para sua van.

Ele colocou o sanduíche no painel e ligou o veículo.

"Qual é o problema dele?", ele se perguntou.

Quinze minutos depois, Tommy entrou em sua garagem e pegou o sanduíche. Ele estava a dois metros de sua porta antes de perceber que ela estava aberta por vários centímetros.

Normalmente, ele era responsável e se certificava de que a porta da frente não estava apenas fechada, mas também trancada. Mas, ultimamente, ele estava saindo com um pouco de pressa. Tommy colocou a mão na coronha da arma de Darrell, que estava escondida atrás de suas costas, e abriu a porta.

"Alô? Olá? Tem alguém aqui?"

Tommy entrou cautelosamente em sua casa e depois congelou.

Uma mulher estava de pé no centro do saguão da frente, com os braços ao lado do corpo.

"Aurora? Que diabos está fazendo aqui?"

Seu rosto estava vermelho e sua postura estranhamente ereta.

"Aurora? O que está acontecendo?" Tommy precisou de toda a sua força de vontade para não correr até ela. "O que foi..."

Outra figura emergiu da sala de estar, esta mais baixa, porém mais grossa, do que Aurora.

Ele deslizou por trás dela e apontou a arma para sua têmpora.

Aurora nem se mexeu.

"O que você fez, Tommy?" O policial Marvin Pendergast sibilou.

"Que porra você fez?"

"Marv? Mas que diabos? Eu não..."

"Pague-me adiantado... O Scooter pode ter caído nessa besteira, mas eu não. Porra, eu até disse a ele que havia algo suspeito acontecendo, um sushi de posto de gasolina, mas ele não quis ouvir. E acabei de ouvir no rádio que o Scooter foi morto a tiros. Portanto, se as próximas palavras que saírem de sua boca não forem que tudo isso

é apenas um aborto de um erro, eu prometo a você - prometo, *porra* - que vou meter uma bala na cabeça de sua namorada."

FIM

Nota do autor

Perdoe-me, leitor, mas já se passaram menos de duas semanas desde o lançamento do meu último livro.

Espero que meus pecados possam ser perdoados.

Bem, pelo menos os relacionados à escrita. Quanto aos outros? Tenho minhas dúvidas.

Mas, falando sério, estou me divertindo muito escrevendo sobre Tommy Wilde. Ele é um personagem muito diferente de todos os meus outros protagonistas até o momento, mas não menos interessante.

E eu tenho um plano mestre.

Um glorioso plano mestre... e tudo o que eu quero fazer é contar a você. Quero *desesperadamente* lhe contar o que vai acontecer com o Tommy.

Porque você não vai acreditar.

Está bem, está bem, você torceu meu braço.

O quê? Não posso? Isso violaria meu contrato???

Ah, droga. Eu realmente queria lhe contar.

Acho que você terá de adquirir um exemplar de [THREE WILDE MONTHS](#), que foi lançado agora, para descobrir!

Continue lendo, e eu continuarei escrevendo.

Melhor,

Pat

Montreal, fevereiro de 2020

Detetive Damien Drake

Butterfly Kisses (com a participação de Chase Adams e Dr. Beckett Campbell)

Cause of Death (com participação de Chase Adams e Dr. Beckett Campbell)

Baixar Murder (feat. Chase Adams, Dr. Beckett Campbell)

Skeleton King (com a participação do Dr. Beckett Campbell)

Human Traffic (com a participação do Dr. Beckett Campbell)

Senhor das Drogas: Parte I

Senhor das Drogas: Parte II

Luta premiada

Quase Infame

Homem de palha

Empresa perigosa

Rosto feliz

Thrillers do FBI de Chase Adams

Frozen Stiff

Suspeito das sombras

Desenho de um morto

Alerta Amber

A história de Georgina

Dirty Money (com a participação de Dr. Beckett Campbell)

Cova do Diabo

Mulheres pintadas

Efeitos adversos

Já morto

Evidência direta

Sangue contaminado

Dr. Beckett Campbell, médico legista

Bitter End

Doador de órgãos

Injetando fé

Precisão cirúrgica

Não ressuscitar

Extraíndo o mal

Residência do Mal

Thrillers de Tommy Wilde

Uma noite selvagem

Duas Semanas Wilde

Três meses de Wilde

Quatro famílias Wilde

Thrillers de Veronica Shade

A cor do assassinato

O cheiro do assassinato

O som do assassinato

O Toque do Assassinato

O sabor do assassinato

Não se esqueça de dar uma passada no meu grupo do Facebook e dizer
oi! <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2023

Design de interiores: © Patrick Logan 2023

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023